

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I S O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 e 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

A desvalorização do franco

parece que não será acompanhada
por agora, da criação do «franco pesado»

Os ministros socialistas mantêm-se no Governo

PARIS, 27.—O Conselho de Gabinete esteve reunido desde as 21 horas até cerca de uma da madrugada, com uma interrupção de vinte minutos, à meia-noite, e volta a reunir esta tarde.

Depois da reunião, o ministro da Informação, Jacques Soustelle, declarou que os ministros combinaram manter a maior discreção quanto às decisões tomadas.

Sabe-se que o conselho chegou a

acordo sobre o conjunto dos problemas orçamentais, o qual implica a orientação da política do Governo em matéria económica, financeira e monetária.

Essas importantes decisões, que serão publicadas depois de ratificadas hoje como se espera, em conselho de ministros, dizem respeito às seguintes ordens de problemas:

1) *Modificação da taxa de cambio.* No momento em que vai entrar

em vigor o Mercado Comum, o nível médio dos preços na Alemanha é de 10 a 15 % menor que o dos preços em França. Daqui ser talvez conveniente desvalorizar o franco em 10 a 15 %.

2) *Convertibilidade.* Parece que os Ingleses, na luta comercial entre o Mercado Comum e a Zona de Livre Cambio, estão resolvidos a voltar à livre convertibilidade da libra. Essa seria mais uma razão para voltar a um cambio realista do franco.

3) *Criação do franco pesado.* A desvalorização de cerca de 15 % seria acompanhada pela criação do franco pesado, o qual equivaleria a 100 francos actuais. O novo franco teria, então, a ordem de grandeza do marco e do franco suíço. A sua entrada em circulação escalonar-se-ia pelo ano de 1959, e só em 1960 toda a actual moeda seria substituída pela nova.

Os reflexos internacionais

O restabelecimento de uma convertibilidade monetária, ainda que restrita, é destas medidas a que maior incidência pode ter no domínio internacional. Em todo o caso,

(Continua na ultima página)

Foram distribuídos os prémios do concurso promovido pelo «Diário de Lisboa»

«O Natal visto pelas crianças»

Podemos considerar-nos satisfeitos com o resultado do primeiro concurso «O Natal visto pelas crianças portuguesas». Esta iniciativa do «Diário de Lisboa», que teve o mais lisonjeiro acolhimento entre os artistas de palmo e meio espalhados por todo o País, permitiu reunir

mais de um milhar de trabalhos, que foram cuidadosamente apreciados pelo júri presidido pelo nosso director, sr. dr. Norberto Lopes, e de que faziam parte os srs. dr. Calvet de Magalhães, director da Es-

(Continua na 3.ª página)



A entrega do 1.º prémio ao pequeno José Jaime Marques

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

A arte de bem digerir (II)

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

As frutas, as nossas saborosas frutas, têm um lugar muito especial na alimentação das crianças e dos adultos. O seu perfume e aspecto, a cor e o aveludado da pele estimulam o apetite. Constituem um natural e óptimo regulador

do instestinal (propriedades laxativas) e, transformadas em sumos, representam um excelente alimento. Devem ser comidas antes ou horas depois das principais refeições.

No Verão, substituem as sopas com vantagem, muitas delas difíceis de digerir devido ao seu conteúdo em gorduras.

Servem para preparar saborosas bebidas, geleias e xaropes. Estes

(Continua na 13.ª página)

Visado pela
Comissão de Censura

Nota do dia

Sentimentalismo

Sabe-se agora que o macaco «Gordo», que foi para o ar na ogiva do foguetão «Jupiter», tinha mergulhado num sono profundo quando o engenho partiu para a sua viagem interplanetária — e não voltou a acordar. Ignora-se, porém, se teve sonhos, porque a tal estado de aperfeiçoamento não chegou ainda a aparelhagem de precisão colocada nos engenhos balísticos para registar as reacções dos

seres vivos que são lançados no espaço. Da cadelinha «Laika», se não estamos em erro, conseguiu-se uma espécie de cardiograma que registou com surpreendente regularidade as pulsações do seu pequeno coração até ao último suspiro. «Gordo» foi mais feliz. Adormeceu à partida e, como tinha o sono pesado, continuou a dormir regadamente durante a travessia e nem as acelerações extraordinárias do foguetão conseguiram acordá-lo. Tudo leva a supor, portanto, que não sofreu. Essa circunstância, embora sirva de consolação, não deve influir, assim o julgamos, nos protestos dos amigos dos animais, que tanta celeuma levantaram quando a cadelinha soviética foi para o ar no habitáculo do «Sputnik» e que se mostram, porventura, menos compassivos com a sorte do macaco americano. Morrer a dormir ou morrer acordado não deve, na verdade, alterar os sentimentos humanitários de algumas almas bem formadas que protestam contra o sacrifício dos pobres bichinhos imolados ao progresso da Ciência — e deliraram com os combates de galos, sem deixar de apreciar os divertidos torneios de tiro aos pombos, que tanto contribuem para a perfeição moral do género humano.

A QUESTÃO DE BERLIM — 2

Os aliados da Alemanha não estão dispostos a acompanhá-la numa política de irreductível intransigência

PARIS, Dezembro — Seria exagerado dizer que os Ocidentais enfrentaram divididos as questões relacionadas com a proposta soviética de 11 de Novembro sobre a neutralização de Berlim. Mas a verdade é que, se todos estão de acordo para rejeitar essa ideia e qualquer solução que modifique o actual estatuto da antiga capital alemã, há no campo ocidental profundas divergências sobre a atitude a tomar quanto à possibilidade de negociar com os soviéticos, uma vez que estes resolveram transferir os seus poderes de potência ocupante para o Governo da Alemanha Oriental.

Uma posição firme

O Governo de Bonn tomou, desde que

As 11 e 30, chegaram ao Hospital de S. Roque o dr. Henrique Martins de Carvalho, ministro da Saúde e Assistência, o engenheiro Saraiva e Sousa, subsecretário de Estado das Obras Públicas — que também representava o ministro, engenheiro Eduardo Arantes e Oliveira — e o engenheiro Gomes da Silva, director-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, que eram aguardados pelo provedor da Santa Casa, dr. José Guilherme de Melo e Castro, pelos provedores-adjuntos, drs. Charters de Oliveira e Pais de Sousa, pelo corpo clínico e por todos os chefes de serviço.

Antes das inaugurações, no átrio do Hospital, ante as maquetas do Centro de Recuperação de Deficientes Motores que a Misericórdia

(Continua na 13.ª página)

Diário de Lisboa

PUBLICA HOJE

32 páginas

nas quais se inclui

MAGAZINE

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

A questão de Berlim

(Continuação da 1.ª página)

Russos. Essa firmeza resultava, sobretudo, do desejo de não permitir que as nações ocidentais aceitassem a transferência de poderes da U. R. S. S. para o Governo de Pankow.

A tese dos dirigentes da Alemanha Ocidental era — e continua a ser — a de que não é possível qualquer compromisso a esse respeito. O problema para o chanceler Adenauer põe-se com uma grande simplicidade. Se os Russos transferirem para a Alemanha Oriental os seus poderes de fiscalização sobre as comunicações com os sectores ocidentais de Berlim, essa transferência não deve ser reconhecida. Para assegurar aquelas comunicações apelar-se-ia para a força. As comunicações manter-se-iam abertas recorrendo aos tanques e aviões ocidentais. A agência A. P. informou que o chanceler formulou junto dos aliados da República Federal um pedido formal nesse sentido.

Divergências de critério

Em Bonn gravavam-se disso afirmando que o ponto de vista do governo federal favorável a uma atitude de firmeza na questão de Berlim ganhava terreno nas capitais atlânticas. A mesma A. P. enviou um telegrama de Berlim dizendo que os Três Grandes ocidentais tinham chegado a acordo sobre um plano a pôr em prática, caso os Russos devolvessem os seus poderes ao Governo da Alemanha Oriental. Entretanto nos círculos oficiais da capital federal aumentavam as dúvidas sobre o que fariam os seus aliados, as quais inteiramente se justificavam. A imprensa americana falava, sem reticências, de divergências entre as nações ocidentais ao tratar da atitude mais conveniente a adoptar quando os Russos devolvessem aos Alemães de Leste os seus po-

O pessoal da Esso

reuniu-se num almoço

O pessoal da Esso Standard Portugal, Inc., reuniu-se, no Hotel Embaixador, num almoço de confraternização. Na mesa de honra sentaram-se os srs. Fernando de Castro Neves, que presidiu; William W. Hall, da Standard Oil Co. (New Jersey); dr. João de Jesus Rodrigues, gerente-adjunto da Companhia; eng. Virgílio Abrantes Pereira e Manuel Pampulim dos Santos, chefes de departamentos.

Na altura dos brindes, o sr. Manuel Pampulim dos Santos, historiador do desenvolvimento da Companhia nos últimos tempos, focando em especial o verificado no ano que ora finda, e, em nome de todo o pessoal, expressou ao sr. Fernando de Castro Neves, o alto conceito em que é tido por todos quantos trabalham na Organização Esso.

Seguiram-se, no uso da palavra, os srs. eng. Abrantes Pereira, chefe de operações de vendas, que analisou os resultados obtidos em 1958; e William W. Hall, que recordou o tempo em que, como representante especial da Standard Oil Co. (New Jersey), teve ocasião de trabalhar directamente com o sr. Fernando de Castro Neves e os seus colaboradores.

Levantou-se, por último, o sr. Castro Neves que agradeceu as elogiosas referências que lhe haviam sido feitas.

A esta reunião assistiram, também, os srs. drs. Abel de Andrade, Jr., Tomás Rocha, Gomes de Oliveira e Frazão de Faria, consultores dos sectores jurídico, médico e de relações públicas da Esso, e ainda, o sr. Campos Guerra, da Esso Exploration Guiné, Inc.



NEO-PENITROL

Uma nova fórmula potenciada
ANGINAS • FARINGITES • LARINGITES
TORREIAS • GENGIVITES • GRIPE • ETC.

deres de fiscalização sobre as vias de comunicação entre a Alemanha Ocidental e os sectores ocidentais de Berlim.

Era nisso que pensava o ministro da Defesa federal, Strauss, quando, em 21 de Novembro, falando numa reunião eleitoral, em Nuremberg, declarou: «Vamos entrar numa fase crítica em que a solidez das nossas alianças será posta à prova. A solidariedade dos nossos aliados demonstrar-se-á apenas se estes alinharem connosco na política de firmeza que preconizamos perante a tentativa soviética para modificar o estatuto de Berlim».

O duque do sr. Foster Dulles

As divergências entre Bonn e as outras capitais ocidentais foram postas em relevo, de maneira espectacular e inesperada, com as declarações do sr. Foster Dulles na sua conferência de imprensa de 27 de Novembro. Depois de declarar, mais uma vez, que o estatuto de Berlim é intangível e as nações ocidentais estão decididas a não abandonar a cidade, o secretário de Estado americano acrescentou que «seria possível tratar com o Governo da Alemanha Oriental, na qualidade de agente da União Soviética». Na sua opinião, do facto não resultaria o reconhecimento desse Governo pelos das potências ocidentais.

Das suas declarações concluía-se, e isso era sem dúvida o que lhes emprestava uma importância maior, que para esse efeito se chegara já a acordo entre os Ocidentais e o Governo de Bonn. Nesta cidade a reacção foi enorme ao mesmo tempo que nos círculos dirigentes da República federal se registava uma evidente perplexidade e irritação. O ministro dos Estrangeiros da República federal, von Brentano, não hesitou em dizer: «Não percebo nada do que está a passar-se». E de facto podia esperar-se de toda a gente menos do sr. Foster Dulles uma declaração como aquela que fizera e estava em contradição com tudo o que anteriormente dissera e fizera.

Uma tentativa vã

Mas em Bonn a decepção não se detivera aí. Não havia dúvida de que os Três Grandes ocidentais afirmavam que estavam ao lado do Governo da Alemanha Ocidental e essa solidariedade

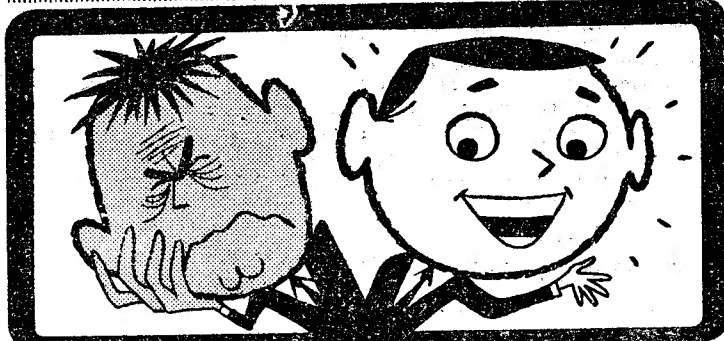
devia ter a sua expressão concreta na atitude deste Governo perante a iniciativa soviética. Ora nada disso acontecia. Logo em 22 de Novembro o Governo de Bonn propusera que se realizasse, imediatamente, uma conferência dos ministros dos Estrangeiros ocidentais a qual devia ter lugar em Berlim para intimidar os Alemães de Leste e os Russos, rejeitando-se unanimemente a proposta soviética sobre o futuro da antiga capital do Reich. Mas as sondagens diplomáticas feitas pelo Governo de Bonn nas capitais dos aliados deram um resultado negativo.

Todos entendiam que deviam realizar-se conversações sobre o assunto, mas não queriam que a estas fosse dado carácter provocador, como seria o caso da conferência de Berlim sugerida por Bonn. Os Ocidentais limitavam-se a manifestar o desejo de estudar as medidas a pôr em prática quando os Russos transferissem para o Governo da Alemanha Oriental os seus poderes de fiscalização nas vias de acesso à cidade. Mas nada na sua atitude autorizava a supor que rejeitavam, em relação a esse ponto, qualquer solução conciliatória.

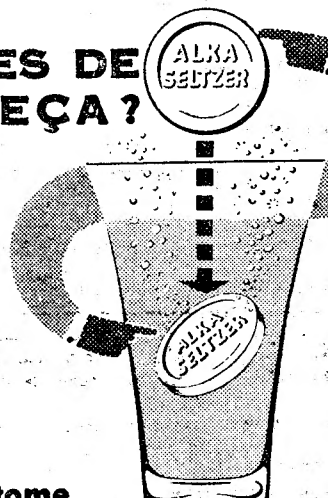
Por outro lado, não se fixara nessa altura uma data para a reunião dos Três Ocidentais, a qual só veio a ter lugar mais tarde quando se reuniu em Paris o Conselho da N. A. T. O. A decisão a esse respeito foi tomada apenas depois da segunda nota soviética (27 de Novembro), na qual se propunha que a parte ocidental de Berlim fosse transformada em cidade livre. Quanto ao local onde deveria realizar-se, ficou assente que não seria em Berlim, como queriam os Alemães, mas em Paris, como desejavam os seus aliados.

O Governo federal não conseguira, como pretendia, que estes secundassem a sua tese intratável. A última diligência nesse sentido foi a tentativa do chanceler Adenauer para ir a Londres. O Governo britânico fez-lhe, porém, saber que a sua visita era inoportuna pelo que o chefe do Governo federal foi obrigado a pretextar uma doença para a não realizar. Como escrevia, a propósito desse incidente o «Times», a reunião dos ministros dos Estrangeiros ocidentais não seria, como o chanceler desejava, «uma prova de força» com a União Soviética.

ATTICUS



DÓRES DE CABEÇA?



para
ALÍVIOS
RÁPIDOS

...tome

Alka-Seltzer*

Os componentes do Alka-Seltzer actuam em conjunto para, com rapidez, acabarem com as dores de cabeça, graças a um dos melhores analgésicos conhecidos. Milhões de indivíduos, em mais de 100 países, confiam no Alka-Seltzer para, rapidamente, aliviarem as dores de cabeça — pode fazer o mesmo!

* Marca Registrada

A revisão dos vencimentos e as categorias do funcionalismo

De um leitor interessado recebemos a carta que a seguir se transcreve e em que são corrigidas algumas referências publicadas no nosso jornal sobre os aumentos de remunerações dos servidores do Estado. Não nos move senão a intenção de esclarecer o público em matéria que directamente diz respeito a tantas dezenas de milhares de famílias. E' gostosamente, por conseguinte, que reproduzimos a carta referida, reafirmando o desejo de que outras informações esclarecedoras venham elucidar os aspectos ainda obscuros ou insuficientemente explicados nesta importante matéria.

...Sr. Director do «Diário de Lisboa»: No dia 21 do corrente mês o jornal que V. superiormente dirige pretendeu, em artigo sobre os novos vencimentos do funcionalismo publico, esclarecer as numerosas interrogações, motivadas pelo desconhecimento das categorias do funcionalismo a que correspondem as letras da classificação estabelecida pelo Decreto-Lei n.º 26 115, de 23 de Novembro de 1935.

De acordo com essa louvável intenção, estamos certos de que V. não deixará de lastimar que o citado artigo, em vez de totalmente esclarecedor, contenha determinações incorrecções que, se não fazem lei (infelizmente, no caso) induzem a erro muitos do que têm menos conhecimento da posição dos funcionários atingidos pelas deturpações.

No Decreto-Lei n.º 26 115, os regentes agrícolas e florestais estão distribuídos pelos seguintes grupos de vencimentos:

Categorias

	Vencimento-base (1935)	Vencimento actualizado
M — regentes agrícolas de 1.ª classe —	1.300\$00	3.200\$00
N — " " " 2.ª " —	1.200\$00	2.900\$00
O — " " " 3.ª " —	1.100\$00	2.600\$00

Publicações

«Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira»

Está em distribuição o 43.º fascículo da «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira».

Foram colaboradores especiais deste número, que é profusamente ilustrado no texto e em extra-textos, os prof. Manuel Valadares, dos Laboratórios Curie, de Paris, eng. Barroso Ramos, dr. Hernani de Barros Bernardo, dr. Afonso Zuquete, Cardoso Junior, João de Sousa Fonseca, Lopes de Oliveira, prof. Peres de Carvalho, prof. Bacta Neves, dr. Pedro Godinho, prof. Carvalho e Vasconcelos, padre Acácio Casimiro S. J., prof. Torre de Assunção, A. de Almeida Fernandes, Mota Junior, Eduardo Zuquete, Jorge, Macedo, C. de Brito Leal, Castro Lopes, Artur Tojal, Capitão Mimoso Serra, dr. Lyster Franco Ala Cerqueira, dr. Simões Mendes, comandante Salvador Mendes, dr. Travaços Valdez, Cristiano Lima, dr. Caetano de Abreu Beirão, dr. António Sérgio, prof. Barahona Fernandes, coronel Ribeiro de Almeida, dr. Máximo de Carvalho, dr. Rocha Madalil, Machado Faria e outros.

A Editorial Enciclopédia, Lda., resolveu o problema da expansão da obra, criando uma modalidade de venda a 30 meses, com a entrega imediata dos 37 volumes já publicados, mediante pagamentos mensais suaves.

«Stella»

Foi distribuído mais um numero da revista «Stella» — revista de Fátima — dedicada ao Natal. Profusamente ilustrada, insere colaboração vasta e escolhida.

Revista Militar

Foi publicado o fascículo n.º 11 da «Revista Militar», referente ao mês de Novembro, cujo sumário é

No referido artigo estas categorias foram incluídas nos grupos imediatamente superiores (L, M e N).

Anote-se que, talvez por erro tipográfico, a 2.ª classe não vem mencionada na categoria M repetindo-se que nesta estão incluídos os regentes agrícolas e florestais de 1.ª classe.

Como no jornal do dia 22, não encontramos qualquer rectificação, solicitamos de V. o obséquio de — afirmando a missão verdadeiramente esclarecedora da Imprensa — a determinar. Fazêmo-lo em nosso nome e sem procuração de quem quer que seja.

E' de notar — e por isso mesmo susceptível de ter repercussões junto de quem conhece, e assim julga satisfeitas, as reivindicações dos regentes agrícolas — que é precisamente a posição indicada pelo «Diário de Lisboa» a que pretendemos ver alcançada em futuro reajustamento, já que o não pôde ser desta vez, como sucedeu com outras categorias do funcionalismo.

Tal como o Agente Técnico de Engenharia, o Regente Agrícola é diplomado num curso técnico médio e desempenha funções de colaboração com os Técnicos dirigentes (denominando assim os Engenheiros Agrónomos e Silvicultores) que estão, nos serviços oficiais, ao mesmo nível das desempenhadas pelo Agente Técnico em relação ao Engenheiro Civil.

Se a organização dos cursos não é semelhante — e bem desejáramos que o fosse — esperamos que futuras reorganizações o adaptem às exigências dos cargos que ocupamos e dos tempos actuais.

Vencimento-base (1935) actualizado

	Vencimento-base (1935)	Vencimento actualizado
M — regentes agrícolas de 1.ª classe —	1.300\$00	3.200\$00
N — " " " 2.ª " —	1.200\$00	2.900\$00
O — " " " 3.ª " —	1.100\$00	2.600\$00

o seguinte: «O Marechal da F. A. Francisco Higinio Craveiro Lopes»; «Método de Trabalho de um Estado Maior»; «Ocupação Militar do Congo Português»; «O SPC do CEP e o 9 de Abril — um officio e uma carta»; crónica militar do Brasil e Aeronáutica; bibliografia.

«O jubileu do professor dr. Manuel Fernandes Marques»

A Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias e a Associação dos Estudantes da Escola Superior de Medicina Veterinária editaram uma monografia subordinada ao título «O jubileu do professor dr. Manuel Fernandes Marques», que insere uma completa reportagem da cerimónia do jubileu daquele catedrático.

Para os nossos pobres

A Campanha Vidreira Nacional, Limitada «Covina» enviou-nos 250 escudos para os nossos pobres. Agradecemos a benemérita oferta.



Vai casar a Fátima?

Mande fazer o banquete ou «copo de água» no Café-Restaurante Avé Maria. Sala própria. Telefone 41.

RESTAURANT "A BARRACA MUCHOXO"

1958 — 1959

Como sempre «Bom e Alegre» REVEILLON

PRAIA DO GUINCHO — TEL.: 089221

Partiu para Goa

o novo governador-geral da Índia Portuguesa

Acompanhado de sua esposa e dos srs. capitão Carvalho Figueira, chefe de gabinete, e João Mesquita, secretário, partiu esta manhã para Goa, no avião da T. W. A., o sr. brigadeiro Vassalo e Silva, novo governador-geral do Estado da Índia Portuguesa.

A partida, o governador-geral da Índia Portuguesa confessou-se animado do maior desejo de procurar corresponder à grande confiança nele depositada pelo Governo da Nação. Disse, ainda, que procurará accionar com entusiasmo todos os sectores da administração pública, desenvolvendo as obras de fomento, disciplinando e dando incremento a certas indústrias, activando

de e polarizando a instrução nos diferentes graus de ensino, dando uma forte contribuição às manifestações culturais, intensificando a assistência às classes mais humildes, dispensando um cuidado especial à formação da mocidade e, acima de tudo, manter no mais elevado grau o culto da Pátria.

Mostrando-se confiante no espírito de compreensão de todos os Portugueses do Estado da Índia e na indispensável colaboração de todas as suas classes, o brigadeiro Vassalo e Silva afirmou:

— Parto com a certeza de receber sempre, do Governo Central, o apoio necessário à resolução dos problemas que hoje incidem sobre a vida daqueles nossos territórios.

No aeroporto, a despedir-se do novo governador-geral, estiveram os srs. almirante Quintanilha de Mendonça Dias, ministro da Marinha; eng. Arantes e Oliveira, ministro das Obras Públicas; coronel Costa Gomes, subsecretário do Exército; capitão Bernardo Sá Nogueira, pelo ministro da Defesa Nacional; dr. Angelo Ferreira, pelo ministro do Ultramar; major Pinto Bessa, pelo ministro do Exército; capitão Bastos Martins, pelo subsecretário de Estado da Administração Ultramarina; eng. Gomes Ferreira, pelo subsecretário do Fomento Ultramarino; coronel Sá Viana Rebelo, governador-geral de Angola; general Benard Guedes, antigo governador-geral da Índia; general Abranches Pinto, embaixador de Portugal em Londres; e muitas outras individualidades.

O sr. brigadeiro Vassalo e Silva teve a amabilidade de vir ao «Diário de Lisboa», apresentar cumprimentos de despedida, gesto que muito nos sensibilizou.

Acordo russo-egípcio sobre a barragem de Assuan

CAIRO, 27 — Vai ser assinado, esta tarde, o acordo russo-egípcio para a construção da primeira parte da barragem de Assuan, ficando a Rússia responsável pelos aspectos técnicos de engenharia.

É de 400 milhões de rublos o valor do crédito soviético, em material e serviço. — (A. N. I.).



A entrega do 3.º prémio à menina Vera Maria San Payo de Lemos

Uma iniciativa do «Diário de Lisboa»

(Continuação da 1.ª página)

cola Elemental Francisco Arruda e a quem se deve o desenvolvimento do gosto pela arte infantil entre nós, arquitecto Antunes da Silva, professor da mesma escola, D. Alice Gomes, escritora e professora do liceu francês Charles Lepierre, Tossan, orientador gráfico do «Diário de Lisboa Juvenil», e secretário pelo nosso camarada de redacção Artur Portela Filho.

Seleccionados 106 trabalhos — tarefa, aliás, muito difícil, dado o numero e a qualidade das obras apresentadas — fez-se uma exposição na Casa da Imprensa, onde ontem, ao fim da tarde, se procedeu à entrega dos valiosos prémios que constam da lista publicada no nosso numero de 24 do corrente e constituídos por excelentes chocolates Regina, interessantes obras da Livraria Portugal, artigos de pintura e desenho da Casa Ferreira e brinquedos e jogos da Majora.

Assistiram à distribuição, além de muitas crianças e de suas famílias, o sr. eng.º agrónomo Pedro Manso, pelo conselho de administração da Renascença Gráfica, proprietária do «Diário de Lisboa», bem como os representantes das firmas que colaboraram gentilmente na nossa iniciativa, fornecendo os prémios, sr. Xavier Antunes, administrador da Regina, e Pedro de Andrade, sócio-gerente da Livraria Portugal, e ainda delegados da Casa Ferreira e da firma Mário J. Oliveira & Irmão, Lda. (Majora), do Porto.

A entrega dos prémios, que encheram de satisfação e de surpresa os premiados, foi sublinhada com animadas palmas, sobretudo da petizada que assistia ao acto.

Alguns dos concorrentes não compareceram, quer por não serem de Lisboa, quer por se encontrarem, acidentalmente, fora da capital. Os prémios que lhes pertencem podem ser recebidos, quanto aos concorrentes que são de Lisboa, na nossa administração, e quanto aos que são do Norte, na nossa delegação do Porto, na Rua do Almada, 40, 2.º.

REGIONALISMO

Prosseguindo as comemorações do XXIX aniversário da sua fundação, a Casa da Comarca de Arganil promove hoje, às 22 horas, na sua sede, um sarau de arte, seguido de baile.

Amanhã, das 16 às 20 horas, realiza-se a habitual tarde dançante.

Draga para Moçambique

Na segunda-feira, pelas 17 e 20, será lançada à água, nos estaleiros da C. U. F., do porto de Lisboa, a draga de sucção «Buzi», encomendada pelo Ministério do Ultramar para Moçambique.

O PROBLEMA DOS CARDÍACOS — II

Uma larga campanha de assistência aos doentes para a sua recuperação vai começar em Portugal

Pelo Dr. ALFREDO FRANCO

Vimos já que os cardíacos não são criaturas inválidas, mas, pelo contrário, podem ser recuperados para actividades úteis, com benefício próprio e de interesse comum. Contudo, os doentes que hoje saem das enfermarias perfeitamente compensados, regressam, em grande numero e a breve prazo, com o mal agravado, pela falta de um auxílio social, que lhes forneça medicamentos e lhes promova a colocação em funções compatíveis com o seu estado. Se esse apoio social existir, se se lhes proporcionarem ocupações compatíveis, muitos desses doentes deixarão de transformar-se, como hoje sucede, em legião de inválidos, irrecuperáveis em curto tempo para qualquer mister, pois a doença vai-se agravando até amarrá-los à cama, de onde dificilmente poderão erguer-se. Num país, como o nosso, que, segundo ouvimos dizer, possui poucos recursos, mais grave se torna o problema, por ser mais difícil suportar, por debilidade económica, grande numero de inválidos. Em nações onde o assunto tem sido devidamente considerado, estão a pôr-se em prática, em larga escala, métodos de reabilitação, de forma a impedir, tanto quanto possível, o desenvolvimento de doenças de invalidez.

Quando a definição de um médico americano, entende-se a reabilitação como «a arte, a ciência de restabelecer um indivíduo naquele nível de actividade física e mental compatível com a capacidade funcional do seu coração». Além de outros prejuízos, a inactividade deixa marcas profundas na esfera psicológica do doente. Estudando os aspectos somatopsíquicos da doença, Fisher chegou à conclusão fácil de que o indivíduo atingido por certo grau de incapacidade é lesado não só no físico mas também no moral.

Ao traçar um esquema de tratamento a longo prazo, o médico terá, portanto, de levar em conta tanto a afeição orgânica em si, como as suas possíveis repercussões sobre a personalidade do doente. É evidente que tudo será orientado pelo clínico, e que a reabilitação só se efectuará nos casos — que são, no entanto, a maioria — em que o clínico a julgar indicada.

As possibilidades de trabalho dos cardíacos têm sido convenientemente estudadas, e perfilhamos inteiramente as conclusões de Benton, quando diz que «o cardíaco e o não cardíaco não diferem grandemente no dispêndio de energia para a execução das actividades familiares da vida e da ocupação diárias, desde que a reserva cardíaca não seja excessiva». As crises de angina do peito são em menor numero durante as horas de trabalho do que no domicílio. Talvez o facto de o doente saber da existência de um serviço médico junto ao local de trabalho lhe dê uma sensação de segurança que lhe falta quando no domicílio.

O problema da recuperação e da readaptação ao trabalho

Temos de entrar, pois, resolutamente, no caminho da reabilitação dos nossos cardíacos e de impedir, no possível, a sua inactividade,

apoiados em aquisições recentes sobre fisiologia do trabalho.

Para estruturar uma campanha no plano nacional, de modo a que dela beneficie todo o País, é para o Estado que termos, naturalmente, de nos dirigir, em primeiro lugar, rogando-lhe não só apoio financeiro e possibilidades de coordenação e cooperação com os demais serviços da Assistência, mas solicitando ainda medidas legislativas que destinem e façam reservar as funções de menor dispêndio de energia para os funcionários que sofrem de coracão. Depois, pediremos a colaboração de outras entidades, como sejam o comércio e a indústria, às quais rogaremos a adopção de providências similares das que requeremos ao Estado.

A incapacidade para determinada tarefa não a implica para outra mais leve; e, assim, em vez de inválidos, teremos indivíduos que continuam a ser úteis, não só à comunidade mas até mesmo aos seus próprios olhos. Nalgumas grandes empresas americanas, onde o assunto foi perfeitamente compreendido, está a proceder-se já à classificação do trabalho, não em função do salário, mas consoante o dispêndio de energia. Deste modo, será possível «colocar o cardíaco em tarefas compatíveis com a sua capacidade física», no conceito de um cientista.

O caminho que teremos de percorrer é longo e difícil. Mas o percurso será mais fácil de encontrarmos boa vontade e compreensão da parte de todos, incluindo o doente. Recordamos dois episódios que ilustram a necessidade dessa compreensão. Um deles diz respeito a um homem de pouco mais de 30 anos, o qual, depois de ter tido alta, regressou à ocupação habitual na fábrica onde trabalhava. Sofrendo do coração, foram-lhe dadas dadas as indicações julgadas convenientes para ele poder continuar a trabalhar sem que por isso o mal se agravasse. Em determinada manhã, o nosso homem atrasou-se na saída de casa e, a alguns metros de distância do emprego, verificou que só correndo teria possibilidade de chegar a tempo de marcar a presença no relógio do ponto. Assim o fez, mas caiu morto antes de atingir o relógio. Essa corrida contra-minuto foi-lhe fatal. O doente olvidou — e o esquecimento foi trágico — a sua precária condição de cardíaco. O outro caso passou-se há dias. Um homem de 65 anos, a quem foi feita a recomendação de nunca andar depressa, respondeu que tal não era possível, pelo menos nas horas de trabalho, e explicou: — «E' que o patrão está a ver; e, se eu não andar depressa, julga que o facto de propósito e despede-me». Aqui, a incompreensão é do patrão. Uma das nossas missões terá, portanto, de ser a de levar o esclarecimento destes assuntos tanto aos seus como aos doentes, aos patrões como aos empregados.

É a jornada que o Instituto de Cardiologia Social, a cuja comissão instaladora — que nos honramos de pertencer — preside o prof. João Porto e de cujo conselho técnico fazem parte os nossos eminentes cardiologistas, vai iniciar, graças (além dos do Estado, da Misericórdia de Lisboa e de alguns particulares) a um subsídio de vulto da benemérita Fundação Gulbenkian. A' esclarecida inteligência e ao largo espírito de compreensão e generosidade do sr. dr. Azeredo Perdigão fica a cardiologia social, no nosso País, a dever grande impulso. É também um pouco de compreensão e de boa vontade que teremos de pedir a todos aqueles a quem formos bater á porta. Aqui fica o apelo, com a certeza antecipada de que será ouvido.

O Tratado de Amizade e Consulta luso-brasileiro

RIO DE JANEIRO, 27 — Foi afirmado que Salazar não aprovou as conclusões da comissão portuguesa organizada para dar o seu parecer sobre o Tratado de Amizade e Consulta, firmado entre o Brasil e Portugal. A afirmação consta de uma carta do ministro das Relações Exteriores, Negrão de Lima, lida no Senado Federal pelo senador Lima Teixeira. Explica o ministro Negrão de Lima, que o tratado somente entrará em vigor depois de ratificado pelas Camaras dos dois países e que, em face da decisão de Salazar, os entendimentos estão suspensos.

O senador Lima Teixeira, que solicitara informações a respeito do tratado ao Itamarati, dirigiu um apelo às duas Chancelarias, solicitando-lhes que encontrem solução pronta para o assunto. — (A. N. I.).

Procurou a Agência A. N. I. obter informações sobre o telegrama acima, sendo-lhe assegurado que o presidente do Conselho, prof. Oliveira Salazar, aprovou as conclusões da comissão portuguesa encarregada de apreciar o Tratado de Amizade e Consulta Mutua.

TARIFAS ESPECIAIS DE EMIGRANTES

PARA O **BRASIL**

RECIFE . . . 8.029,20

RIO DE JANEIRO . . 8.584,80

S. PAULO . . 8.770,20

4 viagens semanais no já famoso DC-7C

PANAIR DO BRASIL

AVENIDA DA LIBERDADE, 68 • TEL. 3.19.63 • LISBOA

MONTE CARLO

AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 49-C

Sensacional noite de S. Silvestre

BOA CEIA — BOA MÚSICA — MUITA ALEGRIA

SURPRESAS!

BRINDES PARA TODAS AS SENHORAS

Conjunto Sousa Machado

Os espumantes para esta ceia são das conhecidas **CAVES ALIANÇA**

Reserve a sua mesa pelos telefones **44789 e 59264**

Leite-Creme
d'A Mariazinha

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

Para Paris, seguiu ontem o tenor Tomé de Barros Queirós. A par da sua actuação numa «boite», fará uma gravação de discos, com música portuguesa.

—No próximo mês, devem começar no Teatro Variedades os ensaios duma nova revista, original de Fernando Santos e Carlos Lopes.

—Passa hoje o aniversário natalício do popular actor Carlos Leal, que se encontra reformado pela Caixa de Previdência dos Artistas Teatrais.

—O acordeonista António Mestre, que já se encontra no Rio de Janeiro, de regresso do Norte do Brasil, foi contratado para a Rádio Tupi.

—No Teatro Monumental, prosseguem os ensaios da peça «O Feitiço de Oza».

—No Teatro da Independência de Santos (Brasil) realizou, há dias, um recital a artista Rosária Meireles, que teve grande êxito.

—Para o desempenho do novo filme «O passarinho da ribeira», foi convidado o actor António Silva.

—A declamadora Itacy de Almeida, que depois de estar em Lisboa algum tempo, seguiu em digressão pela provincia de Angola, encontra-se no Rio de Janeiro, tendo realizado um recital na Associação Brasileira da Imprensa.

—O Rancho Ta-Mar, da Nazaré, após a exibição das suas danças e cantares, ante o coreógrafo brasileiro Décio Stuart, ofereceu-lhe um barro típico da região, lembrança da sua passagem por aquela vila.

—A companhia Laura Alves na temporada que está a fazer no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, só representará a comédia «A rainha do ferro-velho».

«O Diário de Anne Frank»

em últimas representações

Está a despedir-se do publico «O Diário de Anne Frank». As suas representações durarão apenas até ao Ano Bom. Até lá, portanto, podem as pessoas que ainda não admiraram este espectáculo, ir ao Trindade, para não perderem uma peça que jamais esquecerão, interpretada por um grupo de comediantes notáveis, de que fazem parte Maria Lalande, Fernando Gusmão, Luís de Campos, Fernanda de Sousa, Isabel de Castro, Costa Ferreira, Lígia Teles, Canto e Castro, Ri-

beirinho e Maria Armada, na protagonista.

«Gigi», de Colette

continua no Monumental

A peça «Gigi», que foi representada noutros países por grandes elencos, apresentou, entre nós, a revelação de uma nova artista no teatro declamado, Milu, que é a protagonista, ao lado de um excepcional elenco, com Irene Isidro, Brunilde Judice, Maria Paula, Álvaro Benamor e Virgílio Maciel.

«Gigi» representa-se hoje, às 21 e 45, no Monumental, para maiores de 17 anos, e amanhã à tarde, às 16 horas.

Teatro infantil

No domingo, às 16 horas, no ginásio do Clube Atlético de Que-
luz, o grupo cénico infantil desta agremiação, dirigido por Stelio Gil, apresentará a fantasia musical «O lobo que figura de bobos».

Primeiras exhibições

«Orgulho e paixão»,
no Império

O Império estreou anteontem, Dia

de Natal, um filme que bem pode considerar-se um brinde aos seus frequentadores nesta quadra festiva — «Orgulho e paixão». Stanley Kramer um nome que é um sinónimo de marca de qualidade, foi o seu produtor e realizador. Esta obra mereceu reparos dos nossos vizinhos espanhóis, em cujo país a acção ocorre, na época das invasões francesas, mas nem por isso ela deixará de poder ser tida como extraordinária, colossal mesmo, se considerarmos separadamente algumas das suas sequências. O filme abre com um grande plano excelente, que logo nos dá a medida do mérito excepcional do realizador: o Exército espanhol, vencido, ao retirar do campo de batalha. Depois, é a odisséia épica de um punhado de guerreiros que juraram com sangue levar um canhão famoso até as muralhas de Avila, onde se encontrava o quartel-general dos opressores, para abrir brecha na fortaleza e vingar a afronta da invasão.

Não obstante os defeitos apontados em Espanha a obra de Kramer — os Americanos têm dificuldade em compreender a alma espanhola — «Orgulho e paixão» presta homenagem ao patriotismo dos Espanhóis, patentiando-nos a sua te-

nacidade e o seu heroísmo, que muitas vezes, no filme, quase atinge as raias da loucura.

Milhares de figurantes são dirigidos com aparente facilidade pela mão de mestre de Kramer. Algumas das sequências da marcha do canhão são esmagadoras de realismo. Mas não só a dirigir as grandes massas de figurantes e a dar a aparência de realidade à acção se evidencia Kramer um mestre. O êxito das criações de Frank Sinatra, Cary Grant e Sophia Loren — as três figuras que são o fulcro do dramatismo da novela — assenta também na direcção notável do grande realizador.

No capítulo da interpretação, deve salientar-se em primeiro lugar a magnífica criação de Frank Sinatra, uma figura plena de humanidade e de intenções que só um grande actor com os seus raros recursos seria capaz de nos dar. Cary Grant mostra-se o actor convicido de sempre, sóbrio, mas exacto, perfeito. Quanto a Sophia Loren, embora pensemos que haveria em Espanha muitas «Juanas» mais espanholas, correspondeu perfeitamente ao que dela se poderia esperar de melhor. Os outros intérpretes são espanhóis e isso contribui imenso para integrar a acção no clima próprio do país em que ela se desenrola e onde o filme, aliás, foi rodado.

A música, a cor e a fotografia são de alta qualidade.

Entre os documentários, conta-se um curioso: «Samba aéreo», em que helicópteros dançam polcas, valsas, tangos e, até, rumbas e ritmos norte-americanos! — Visor 55.

«No reino das fadas», no S. Jorge

Não mais Rim-tim-tim, não mais King-Kong, fora com esse francês que é mocho e fala como uma fêmea... Abaixo todos esses cães-zinhos, boizinhos, e corcazinhas que acompanham desveladamente rapazes espertinhos e bonitinhos. Metam na casota essa simpática Lassie! Hoje, e caindo verdadeiramente no reino das fábulas e nesse maravilhoso tempo em que os animais falavam, estamos num mundo exclusivamente habitado por pequenos animais que vivem, numa total aspiração antropomófica, uma história que seria justo fazer viver por homens adultos. A autora da história é, aliás, Louise de Vil-morin.

Ao realizar «No reino das fadas» (Une fée comme les autres), Jean

(Continua na 6.ª página)

«BOITE»
DA MELHOR
SOCIEDADE

Pasapoga

Emp. MANUEL ZEFERINO
(ADULTOS M. DE 17 ANOS)
TODOS OS SABADOS E DOMINGOS
MATINES - DANÇANTES DAS 18
AS 20 HORAS, COM TODO O ELENCO

PERMANENTE MUSICA DE BAILE POR
SÉRGIO E A SUA ORQUESTRA

EM VIBRANTE EXITO
O «BALLET»
ESPECTACULO

NOCHES
DE ESPAÑA

MAYTECHU

COM SUS «CLAVELES
ESPAÑOLES»

UM NOTÁVEL CONJUNTO
EM BAILADOS TÍPICOS E EM
CANÇÕES CASTIÇAS

Noite do Fim do Ano: Sensacional e grandioso

REVEILLON

QUE SERÁ LEMBRADO COMO O MELHOR DE TODOS!

MUITAS E VARIADAS SURPRESAS NUM PROGRAMA
INCOMPARÁVEL E CHEIO DE NOVIDADES

BRILHANTE «SHOW» DE «MUSIC-HALL» POR TODO O ELENCO
COM A COLABORAÇÃO DE SÉRGIO E SUA ORQUESTRA EM 2
ADMIRÁVEIS «SKETCHS» AULA MUSICAL E VALSA TIROLESA

ÀS ZERO HORAS:

APRESENTAÇÃO DA «MARCHA PASAPOGA» ESPECIALMENTE
ESCRITA PARA ESTA NOITE E QUE SERÁ CANTADA POR
TODOS OS ARTISTAS COM O CONCURSO DO PUBLICO!

LARGADA DE POMBAS QUE SÃO
PORTADORAS DE VÁRIOS BRINDES

MOMENTO CULMINANTE: ENDIABRADO CONCURSO DA MODERNA
DANÇA «HULA-HOPE», DIRIGIDO PELAS FORMOSAS BAILARINAS MARY CARMONA E MARINA, COM A PARTICIPAÇÃO
DO PUBLICO!

ABC

Emp. Teatral ABC, Ld.
Telef. 366783

UM ÊXITO
DE
GARGALHADA

VINHO NOVO

PARA MAIORES DE 17 ANOS

AMANHÃ
e DIA DE ANO NOVO
Espectáculos à tarde
BILHETES A VENDA
PARA QUALQUER DIA

Charutos
PRINCEPS
Cigarrilhas

NO TRINDADE

HOJE — ÀS 21 e 45 (17 ANOS)

Em últimas representações

O Diário de
Anne Frank

UM ÊXITO QUE VAI TERMINAR

DESCONTOS A UNIVERSITÁRIOS, M.P. e F.N.A.T

DOMINGO

ÀS 16 e 20
(PARA MAIORES DE 6 ANOS)

TARDE INFANTIL
COM

O Pão que o Diabo
Amassou

E
UM PEDIDO DE CASAMENTO
PREÇOS POPULARES

NO MARIA VITORIA

Emp. «E. Salvador e R. Martins, Ld.»
As 20.30 e 22.45 (Adultos — M/17 anos)

SALVADOR

APRESENTA A SUA MELHOR REVISTA

POR CAUSA DELAS...

4.º
MÊS DE
UM ÊXITO!

AMANHÃ
ESPECTACULO A TARDE
AS 16 HORAS

Teatro Nacional
de Dona Maria II

TODAS AS NOITES, às 21 e 45
(12 ANOS)

UM GRANDE ÊXITO

O PROCESSO DE JESUS
TODA A COMPANHIA

AOS SABADOS, ÀS 16 HORAS
TARDES POPULARES

A PREÇOS REDUZIDOS COM

O processo de Jesus

O TEATRO ESTÁ AQUECIDO

Taverna
Sevilhana

apresenta

Carlos Vilaret
e o seu conjunto

Adultos M/17 anos

Telefone 34982

Crianças ao circo

do Natal, esta noite no Coliseu. Elefantes, cavalos, «poneyes». Palhaços. Banda escocesa de raparigas. Sensacionais acrobatas húngaros. Amanhã, à tarde, espectáculo para crianças

Hoje, às 21 e 30, crianças de todas as idades podem ver a sensacional companhia de circo do Natal no Coliseu. As mais alucinantes atracções. Arca de Noé da bicharada. Elefantes, cavalos, «poneyes», cães. Acrobatas aéreos estupendos. A banda feminina escocesa Dagenham Girl Pipers, tocando gaitas de folas. Palhaços, aramistas, a «troupe» do Sahara, e muitos outros fenómenos. Amanhã, «matinée» às 16 horas.



SÉRIE SUPER-DE-LUXE
COMPLETO AUTOMATISMO

ECRAN DE 43 CMS.
ROBOT-REGULADOR
PARA SINCRONIZAÇÃO AUTOMÁTICA
OLHO MÁGICO DE CONTRASTE
PARA REGULAÇÃO AUTOMÁTICA
GERADOR DE IMAGENS NÍTIDAS
FORMADOR DE SOM BLAUPUNKT
COM REGULADOR ACÚSTICO
2 ALTIFALANTES PARA SOM EM 3D
COM COMPRESSOR DE RESSONÂNCIA
BUSSOLA COM RITA MÁGICA
ANTENA BIPOLAR INCORPORADA

Preço Esc. 7.990\$00
A VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

PONTO AZUL

Confraternização de estudantes

Todos os naturais da Índia Portuguesa, que se encontram a estudar na Metrópole, vão reunir-se, na terça-feira, às 16 horas, no Instituto Superior de Estudos Ultramarinos. Esta festa de confraternização é organizada por monsenhor Francisco Martins e p. Graciano Morais, professores daquele estabelecimento de ensino superior.

TRIUNFALMENTE, A CAMINHO DAS

60 REPRESENTAÇÕES !!! NO AVENIDA

Telf. 2 72 73

A EMP. LAURA ALVES EM COLABORAÇÃO COM GIUSEPPE BASTOS APRESENTA AS 21.45

A COMPANHIA DO «TEATRO DE SEMPRE» NO GRANDE ESPECTÁCULO CÔMICO DA TEMPORADA!

O MENTIROSO

BRILHANTEMENTE INTERPRETADO POR: SAMUEL DINIZ, CARMEN DOLORES, ROGERIO PAULO, MADALENA SOTTO, HENRIQUE SANTOS, ALBERTO GHIRA, MARIO PEREIRA, CONSTANCA NAVARRO, ALEXANDRE VIEIRA, FERNANDO ALVES, ARMANDO CALDAS e ALBERTO DE OLIVEIRA

P. maiores de 12 anos

Amanhã, domingo e Dia de Ano Novo, às 16 h., Espectáculo à tarde

Recintos de diversões

Organizado por Filipe Pinto e Tristão da Silva, realiza-se hoje, no Salão Lusó, um festival cuja receita reverterá a favor do cantor António Meneses, que se encontra doente.

— Carlos Velez e Jesus Gouveia fazem parte do conjunto que vai desempenhar os trabalhos de Carlos Conde. «Recordar é viver» e «Mais quatro contos», que brevemente começarão a ser exibidos.

BUGIO

Telefone 643198

RESTAURANTE E SNACK-BAR

Pastelaria — Salão de Chá — Bifhars — Salão para banquetes, casamentos, baptizados, festas, etc. Largo 5 de Outubro STO. AMARO DE OEIRAS

CONJUNTOS INGLÊSES SÉCIA BOUTIQUE

31, Rua da Conceição Tel. 30546 — LISBOA

Limpia Clube

Felet. 367581

REVEILLON 1958

SURPRESAS ATÉ UM ELENCO BAILE PELA ORQUESTRAUM «REVEILLON» ALTAS HORAS MONSTRO ALMEIDA CRUZ INCONFUNDIVEL

Cartaz dos Cinemas

SAO LUIS

TEL. 2717

15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/6 anos) Cinemascope Techn. NOVO FESTIVAL TOM & JERRY

O grande espectáculo desta quadrada para o publico de todas as idades. Reveillon 31 Dezembro — Cinema, Music-Hall, Baile. (M/15 anos)

EDEN

TEL. 20768

15.30 - 18.30 e 21.30 O filme em Mag-nascope e em Technicolor COWBOY

— Como nasce um bravo — com Glenn Ford e Jack Lemomm Um grande e excepcional filme (Maiores de 12 anos)

CONDES

TEL. 22523

3.ª SEMANA 15.15 - 18.15 e 21.30 (M/6 anos) O mais belo filme para a mais bela quadra do ano em Eastmancolor

A FAMILIA TRAPP NA AMERICA

com Ruth Leuweik e Hans Holt e os 7 miudos de Trapp

ODEON

Telefone 26283

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos) Uma alegre e deliciosa comédia com Walter Chiari e Isabelle Coray

BONS DIAS AMOR

Cinemascope — Eastmancolor

ROYAL

TEL. 845037

As 21 (M/17 anos) AMAR NÃO É PECADO No progr.: Entre a vida e a morte

CINEMA IDEAL

Telefone 44194

As 21 (M/12 anos) OS CAVALEIROS DA TÁVOLA REDONDA Mulher sem nome

FIVOLI

TEL. 50595

A's 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M/17 anos) O famoso romance de Françoise Segau

UM CERTO SORRISO

Em Cinemascope e Cor de Luxe, com Rossano Brazzi, Joan Fontaine e Christine Carere Amanhã, às 11 h. — S. clás. «Viagem em Itália» — (M/17 anos)

POLITEAMA

TEL. 26305

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/6 anos) EM 2.ª SEMANA TRIUNFAL!

A famosa maravilha de Walt Disney em Português e em Tecnicolor A GATA BORRALHEIRA Em comp.: O doc. col. O VALE DO CASTOR.

AVALADE

Telefone 763046

15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.45 (M/6 anos) Cinemascope Techn. NOVO FESTIVAL TOM & JERRY

Um espectáculo para agradar em cheio a miudos e graudos.

MONUMENTAL

TEL. 55131

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos) Uma produção de Walt Disney

O mais belo poema de ternura e emoção dirigido a todos os corações. O RAPAZ E O CÃO

com Dorothy McGuire, Fess Parker e Tommy Kirk Em complemento. PORTUGAL, de Walt Disney — em Cinemascope e Techn.

LIFE

TEL. 48560

As 21 (M/17 anos) Technicolor INDISCRETO Warnerscope Nascimento de um Império

GERRASSO

TEL. 20917

A's 21 (M/12 anos) A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS — c/ Cantinflas

IMPERIO

TEL. 58134

15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos) A gigantesca e galvanizante realização de Stanley Kramer em Vistavision e Technicolor

ORGULHO E PAIXÃO

com Cary Grant, Sophia Loren e Frank Sinatra Devido à longa metragem o espectáculo da tarde começa às 15.

SAO JORGE

BALCÃO 54154 PLATEIA 54153

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/6 anos) Feito para miudos... E' um filme para todos

NO REINO DAS FADAS

interpretado só por animais Eastmancolor — Supervision Hoje, às 15.15 - 21.30 — 2 espectáculos infantis, com palhaços, brindes e surpresas

ROMA

Telefone 727778

15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos) As aventuras do pequeno salimbanco cuja origem era um mistério

SEM FAMILIA

em Eastmancolor com Pierre Brasseur, Gino Cervi e Joel Flateau

AVIS

Telefone 47162

15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/6 anos) 2.ª SEMANA Um novo romance sentimental que vai enternecer todos os corações

O MELHOR DIA DA MINHA VIDA

com Paul Hörbiger, Elinor Jensen e o grupo dos PEQUENOS CANTORES DE VIENA

RESTELO

Telefone 610375

21.15 (M/12 anos) Cinemascope, Techn. A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS

com Cantinflas, David Niven e 40 artistas

CASINO ESTORIL

21.30 (M/17 anos)

O ALEGRE AVENTUREIRO c/ John Gregson

LUSO

T. da Queimada, 8-A — Tel. 32859

Adult. M. 17 anos Hoje (até de madrugada) Extraordinária «Soirée», em homenagem ao popular cantor, ANTONIO MENESES

na qual actua uma «Parada» de Artistas. NOITE DE FIM DO ANO grande «REVEILLON» com FADOS e BAILE Brindes às senhoras Amanhã — Grandiosa «Matinée»

CAFÉ CHAVE D'OURO

Salão de Chá GRANDE REVEILLON

Com

B A D A R Ó

o extraordinário actor e fantasta brasileiro

AURELIA RIOS

Bailarina de bailes clássicos espanhóis

CONJUNTO «PORTUGAL»

com o cantor RICARDO LUIZ

Maiores de 17 anos



A TIPOIA

Restaurante Típico

De: ADELINA RAMOS

Jantares e Ceias — Cozinha Portuguesa

Adelina Ramos

Todas as noites, FADOS E GUITARRADAS

Hoje sábado. GRUPO FOLCLÓRICO «SETE SAIAS» em danças Regionais e FANDANGO.

Noite de FIM ANO, como já é tradicional, grande animação e alegria. FADOS, DESGARRADAS, DANÇAS REGIONAIS, FANDANGO, BALARICO SALOIO e muito mais surpresas. — (Para m/17 anos).

Cantinho da Mãe Preta

Beco do Azinhal — ALFAMA

Telf. 366183 — M. DE 17 ANOS

Maria da Conceição

à frente dum brilhante agrupamento artístico. Todas as noites fartamente ovacionado

FADO RIGOROSO e CANÇÕES TÍPICAS

VARIACÕES A GUITARRA

VARIACÕES A VIOLA

O CANTINHO DA MÃE PRETA está sendo preferido pelas melhores famílias.



M. da Conceição

«BOITE DE NUIT» **NINA** (Adultos, m. 17 anos)
R. Paiva Andrade, 11
APRESENTA
LONDON REGENT BALLET
COM SETE ESCULTURAIS BAILARINAS
ATENÇÃO AO GRANDIOSO REVEILLON
COM UMA FAMOSA ATRACÇÃO FRANCESA
MARCAM-SE MESAS

Chás Dançantes às 5.^{as}, sábados e domingos

DESSPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

Se o Benfica em Guimarães registrar a sua primeira derrota o campeonato criará um novo interesse

Amanhã, começa a segunda volta do «Nacional» da 1.ª Divisão (14.ª jornada) com os seguintes jogos:

V. Setubal-F. C. Porto
V. Guimarães-Benfica
Cuf-Belenenses
Académica-Torriense
Sporting-Barreirense
Lusitano-Sp. Braga
Caldas-Sp. da Covilhã

Os três primeiros classificados são visitantes, enquanto o Vitória de Guimarães, o 4.º, enfrenta o Benfica, «guia» do torneio — sem derrotas.

Este apontamento é suficiente para atribuir à ronda n.º 14 um interesse especial, dado que os três jogos podem ser decisivos para uma arrancada mais firme dos «encarnados» a caminho do título que eles têm, aliás, perseguido, com assinalado brilho.

O vaticínio é arriscado, visto que tanto a Cuf, como os dois Vitórias são capazes de triunfar, embora a homogeneidade dos «azuis», do Norte e do Sul, e dos benfiquistas pareça indicar que tudo continuará na mesma na classificação geral. Aliás, é esta a perspectiva mais firme.

Nos restantes encontros, a adopção do estilo ofensivo por parte da Académica, Lusitano e Sporting influirá na sorte do Torriense, Sp. de Braga e Barreirense, embora qualquer destas equipas pense, quanto antes, afastar-se da «zona perigosa».

Com as mesmíssimas preocupações vão defrontar-se o Caldas e o Sporting da Covilhã — os ocupantes da cauda da classificação, embora os serranos tenham menos um jogo, por sinal a disputar no seu campo. Afigura-se que os Caldeses (que «em casa» são coleccio-

naram 6 pontos em 6 jogos) vão experimentar sérias dificuldades. Basta lembrar a proeza dos Covilhenses em Guimarães que de 0-3 conseguiram um precioso 3-3.

Se, efectivamente, os 5 1.ºs classificados conseguirem manter as diferenças que os separam, entre si, a 2.ª volta despertará um interesse particular no que respeita à fuga dos últimos lugares.

As prováveis formações

V. SETUBAL — Justino; Polido e Manuel Joaquim; Alfredo, Vaz e Serra; Inácio, Fernandes, Mendonça, Miguel e Virgílio. F. C. PORTO — Pinho; Virgílio e Barbosa; Roberto, Arcanjo e M. da Costa; Carlos Duarte, Hernani, Noé, Teixeira e Perdigão.

LUSITANO — Vital; Vicente ou Narciso e Paixão; Olmedo, Falé e Garcia; Flora, Quinto, Caraga, Batalha e José Pedro. SP. BRAGA — Cesário; Armando e J. M. Azevedo; Passos, Calheiros e Pinto Vieira; Rafael, Amador, Amado, Mendonça e J. M. Matos ou Teixeira.

V. GUIMARÃES — Sebastião; Virgílio e Daniel; Barros, Silveira e João da Costa; Bártolo, Edmundo, Ernesto, Carlos Alberto e Romeu. BENFICA — Costa Pereira; Serra e Angelo; Zéinho, Artur e Alfredo; Chino, Mendes, Aguas, Coluna e Cavém.

CUF — José Maria; Durand e Abalroado; Oliveira, Palma e Orlando; Rodrigues, Moreira, Quaresma, Carlos Alberto e Uria. BELENENSES — José Pereira; Pires e Carlos Silva I; Carlos Silva II, Figueiredo e Vicente; Dimas, Yauca, Tonho, Matateu e Tito.

SPORTING — Octávio de Sá; Lino e Hilário; Mendes, Mourato ou Osvaldinho e Valente; Hugo, ou Vasques, Ferreira Pinto ou Vasques, Martins, Travaços e Moraes. BARREIRENSE — Bráulio; Páncica e Abrantes; Lanza, Pinto ou Silvino e Arturo; Freire, Faia ou Correia, José Augusto, Godoy ou Moyano ou Carlos Alberto (ex-Ateneu de Leiria).

CALDAS — Rita; Amaro e Rogério; Anacleto, Sairava e Dantas; João, António Pedro, Mateus, Sarrazola e Lenine. SP. COVILHÃ — Rita; Helder e Couceiro; Lorenzi, Franco e Lourenço; Mantiqueiro, Gabriel, Suarez, Cabrita e Oscar Silva.

ACADÉMICA — Teixeira; Marta e Araújo; Malícia, Wilson e Torres; Chipenda, Miranda, Rocra, André e Bentes. TORRIENSE — Pinheiro; Amílcar e Bernardes; Helder; António Manuel e Manuel Carlos; Isidro, Vitor, Azevedo, Carlos António e Bezerra.

HÓQUEI EM PATINS

O Torneio de Montreux disputa-se em fins de Março

O tradicional torneio de Montreux, para o qual se instituiu a «Taça Lusitania», disputa-se em 1959, de 27 a 30 de Março. Oito seleções prometeram a sua participação: Portugal, Espanha, Itália, Alemanha Ocidental, Inglaterra, França, Holanda e Suíça.

HOJE, À NOITE

BADMINTON—Prossegue o «Regional» da 1.ª Divisão, a partir das 21 horas, com os encontros Triângulo-Sporting, em S. Bento; Direito-Lisboa Ginásio e Técnico-Benfica, ambos no ginásio da Escola Nuno Gonçalves.

VELA—Na sede do Oriental, o velejador inglês, Louis Brandon King, apresentará um filme sobre os seus cruzeiros de recreio.

XADREZ—7.ª sessão do torneio do Grupo Alekine, em primeira categoria, às 21 e 15 horas.



«REGIONAL» DE BASQUETEBOL

Belenenses e Atlético

registraram duas vitórias difíceis

Sporting, 103-Tabacos, 27
Nacional, 49-C. Ouriç., 37
Benfica, 50-Belenenses, 53
Queluz, 38-Atlético, 39

A quarta ronda da segunda volta ia proporcionando duas grandes surpresas, as derrotas do Belenenses e do Atlético frente às equipas do Benfica e do Queluz. As decisões só foram encontradas nos derradeiros segundos dos encontros e mesmo assim houve que recorrer por parte dos vencedores ao congelamento da bola, situação que com a lei dos 30 segundos já não é fácil de criar.

A classificação geral ficou assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Score	P.
Sporting	11	10	—	1	874-506	31
Belenenses	11	10	—	1	688-521	31
Benfica	11	7	—	4	639-550	25
Nacional	11	5	—	6	524-513	21
Tabacos	11	4	—	7	524-620	19
Atlético	11	3	—	8	477-639	17
C. A. C. O.	11	2	—	9	462-648	15

Na primeira partida, os «leões» fizeram um jogo em jeito de treino, dando-nos, por vezes, algumas boas jogadas. Garranha fez o «gosto ao dedo» obtendo só a sua conta 32 pontos, contra 18 de Abílio e 17 e 16, respectivamente de José Santos e Layne, este último o Americano que o Sporting fez alinhar pela primeira vez na sua categoria principal. A «novidade» não se portou mal, mas é de registar que não teve adversário que o molestasse. O Tabacos para não perder o encontro, por falta de comparência, limitou-se a dar a sua presença, fugindo até ao contacto pessoal a fim de evitar faltas pessoais.

Na segunda partida, o Nacional, já com a sua equipa-base completa, teve de certo modo dificuldade em avançar no marcador, mas a sua pujança atlética impôs-se no segundo tempo, apesar de uma reacção esboçada pelo Campo de Ourique, próximo do fim.

O terceiro encontro, o mais importante — Benfica-Belenenses — proporcionou bom despique, sendo em tudo um desafio de campeonato. A emoção esteve patente, a partir da forte reacção benfiquista quando iam decorridos 10 minutos da segunda parte. Os «azuis» iniciaram a partida no seu jeito de ataque e contra-ataque rápido, a desfazer a defesa adversária. Este sistema proporcionou-lhe certas vantagens tanto mais que o Benfica pro-

«NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

Em Espinho e no Estoril

disputam-se jogos de muito interesse

A 17.ª jornada do campeonato nacional da 2.ª Divisão está marcada para amanhã, estando previstos, na zona Norte, os seguintes encontros:

Leixões (24)-Gil Vicente (14)—(0-0)
Vianense (10)-Boavista (23)—(1-3)
Espinho (18)-Oliveirense (18)—(0-3)
Vila Real (15)-Chaves (17)—(0-1)
Sanjoan. (16)-Tirsense (15)—(1-1)
Salgueiros (18)-Peniche (16)—(2-3)
Portaleg. (5)-Marinhense (15)—(1-2)

No conjunto, este programa tem inegável interesse, embora se apresente, talvez, como o jogo de mais fácil prognóstico, aquele em que intervêm o «leader» — o Leixões, a quem, todavia, é de aconselhar não confiar excessivamente.

O Boavista tem uma deslocação difícil e tem de acautelar-se para não se distanciar do guia.

As equipas do Sporting de Espinho, Vila Real e Salgueiros é de atribuir favoritismo, sendo mais reservado o vaticínio em relação aos jogos de São João da Madeira e Portalegre.

* * *

Relativamente à zona Sul, estão previstos os encontros:

Atlético (27)-Coruchense (10)—(3-2)
Estoril (19)-Almada (19)—(0-1)
Serpa (12)-Oriental (15)—(1-3)
Portimon. (16)-Arroios (11)—(2-4)
Olhanense (22)-Sacaven. (11)—(1-1)
Juventude (14)-Farense (17)—(0-4)
Montijo (19)-Desp. Beja (10)—(3-1)

Como sucede na zona Norte, o «leader» joga em «casa» e merece favoritismo, embora se espere decidida oposição do Coruchense, em situação de perigo.

O desafio Estoril-Almada é de bem maior interesse, não só porque se consideram as duas equipas com possibilidades niveladas, mas tam-

bém, porque o resultado será decisivo para as aspirações de ambos. O prognóstico é na verdade muito difícil.

Das três equipas lisboetas em digressão, apenas, a do Oriental merece certo favoritismo, embora tenha de se lhe exigir aplicação constante. O Arroios e o Sacavenense não deverão regressar vitoriosos do Algarve... a menos que surja uma surpresa. O jogo de Évora apresenta-se equilibrado e o do Montijo deve proporcionar uma vitória aos locais.

Competições da A. F. L.

Nada menos de quarenta desafios marcou para amanhã a A. F. L. correspondentes a cinco competições. Teremos, pois:

Camp. distrital da 1.ª Divisão (16.ª jornada) — Casa Pia-Desp. Givais, Futebol Benfica-Alverca, Alhandra-Vilafranquense, Vitória-Sintense e Operário-S. L. Olivais — todos nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar, às 13 h. (em reservas) e às 15 h. (em honra). Exceptua-se o encontro F. Benfica-Alverca, em reservas, por f. c. do Alverca.

Camp. distrital da 2.ª Divisão (8.ª jornada) — Castelo-Ericeirense (em Moscaide), Palmense-Odivelas (em Palma), U. Povoense-Amoreiras (na Póvoa), Charneca-Santa Iria (na Charneca) e Amadora-Fanhões (na Amadora) — todos às 15 horas.

Camp. distrital da 3.ª Divisão — Série A (4.ª jornada) — Queluz-Alto da Eira (em Odivelas), Cascalheira-Carcavelos (nos Olivais-A. Gaspar), Lourel-1.ª de Dezembro (no Lourel), Belas-Linda-a-Velha (em Belas) e Cacém-Algés (no Cacém) — todos às 15.30 horas. **Série B (5.ª jornada)** — Camarate-Castanheira (em Camarate), Bucelenses-Caneças (em Bucelas), Vialonga-Povoense A. C. (em Vialonga), Pinheiro de Loures-Malveira (em P. Loures), Ponte de Frielas-Tojal (em P. Frielas) e Zambujalense-Loures (no Zambujal) — todos às 15.30 horas.

Campeonato de Juniores da 1.ª Divisão — Fase final (1.ª jornada) — Série A — Oriental-Benfica e U. Algés-S. L. Olivais. **Série B** — Belenenses-Sporting e Atlético-Torriense. Todos nos campos dos clubes indicados em 1.º lugar, às 10.30 horas.

Camp. de Juniores da 2.ª Divisão 6.ª jornada — Série A — Operário-Carcavelos (em Chelas), Vitória-Miranense (na Picheleira) e Santa Catarina-Linda-a-Velha (em «Pina Manique») — os dois primeiros às 10.30 h. e o último às 11 h. **Série B** — R. de Janeiro-F. Benfica (em «Pina Manique»), às 9.30 h.; Queluz-Sintense (em Belas), às 10.30 h.; Amoreiras-Amadora (em Palma) e Sporting-Casa Pia (em Alvaiade) — ambos às 11 h. **Série C** — Santa Iria-Desp. Olivais (em Santa Iria), Camarate-Vilafranquense (em Camarate) e Alverca-Oriental (em Alverca) — todos às 10.30 h.

Várias provas de amanhã

ATLETISMO

No Estádio Universitário, torneio de atletismo para sócios e simpatizantes (universitários e pré-universitários).

BASQUETEBOL

Campeonato de Lisboa, da 3.ª Divisão (9.ª jornada): Pedrouços-Paço de Arcos, em Pedrouços, às 9 e 10 horas, e Lisgás-Santa Catarina, às 10 e 11, nos Barbadinhos, da Série A; Alvalade-B. Física, no Ateneu, às 11, e Arroios-C. I. F., nos Barbadinhos, às 9 horas, da Série B.

Campeonato de Lisboa, de juniores e infantis (4.ª jornada): **Série A** — Sporting A-E. Física, no Passadico, às 11 e 12 horas; Sacavenense-Belenenses, em Sacavém, às 10 e 11; Oriental-Benfica, às 11 (juniores). **Série B** — Boa Hora-L. Ginásio, na Boa Hora, às 10 e 11; Sporting B-Paço de Arcos, no Passadico, às 9 e 10; Pedrouços-Algés, às 11 e 12 horas, em Pedrouços; e Liberdade-C. Ourique (juniores), às 10, no Bairro da Liberdade. **Série C** — Carnide-Ateneu, em Carnide, às 10 e 11; Alvalade-Sporting (infantis), em S. Bento, às 11; Queluz-Nacional, em Queluz, às 10 e 11; Moscaide-Atlético, às 10, em Moscaide; **Série D** — Algés B-Combatentes, em Algés, às 10; C. D. U. L.-Tabacos, no Técnico, às 10; e

(Continua na 15.ª página)

Manuel Faria

parte esta noite

para o Brasil

O campeão nacional de atletismo parte esta noite para o Brasil, onde, em São Paulo, tentará repetir, na famosa corrida de S. Silvestre, as vitórias de 1956 e 1957 — duas proezas inesquecíveis e que alcançaram grande retumbância nos anais do atletismo mundial.

Manuel Faria, que este ano sofreu alguns dissabores desportivos na sua carreira, preparou-se, todavia, conscienciosamente, a despeito de ter deixado de receber instruções do seu orientador técnico, o alemão Gersher. Ao que parece o técnico germanico desinteressou-se do campeão nacional por dificuldades de contacto. Apesar deste contratempo, Faria treinou-se ultimamente quatro horas por dia (duas de manhã e outras tantas à luz dos projectores do Estádio «José Alvalade»), a fim de manter a velocidade e a resistência, armas preciosas para vencer a corrida brasileira, na qual participam duzentos e setenta atletas, figurando especialistas de reconhecida classe internacional.

Manuel Faria, ao despedir-se de nós, como o faz todas as vezes que parte para o estrangeiro, não escondeu as dificuldades que vai ter no Brasil, apesar do apoio da numerosa colónia portuguesa. Espera, contudo, obter uma classificação que esteja em relação com a sua actual forma. O campeão português partirá às 22 horas com a esperança de não deixar mal colocado o atletismo nacional.

Manuel Faria participa na prova pela 4.ª vez. Antes dele, os corredores portugueses que disputaram a competição foram Filipe Luis (Sporting), em 1952, e José Araújo (Benfica), em 1953 e 1954.

De ontem para hoje

RECENSEAMENTO ELEITORAL

VEJAM nos jornais que os administradores dos bairros de Lisboa já fizeram saber que as operações de recenseamento dos eleitores de presidente da República e da Assembleia Nacional vão começar em 2 de Janeiro próximo. Enumeram-se os cidadãos de ambos os sexos que podem inscrever-se, as condições a observar para as provas de saber ler e escrever, de pagamento de contribuições e de habilitações literárias. Determinam-se as impossibilidades para os indivíduos que não estejam no gozo dos direitos civis e políticos, os interditos, os falidos ou insolventes, os pronunciados definitivamente e entre outros, os condenados criminalmente. Como se sabe, o recenseamento dos chefes de família e eleitores das juntas de freguesia, é regulado pelo Código Administrativo.

FEIXE DE IMAGENS

PARA ficar a residir nos Estados Unidos (Califórnia), o Agoriano Firmino Coelho Esteves simulou o casamento com Maria Vieira (uma portuguesa de Hanford). Propunha-se pagar à «moiva» e ao seu intermediário boas somas em dólares que não chegaram, agora, para a multa: 10 mil, fora cinco anos de cadeia (pena, porém, ainda em perspectiva, pois, o Firmino ainda não foi julgado).

* Luís Valério, proprietário em Constância, foi ao cartório da vila, mexeu e remexeu em papéis. Sobre a secretária ficou esquecido um sobrescrito com dinheiro (12.500 escudos) que só não foram rasgados, porque resistiram à operação de limpeza. Fazia-a o ajudante do cartório Costa Feliciano, dois dias depois de o dinheiro ser esquecido. Preciosamente, também, quando à mesma hora, o dono reparara que o perdera. O achador, porém, não quis sequer gratificação.

* E, agora, outra história de dinheiro, esta passada em Ilhavo, com o velho lavrador Francisco dos Santos Castela. Com medo de que o roubassem, meteu 20 mil escudos numa caixa de lata e esta sob as palhas da meda do quintal. A certa altura, porém, deu por falta de 4 contos. Chamou o cabo da Guarda Republicana e o caso foi deslinhado. O dinheiro fora roubado por um jornaleiro que abusara da inconfidência de um pequeno criado. A voz da verdade é inocente mas nem sempre é prudente. E o mesmo pode dizer-se de quem esconde o dinheiro na palha do seu quintal.

* Leopoldo de Almeida nosso prezado camarada na Imprensa, foi à Casa de Ourém falar de «O homem e os três tempos da vida» (o passado o presente e o futuro). Ligados por seus sólidos indicativos para o futuro e o presente, eis que o passado nos ensina a medida em que devemos ser úteis aos que chegam. Tanto, pelo menos, como aqueles que partiram foram no passado úteis aos presentes. Bela lição de solidariedade e humana compreensão, eis o espírito das palavras do orador.

* Caso estranho foi o que verificaram o lavrador Francisco Pulido e o seu amigo, dr. Mendes de Vasconcelos, médico veterinário na vila de Barrancos. Depois da chuva e do vento veio o sol. Ambos saudosos do campo foram passear. E grande foi o seu espanto ao encontrar um rebanho de ovelhas, todo verdejante. O vento trouxera-lhes as gramíneas que germinaram, com a chuva, dentro da lã, formando à volta do pescoço de muitas com a collar inesperadamente esmeraldino.

* No Funchal (anuncia-o a Junta de Colonização Interna) há mais 289 proprietários, devido à acção daquele departamento. Valem, as terras, 2.600 contos amortizáveis entre vinte e trinta anos. A taxa é de 2 por cento, anualmente.

JORNAL PEQUENO

ESTEVE a inscrever-se no livro de cumprimentos ao Presidente da República, o embaixador dr. Henrique Caldeira Queirós. * Com o presidente do Conselho trabalharam os ministros da Presidência, da Defesa Nacional, das Finanças e do Ultramar. * Chegou a Lisboa acompanhado de sua esposa, o embaixador António de Faria, representante permanente de Portugal junto do Conselho da N. A. T. O., em Paris. * Na Associação dos Empregados do Comércio de Lisboa, tomaram posse os novos corpos gerentes. * Vão ser distribuídas mais duzentas moradias em bairros de casas económicas (quase todas emplacadas na Encarnação) destinadas a funcionários públicos. * Em Gaia, foi mortalmente atropelado o empregado de armazém Fernando Baptista da Silva. * O Conselho Escolar do Instituto Superior de Agronomia aprovou um voto de congratulação e reconhecimento ao governo pela publicação da reforma dos vencimentos e justiça prestada ao professorado do ensino superior. * O Goês Luis João de Figueiredo, chefe da secção de correspondência do Banco Nacional Ultramarino, recebeu a «taluda» da lotaria brasileira (30 milhões de cruzeiros). * O curso de História da Arte da Fundação «Ricardo Espírito Santo» visitou a exposição «A rainha D. Leonor» que a Fundação Gulbenkian tem patente na Madre de Deus.

O Reveillon mais divertido é sempre no Negresco

Boas ceias com grandes especialidades. Boa música com o conjunto Jorge Brando e o seu grande cantor e animador Jimmy, que vai pôr em relevo e Hula-Hoop a convites.

Lotação quase esgotada

(atenção aos Jantares do Ano Novo)

Maiores de 15 anos

Dinheiro

EMPRESTAMOS
s/ automóveis e prédios
2 E 24 HORAS - JURO DE LEI
MÁXIMO SEGREDO
AVALIAÇÕES
GRATIS

LISBOA
Rossio, 3
Tel. 21391
30257

PORTO
R.P. Manuel
14 Tel.
27011 28721

A CONFIDENTE

a maior organização do país

Uma peça de 76 toneladas caiu sobre uma fragata e afundou-a rapidamente

Esta manhã, pouco antes das 11 horas, deu-se, na doca do Jardim do Tabaco, um desastre invulgar que só por um acaso não originou mortes.

Desde ontem que está ali atracado o grande e moderno barco de

carga alemão «Rabenfels», consignado à firma Marcus & Harting, e que é o único que tem a ponte de comando à proa. Procede de Dunquerque e trouxe muitas mercadorias, em trânsito, ou para Lisboa.

Entre estas últimas destacam-se enormes e pesadíssimas virolas metálicas destinadas ao novo forno da Companhia de Cimentos «Tejo», em Alhandra que será o maior do Mundo.

Hoje, quando se procedia à descarga de uma dessas peças que pesa precisamente setenta e seis toneladas, um dos estropos de aço que a seguravam partiu-se.

Com grande fragor, a pesada peça caiu na amurada, de bombordo, do «Rabenfels», e depois na fragata B 1173, pertencente a Gertrudes Garrancho, que a devia transportar para terra e que rapidamente se afundou.

Felizmente, os três tripulantes da fragata, ao verem que o estropo se partia, lançaram-se ao rio, salvando-se a nado.

Participado o caso ao Batalhão de Sapadores Bombeiros, saiu para o local pessoal com material.

Entretanto, um rebocador conseguia lançar um cabo, e levá-la, aberta ao meio e inclinada, para a doca nova.

Os consignatários do barco encarregaram um mergulhador de procurar localizar e ligar a peça caída, a fim de se proceder à sua reparação.

Efectua-se em Janeiro com o patrocínio do «Diário de Lisboa» a 31.ª Exposição Canina Internacional em recinto coberto

Lisboa vai ter este Inverno a sua grande festa de cães. Vai organizá-la, nos próximos dias 24 e 25 de Janeiro, a secção de canicultura do Clube dos Caçadores, à qual já se



As senhoras dedicam especiais cuidados à preparação dos cães de raça para as exposições

devem tantas iniciativas interessantes, no género, e que, para este efeito, contará com o patrocínio do «Diário de Lisboa».

Aproveitando as condições que lhe proporcionam as instalações da Feira das Indústrias Portuguesas, aquela organização levará a efeito, num ambiente diferente do habitual, com todas as possibilidades que resultam da existência de um magnífico recinto coberto, a 31.ª Exposição Internacional Canina de Lisboa.

Considerando os êxitos anteriores

RELOGIOS

De todas as marcas, máxima garantia, preços de concorrência
GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
R. da Prata 257

Síntese

dos museus de Lisboa nas Janelas Verdes

Quantos museus há em Lisboa? Eis uma pergunta, possivelmente, de instrução primária a que muitos conservadores do nosso património artístico não saberiam responder.

Pois, exactamente, trinta e três das mais diversas espécies, que desde hoje, seguindo os esquemas estéticos internacionais adoptados pela Unesco, estão reunidos numa exposição temporária (XIX), no Museu de Arte Antiga.

A ideia deste certame deve-se a sr. D. Maria José de Mendonça, conforme o sr. dr. João Couto, director das Janelas Verdes, assinala no prefácio do catálogo. O arranjo da ala direita daquela pinacoteca, com objectos dispare e numerosas fotografias e publicações deve ter sido difícil. Mas o sr. dr. João Couto e o pessoal encontraram o justo ambiente decorativo e traçaram uma admirável topografia.

Ao lado dos museus ricos, que todos conhecem, como o da Arte Antiga, Contemporânea, dos Coches, as galerias e repositórios mais modestos e especializados estão devidamente representados, como o da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, de Pesos e Medidas, Batalhão de Sapadores Bombeiros, etc.

Pela primeira vez se congregaram todos os museus de Lisboa, uns de carácter artístico, outros técnicos, e outros ainda científicos.

O das Janelas Verdes, como hospedeiro, ocupa um lugar restrito. No meio de publicações diversas, apresenta uma escultura policroma. A «Fuga para o Egipto», do século XVIII.

O de Arte Contemporânea, com diversos livros, uma peça de bronze da autoria de Maria Barreiros. O dos Coches enviou uns lindos estribos de prata dourada, que deviam ter servido a algum rei e um clarim, cujo metal parece ressoar ainda notas heroicas.

A Fundação Ricardo Espírito Santo, brilha com duas peças de prata: um saleiro, do tempo de Pedro II, e um prato do século XVI. O Museu Militar ocupa um lugar de honra com uma esplêndida armadura e o da Marinha com a reprodução de uma caravela, metida dentro de uma vitrine. O retrato de João de Deus evoca uma linda escola e recordações do grande poeta, com o retrato do autor do «Campo de Flores».

Vêem-se também um clavicórdio do Museu Instrumental do Conservatório; fragmentos de mosaicos romanos do Etnológico Leite de Vasconcelos; padrões de 1/2 almude, em bronze, do tempo de D. Sebastião, do Museu de Pesos e Medidas; miniaturas de viaturas dos C. T. T. e dos Bombeiros; um fósil de crocodilo, encontrado em Almada, supomos que dos Serviços Geológicos — e muitas outras peças e documentos de alto valor, que têm interesse histórico, estético e funcional.

Amanhã, domingo, leitores, um passeio até às Janelas Verdes! Há lá muito que admirar!

Desastre a bordo

Ao fim da tarde deve arribar a Cascais o cargueiro sueco «Gauthiod» para desembarcar um tripulante vítima de um desastre a bordo.

TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até às 15 horas: máxima, 15.8; mínima, 11.0. No mesmo dia do ano passado: máxima, 13.3; mínima, 4.6

—Temperaturas verificadas na Costa do Sol, às 9 horas: na atmosfera, 15; na água do mar, 14.6.



Os ministros da Educação e do Ultramarino Técnico e o agente-geral do Ultramarino, dr. Calve

Os trabalhos das escolas do Estado da foram examinados

Os ministros da Educação Nacional e do Ultramar visitaram esta manhã, na Escola Técnica Elemental de Francisco Arruda, a exposição de trabalhos escolares ali

res, e as novas perspectivas que se deparam agora, é, pois, absolutamente compreensível que os organizadores acreditem no certame como acontecimento de invulgar projecção na nossa vida social, tanto mais que este vai revestir-se de aspectos muito originais e atraentes e terá como complemento uma série de manifestações de interessante nível. Entre estas, é de justiça, destacar, desde já, uma demonstração de artigos relacionados com a índole do acontecimento principal, a cargo de firmas especializadas.

Foi o natural desejo de organizar um certame idêntico àqueles que, periodicamente, se realizam nas principais capitais estrangeiras, que levou a secção de canicultura do Clube dos Caçadores Portugueses à feliz iniciativa de promover a 31.ª Exposição Internacional de Lisboa nas instalações da Feira das Indústrias e no próximo mês, atendendo ainda ao interesse que um amplo sector da nossa sociedade tem manifestado por acontecimentos do género. Não nos referimos, evidentemente, apenas ao público, mas também aos expositores, que sempre têm ocorrido em numero muito apreciável.

A exposição é aberta aos exemplares de todas as raças e variedades oficialmente reconhecidas e para ela estão reservados muitos e valiosos prémios. Espera-se a concorrência de exemplares nacionais e estrangeiros de há muito não presentes em certames portugueses.

HOTEL DE TURISMO CEIA DE P

com boa música e

«CONJUNTO V

CONDI

Só ceia 150\$00
Ceia e 1 pessoa 300\$00
alojamento 2 pessoas 550\$00

SAUDE o NOVO ANO

HOTEL DE TURISMO

Faça a sua reserva pelos Telef.: 7261



Tramam, com o director-geral do En-
Ultramar visitam a exposição acom-
alvet de Magalhães

s dos alunos colas técnicas India por dois ministros

inaugurada por ocasião do I Con-
gresso Nacional do Ensino Téc-
nico, e já encerrada ao publico,
através da qual se pôde avaliar o
elevado grau de perfeição que atin-
giu aquela modalidade do ensino
secundário nas quatro escolas exis-
tentes no Estado da Índia-Goa,
Margão, Mapuçá e Damão.

A exposição, á qual nos referi-
mos pormenorizadamente em data
oportuna, foi observada com o
maior interesse pelos srs. prof.
eng. Leite Pinto e contra-almiran-
te Vasco Lopes Alves, que a per-
correram acompanhados de diver-
sas individualidades ligadas ao en-
sino e ao Ultramar, nomeadamen-
te, os srs. drs. Carlos Proença e
Braga Paixão, respectivamente, di-
rectores-gerais do Ensino Técnico
Profissional e do Ensino do Ultra-
mar; dr. Sócrates da Costa, depu-
tado pelo Estado da Índia e ali
comissário-adjunto da M. P.; dr.
Banha da Silva, agente-geral do
Ultramar; e prof. dr. Paiva Boléo.

Os visitantes foram recebidos pe-
lo director da Escola de Francisco
Arruda, sr. professor Manuel Ma-
ria Calvet de Magalhães, e pelo
professor sr. dr. Meneses de Mo-
rais. O director dos estabelecimen-
to deu explicações sobre o valor,
no aspecto pedagógico, das peças
expostas, algumas das quais vão fi-
gurar na «Sala de Portugal» do
Bureau Internacional de Educação.

Durante a visita, os dois mem-
bros do Governo, em troca de im-
pressões com os dois directores-
gerais presentes, manifestaram a
sua satisfação pelo alto nível pe-
dagógico e artístico alcançado nas
escolas do ensino técnico profissio-
nal do Estado da Índia, que aque-
la interessante exposição revelou
eloquentemente.

CASA MAX

Televisão — Rádio — T. S. F.
Tudo para o vosso lar
Vendas a longo prazo
2-C, AVEN. PRAIA DA VITÓ-
RIA, 2-D

O «Diário de Lisboa» e o «Sem-
pre Fixe» vendem-se em ALCO-
BACA por José Narciso da Costa,

PRISMO — ERICEIRA

FIM D'ANO

ca e óptima ementa

VERA CRUZ»

NDIÇÕES

Nesta modalidade está in-
cluido: ceia, dormida, pequeno

almoo e almoço dia 1.

NO no ambiente alegre do

PRISMO — ERICEIRA

26111—LISBOA e 25 e 130—ERICEIRA

Os cinco mil contos da lotaria do fim do ano foram para Braga e Arcos de Valdevez

A sala das extracções da lotaria
da Santa Casa da Misericórdia ofe-
recia hoje um aspecto semelhante
ao da semana passada — os mes-
mos dirigentes, os mesmos repre-
sentantes da autoridade e, até, os
mesmos figurantes, gente ligada ao
negócio e simples compradores de
bilhetes e de fracções que, aos seus
sonhos acalentados durante dias,
querem juntar a emoção daqueles
momentos de espera, até sair o nu-
mero premiado com a «taluda»,
desta vez de 5.000 contos com
umas «imediatas» de 1.500 e de
500 contos.

Apenas uma alteração: a do nu-
mero das bolas de madeira encer-
radas nas grandes esferas metáli-
cas, respectivamente 34.000 na re-
ferente aos bilhetes emitidos, e 411
nas dos prémios, correspondentes
a 10.911, no valor total de 18.890
contos, ou sejam 65 por cento do
capital emitido, que foi de 30.600
contos.

A extracção principiou ás 12 ho-
ras. A primeira bola a sair foi de
um prémio de 100 contos, corres-
pondente ao numero 3761. Vinte
minutos depois saiu o 1.º prémio,
que coube ao 21 970.

Parte da assistência abandonou a
sala, desalentada.

O 2.º prémio saiu 25 minutos de-
pois, no numero 18 378.

O 3.º prémio só hora e meia mais
tarde é anunciado pelos pregoeiros.
Saiu ao n.º 25 520.

O primeiro prémio foi vendido
pela Casa da Sorte, em décimos,
parte na sucursal daquela — a em
Braga e outra parte em Arcos-de-
Valdevez. O 2.º e 3.º prémio fo-
ram vendidos pela Casa Campião.

O 2.º foi aberto em cautelas e ven-
dido em Luanda, e o 3.º foi vendi-
do ao balcão, em Lisboa, em frac-
ções de décimos.

Missão oficial a Adis-Abeba Partiram hoje os restantes delegados

De avião partiram para Adis-Abe-
ba, via Roma, os srs. dr. Franco
Nogueira, director-geral adjunto
dos Negócios Políticos do Minis-
tério dos Negócios Estrangeiros; dr.
José Trindade Martinez, direc-
tor-geral de Economia do Ministério
do Ultramar; dr. Francisco José
Bastos Tenreiro, deputado; dr. Ale-
xandre Ribeiro da Cunha, chefe de
repartição do Ministério das Corpo-
rações Nuno Alves Morgado, che-
fe de repartição do Ministério do
Ultramar; Luís Teixeira Pinto,
professor do Instituto Superior de
Ciências Económicas e Financeiras,
e dr. José Manuel Fragoso, chefe
da secção das Nações Unidas do Mi-
nistério dos Negócios Estrangeiros,
que fazem parte da missão oficial
portuguesa, chefiada pelo subsecre-
tário de Estado do Fomento do
Ultramar, que ontem partiu para
aquela cidade. A missão participará
na I Reunião da Comissão Econó-
mica para Africa das Nações Uni-
das, cujos trabalhos principiaram
no dia 29 e terminarão dentro de
dez dias.

O director dos Serviços Técnicos e o chefe da Segurança Aérea da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil tomaram hoje posse



Os empossados perante o director-geral da Aeronáutica Civil

Tomaram hoje posse dos cargos
de director dos Serviços Técnicos e
de chefe de Segurança Aérea —
repartição daquela direcção de ser-
viços — da Direcção-Geral da Ae-
ronáutica Civil, respectivamente,
os srs. tenente-coronel eng.º Antó-
nio Francisco de Aguiar e eng.º
Herculano de Medeiros Barbosa. O
acto efectuou-se no gabinete do di-
rector-geral eng.º Vítor Veres, que
conferiu a posse, e teve a presen-
ça de todos os funcionários daquele
departamento do Ministério das Co-

municações, representantes de com-
panhias de navegação aérea e ami-
gos dos empossados.

Lidos e assinados os autos de
posse, o sr. eng.º Vítor Veres pro-
feriu um discurso de saudação
aqueles seus dois directos colabo-
radores, em que começou por sa-
lienciar o significado do acto. Na
curta vida da sua direcção-geral —
frizou — as posses representavam
um verdadeiro render da guarda.

(Continua na 11.ª página)

PORTUGAL

visto através dos números

Movimento anual das diversas actividades nacionais
(Continente e Ilhas) segundo o Anuário Estatístico de
1957, agora publicado pelo Instituto Nacional de Estatís-
tica.

DEMOGRAFIA	PRODUÇÃO E CONSUMO
População 9.177.335	Quintais de trigo ... 7.968.476
Casamentos 71.792	Quintais de centeio ... 2.025.239
Nascimentos 211.494	Hectolitros de mi- lho 5.693.764
Óbitos 101.784	Quintais de batata ... 11.963.481
Emigrantes 35.356	Hectolitros de vi- nho 9.576.367
Emigrantes retorna- dos 1.609	Hectolitros de azei- te 1.101.568
	Toneladas de carne ... 84.363
SAÚDE PÚBLICA E ASSISTÊNCIA SOCIAL	EDIFÍCIOS E PRÉDIOS
Médicos 6.456	Edifícios construídos ... 17.296
Enfermeiros 3.341	Para habitação 12.303
Auxiliares de enfer- magem 1.183	Em Lisboa 434
Profissionais de far- mácia 2.922	No Porto 415
Veterinários 348	Prédios vendidos 112.991
Estabelecimentos de saúde com interna- mento 578	Prédios hipotecados... 20.710
Postos Médicos 1.202	
Estabelecimentos de higiene e profilaxia Vacinações antivarío- licas 675.139	
PREVIDÊNCIA	COMUNICAÇÕES
Associações de so- corros mutuos... 212	Automóveis em cir- culação 138.667
Sócios 501.518	Camionetas 22.725
Sociedades de se- guros 36	Motociclos 22.922
Seguros de vida... 125.081	Tractores 5.564
Capital seguro (contos) 4.791.814	Mortos em acidentes de viação 509
Seguros reais 1.157.355	Feridos em acidentes de viação 12.398
Capital seguro (contos) 212.582.625	Cartas de condução concedidas 26.487
CORPORATIVO	FINANÇAS
Sindicatos 320	Depósitos nos ban- cos (contos) 42.991.000
Receitas (em contos) 48.728	Disponibilidades do tesouro 831.900
Despesas 43.765	Dívida publica 14.265.484
Casas do Povo 618	Dívida dos Municí- pios 992.748
Receitas 38.576	
Despesas 37.018	JUSTIÇA
Casas dos Pescadores... 28	Processos iniciados ... 260.821
Receitas 27.287	Falências e insolven- cias 104
Despesas 24.128	Estabelecimen- tos prisionais 220
	Presos 25.449
EDUCAÇÃO	Valor dos processos findos (contos) ... 1.842.822
Estabelecimentos de ensino 17.132	COMÉRCIO
Professores 32.929	Importação (tone- ladas) 4.013.885
Alunos (total) 1.256.926	Valor em contos ... 14.422.123
Ensino infantil ... 4.820	Exportação 2.543.611
Ensino primário... 841.937	Valor em contos ... 8.289.030
Ensino secundário 141.614	Exportação vini- cola (hectolitros) ... 1.808.489
Ensino superior ... 19.161	Exportação de con- servas (ton.) 58.489
Outros ensinos ... 249.394	
Cantinas 13.601	
Bibliotecas 507	

O MELHOR REVEILLON DE 1958

será o do «BARRETE VERDE» em Benavente

O MAIS LUXUOSO E TÍPICO RESTAURANTE DO RIBATEJO

NOITE DE S. SILVESTRE

ORQUESTRA PRIVATIVA DA CASA, VOCALISTAS, ACORDEONS,
CANTARES REGIONAIS, 4 RANCHOS FOLCLÓRICOS: TÍPICO
«BARRETE VERDE», LEALDADE, INFANTIL «FOROS» SALVA-
TERRA, ETC., ARTISTAS DA RADIO E TV, E AINDA O ALEGRE
«CONJUNTO SEM NOME» EM RITMOS BRASILEIROS

ALMOÇO do DIA de ANO NOVO

EMENTA REGIONAL — REPETINDO-SE TODO O PROGRAMA
DA NOITE DE S. SILVESTRE — (15 ANOS)

NOITE S. SILVESTRE—Partida ás 21.00 h. (Ceia e transporte) 170\$00
DIA DE ANO NOVO—Partida ás 11.30 h. (Transporte e almoço) 170\$00

INFORMAÇÕES E RESERVA DE MESAS PELO TELEFONE 74
EM BENAVENTE. PROGRAMAS, INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES NA

AGÊNCIA DE VIAGENS RODARTE

RUA DA PALMA, 159-A — LISBOA — TELEFONE 86 12 14

Festas de Natal e Ano Novo

Asilo d'Espie Miranda

O Asilo d'Espie Miranda festejou o dia de Natal com um almoço aos seus internados, a que não faltaram o tradicional peru, frutas, bolos, vinhos tinto e do Porto, café, licores e cigarros.

Assistiram, acompanhados de suas esposas, os directores Manuel Freire de Lis, José Monteiro Nicolau e José Cardoso de Freitas. Encontrava-se também presentes o sócio sr. Mário César Tamen, acompanhado de sua esposa, D. Lila Tamen. Por aclamação, e com uma estrondosa salva de palmas, esta senhora foi nomeada madrinha da instituição. A homenageada agradeceu e prometeu, juntamente com seu marido, auxiliar o asilo, tendo entregado nessa ocasião o donativo de mil escudos.

Junto dos directores, estava D. Helena Glória Antunes, antiga companheira da benfeitora D. Lúcia Marques, tendo sido guardado, de pé, um minuto de silêncio à memória desta senhora.

A capela do asilo, a inaugurar oportunamente, foi muito visitada durante o dia.

A direcção está em preparativos para festejar condignamente a entrada do ano de 1959.

Junta de Freguesia do Campo Grande

Com a colaboração do Governo Civil e dos seus paroquianos, a Junta de Freguesia do Campo Grande distribuiu um bode em dinheiro a trezentos pobres (20 escudos a cada um) e artigos de vestuário e brinquedos a cerca de cem crianças.

Na Empresa Nacional de Penteação de Lãs

Realizou-se em Alhandra, na Casa de Recreio do Pessoal da Empresa Nacional de Penteação de Lãs, a tradicional festa de Natal, dedicada aos seus empregados e operários e a suas famílias. Houve concerto pela orquestra privativa da fábrica, distribuição de gratificações a todo o pessoal, distribuição de sacos com roupas, brinquedos e doces a centenas de crianças, filhas de empregados e operários, e baile até de madrugada.

Casa do Concelho de Ovar

A Casa do Concelho de Ovar promoveu uma festa de Natal, dedicada aos filhos dos seus agregados, ao todo setenta crianças, as quais foram distribuídos chocolates e brinquedos, havendo também um saraus musical.

Casa dos Senenses

A Casa dos Senenses distribuiu agasalhos e géneros de mercearia a cerca de 150 pobres do concelho de Seia, residentes em Lisboa, bem como brinquedos às crianças. Entre os contemplados, contaram-se alguns casais da aldeia de Loriga, com 8 e 9 filhos. Estava armada uma árvore de Natal, com os brinquedos a distribuir.

Casa do Alentejo

A Casa do Alentejo dedicou uma «matinée» aos seus sócios e distribuiu brinquedos aos filhos dos alentejanos, residentes em Lisboa, mais necessitados.

«Os Manueis de Portugal»

A direcção do grupo onomástico «Os Manueis de Portugal» distribuiu lembranças aos Manueis internados nos Sanatórios D. Carlos

I, da Ajuda e de Montachique e no Hospital Curry Cabral.

Associação Operária de Palma e Arredores

A Associação Operária de Palma e Arredores, fundada em 1912, que, além de praticar a beneficência, mantém, com a respectiva quotação, uma escola para filhos de operários pobres, distribuiu roupas e outros objectos às crianças. Esteve patente ao publico um lindo presépio, executado pelos alunos do externato. Foram distribuídos prémios escolares — entre eles o «Pardal Monteiro» e o «Piral e irrompível» — aos alunos que mais se distinguiram no passado ano lectivo.

No Casal Ventoso

No edificio do Centro n.º 1 da Obra Legionária de Cooperação Social, no Casal Ventoso, foram distribuídas prendas e peças de roupa a crianças daquele modesto bairro, com a assistência dos dirigentes daquela instituição e de algumas senhoras. No final, foram exibidos alguns filmes.

Voluntários de Algés

A Associação dos Bombeiros Voluntários de Algés promove, hoje, na sua sede, uma festa de Natal dedicada aos filhos dos voluntários da corporação, que constará de distribuição de roupas, brinquedos e merenda. Assistirá o presidente da Camara Municipal de Oeiras.

La Equitativa

Hoje, às 17 horas, realizar-se-á, na sede da companhia, a festa de Natal dedicada aos filhos dos empregados de La Equitativa (Fundación Rosillo), com exibição de palhaços e distribuição de brinquedos e merenda.

Na Companhia União Fabril

Amãnhã, às 15 horas, nas instalações da Feira das Industrias, efectua-se uma festa de Natal destinada aos filhos do pessoal da C. U. F. Haverá distribuição de brinquedos, agasalhos e merendas.

Em Armação de Pera

No sentido de dar maior brilho à habitual festa do fim do ano que se efectua em Armação de Pera, a Comissão de Turismo da Casa do Algarve em Lisboa, promove, além da celebração de um baile que será abrihantado por uma orquestra e pela exibição do Rancho Folclórico de Santo Estevão (Tavira).

Bailes de fim do ano

No dia 31, para marcar a passagem do ano, efectua-se bailes nas seguintes agremiações: Clube Estefania, no Ateneu Comercial de Lisboa, no Benfica e no Grupo Tauromáquico Sector 1.

Duas novas estações dos C. T. T.

A Administração-Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones inaugurou hoje, dentro do plano de instalação e reinstalação de pequenas estações de provincia, a nova estação de Campia, florescente freguesia do concelho de Vouzela, num edificio expressamente construído para lhe ser arrendado; e amãnhã inaugurará a de Teixoso, progressiva localidade do concelho da Covilhã.

NOTÍCIAS DO BRASIL

Olegário Mariano e a eternidade da poesia

RIO DE JANEIRO, Dezembro (por avião) — Constituiu uma imponente manifestação de apreço e de pesar o funeral do antigo embaixador do Brasil em Lisboa e grande poeta — o ultimo dos românticos brasileiros —, Olegário Mariano, que foi sepultado no Cemitério de S. João Baptista e cuja urna funerária esteve depositada na Academia Brasileira de Letras a que também pertenceu o que, em certo momento, foi considerado o «príncipe dos poetas brasileiros».

As cerimónias fúnebres foram de iniciativa da Academia. O acompanhamento de intelectuais e artistas foi enorme. Sua esposa e vários amigos dos mais íntimos estiveram sempre presentes. Antes de a urna deixar o edificio da Academia, Austregésilo de Athayde, que está fazendo as vezes de seu presidente, pronunciou em nome dela um notável discurso de ultima despedida.

Algumas passagens da comovida e notável oração do director dos «Diários Associados», que foi grande amigo de Olegário:

A eternidade da poesia

«Pertencem os poetas a uma categoria divina como a própria essência do verso e quando todas as restantes criações do espirito desaparecem, as terras e os céus, continuam povoados de suas imagens e ecoam a glória dos seus cantos. Por isso os poetas morrem como os outros homens, mas a poesia a que serviram, com o devotamento e a lealdade de que dá testemunho a sua grande vida aceita o desafio do tempo, das civilizações e das modas. E' algo imperecível como a natureza».

«Viveste em um mundo afetuoso, desde o berço que se debruou na legenda do teu país, entre afeições e amores que nunca arrefeceram, cercado de admiração, num encanto de dotes que raramente se unem num mesmo homem: a inteligência, a beleza física, a simpatia e mais que tudo isso, essa incrível capacidade de irismo espontâneo e natural em ti como as vozes dos pássaros, as águas murmurantes, os matizes da luz».

A poesia sempre a cima de tudo

«Guardaste entre as honrarias dos altos cargos, sob o peso da responsabilidade tão grandes, como a de representar o Brasil como seu embaixador, as galas juvenis de um temperamento que se manteve intacto, revel ás marcas que a idade e a experiência costumam imprimir nas almas menos inclinadas do que a tua a conferir á beleza um primado do Universo. Nunca buscaste o insondável; não sofrias a atracção dos abismos; a noite era, a teus olhos, apenas a véspera da aurora e o fim do crepúsculo da tarde. Tratavas os homens como tratavas os teus pássaros, dedicando a todos a mesma amizade carinhosa; entre eles vivias como em terra do teu domínio, tanto a segurança que tinhas de tua realza, nos privilégios da poesia.

Desde o início da tua carreira,

começada ainda na adolescência, os teus pares eram da altitude de Bilac, Guimarães Passos, Alberto de Oliveira e Martins Fontes, na geração mais antiga; e neste momento aqui estão solidários os que surgiram contigo, Alvaro Moreyra, Rodrigo Octávio, Luiz Peixoto, Ademar Tavares, enquanto outros já te receberam do outro lado, inclusive esse inesquecível Filipe de Oliveira, todos tão unidos no culto dos valores imperecíveis».

A consagração em vida

«Não foste o ultimo romantico, porque o romantismo não cessa, embora se transforme e recubra de outros nomes, mas foste, sem dúvida, uma das flores extremas do romantismo, nas formas amoráveis por que foi vivido na literatura brasileira.

«Entre os mimos insignes e raros, com que uma sorte amena e dadivosa te escolheu para exemplo de suas generosidades, figura a de teres assistido á tua consagração no bronze da praça publica, quando a aclamação dos teus contemporaneos mais ilustres te assegurou o principado da poesia, na sucessão de Bilac e Alberto de Oliveira. Só aos poetas é legítimo erguer esses monumentos em vida, porque já se tem a certeza de que a seu respeito não variará o juízo de potestidade» E com grande emoção Austregésilo de Athayde, assim, concluiu:

«Não presentiste, ou não quizesse presentir no teu optimismo, a presença da deusa implacável que se adiantava. Ainda que a ilusão do poeta foi mais forte que a realidade da condenação infalível a que todos estamos submetidos, uns depois dos outros, pelos caminhos sem remissão. Horas antes do silêncio que o selo da eternidade pôs em teus lábios, ainda me falavas da alegria e da vida nesse querido retorno á terra longínqua, onde te acolheram como novo embaixador da Graça, esse Portugal cujas lembranças revividas na feliz expectativa de voltar fortaleceram no teu coração dando-lhe mais alento para os derradeiros embates, na atrocidade do destino que devia cumprir-se até o fim.

Benditos os que não reconhecem a presença da morte, porque não a reconhecendo não caem no desespero e conservam até o ultimo instante, a identificação com a vida, como o fizeste amável príncipe dos poetas brasileiros».

Junto do jazigo falaram Pascoal Carlos Magno, Lincoln de Sousa, Romulo de Avelar e Venturelli Sobrinho.

Pascoal disse, entre outras belas frases comovidas e quase molhadas de lágrimas:

«Olegário, neste instante em que te digo adeus, em nome do Pen Club, quero pedir-te perdão por te haver enganado tanto, nestes ultimos nove meses de existência.

«E que cada dia te encontrava mais agarrado á vida e tão cheio dela, embora cada vez mais enfraquecido, que era minha missão e de todos os que te amavam, iludir-te com a esperança da vida que perdia.

«Nunca me esquecerei de que choraste quando te contei que o presidente da Itália fizera parar seu cortejo presidencial, na estrada da Tijuca, simplesmente para acompanhar de perto o voo de uma borboleta azul.

A gloria da bondade

«Nesta hora em que te digo adeus, em nome do Pen Club, eu digo adeus ao homem extraordinariamente bom que foste, e ao menino que passou a vida inteira tentando se exprimir pela linguagem dos homens.

«Não direi como o poeta que, depois da tua partida, não haverá mais Primavera no Mundo.

«A Primavera continuará porque continuarão cantando as cigarras que amaste e os versos que nos deixas como o legado da tua glória».

RÁBANO GIGANTE

EVORA, 27 — Num estabelecimento comercial desta cidade está exposto um rábano gigantesco, com o peso de 8 quilos e 200 gramas — ou seja, mais 8 quilos do que, habitualmente, costumam pesar estas plantas.

Vida musical

10.º concerto da Orq. Sinfónica Nacional, em S. Carlos

Com este concerto encerrou o Teatro Nacional de S. Carlos a sua 2.ª série de programas sinfónicos, de colaboração com a Emissora Nacional e com a participação obrigada da Orquestra Sinfónica Nacional. Maestros de várias nacionalidades, inclusive portugueses, e alguns solistas intervieram nestas manifestações de musica, seguidas por um publico, no conjunto da série, animadoramente numeroso.

O ultimo concerto, que distinguiu Pedro de Freitas Branco para subir á estante do chefe de orquestra, deu, também, ao Corpo Coral do Teatro de S. Carlos ensejo de patentear o bom nível que mantém; e toda a gente se regozijou por certo com o fecho do programa, que constou da luminosa musica coral-sinfónica do «Daphnis et Chloé», de Ravel, êxito garantido e interpretação que contribuiu para a melhor fama do eminente chefe de orquestra português. Só nos queixaremos — sem subir, ou descer, ao tom das lamentações — da falta de mistério, de magia, nesta execução de agora; mas o dinamismo da direcção foi soberbo, e magnifico o brilhantismo da orquestra, posta á prova, desta vez, num programa particularmente duro: além de Ravel, para abrir, um fragmento das «Tentações de S. Frei Gil», obra escrita por Luís de Freitas Branco há 45 anos, e que sem ser muito complicado tem o seu valor — e as suas exigências — e que representava o equivalente de uma 1.ª audição, seguida das verdadeiras 1.ª audições da Sinfonia n.º 9 de Vaughan Williams e da suite sinfónica extraída da ópera «A mulher sem sombra», de Ricardo Strauss.

Se Pedro de Freitas Branco não encontrou tempo para burlar a execução da página sinfónica do seu falecido irmão, o que dizer da longa e complexa Sinfonia dos ultimos tempos de vida do insigne compositor inglês! Passávamos bem sem a híbrida musica de Ricardo Strauss, muito sábia a seu modo, e feita de pericia orquestral, sim, em que no entanto os valores sinfónicos deixam antever a peça ordenada ao teclado de um piano, e de um nervosismo que sob certos aspectos se poderá comparar á exaltação sensorial de Ravel, mas sem o seu equilibrio, a sua unidade, a sua beleza de puro classicismo. «A mulher sem sombra», contudo, pôde impor-se ao publico, demonstrando a orquestra a sua classe, como a seguir e mais afoitamente, é claro, aconteceu com o «Daphnis et Chloé».

Não deixemos Vaughan Williams sem acrescentar que esta sua sinfonia, dividida nos quatro andamentos da praxe, nos pareceu notável pela sua riqueza de pensamento (musical, já se vê), pela limpidez da escrita em que a pura polifonia retoma os seus direitos, e dentro de uma evolução formal que é um dos timbres da boa musica contemporânea. Faremos por tornar a ouvi-la na próxima retransmissão do concerto, a despeito das suas várias insuficiências de execução.

FRANCINE BENOIT

Concerto da «Pró-Arte»

Inaugura-se hoje a delegação da «Pró-Arte» em Ovar, com um concerto cujo programa está a cargo da pianista Helena Sá e Costa e do violinista Henri Mouton.

Circulo de Cultura Musical

E' esta noite, ás 21.45, que se efectua no Teatro de S. Carlos o ultimo concerto pela Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Jacques Singer, com a colaboração do pianista Sequeira Costa. O programa compõe-se de «Tocata e Fuga em ré menor», de Bach-Stekowki; «Concerto n.º 1», para piano e orquestra, de Rachmaninov; e «1.ª Sinfonia», de Sibelius. Os sócios do C. C. M. deverão apresentar o seu cartão da temporada de 1957-1958, que termina com este concerto.

PIANOS

Verticais e de Cauda
Alugam-se
CUSTÓDIO CARDOSO
PEREIRA & C.
Rua do Carmo, 11

O «Diário de Lisboa» vende-se em RIO MAIOR, na Fábrica Sant'Ana.



as maiores caves do País...

Preparados com seleccionadas castas de uvas de propriedades próprias e seguindo os mais modernos aperfeiçoamentos técnicos, os ESPUMANTES MESSIAS envelhecem tranquilamente nas maiores caves do país, só por si honra da indústria viti-vinicola nacional.

Espumantes naturais

MESSIAS

uma galeria das caves

os espumantes mais classificados no I e II Concurso Nacional de Vinhos Engarrafados.

A cerimónia da posse na Aeronáutica Civil

(Continuação da página central)

Pesa sobre os que ali trabalham — acentuou — a tremenda responsabilidade de continuar o esforço dos que lançaram as bases da nossa aviação civil e comercial, e mantém-se o princípio de recrutar os novos dirigentes entre os que já prestaram a mais útil colaboração aos serviços.

Continuando, disse que os empossados eram bem conhecidos dos funcionários da direcção-geral, mas não se dispunha de se referir, embora ligeiramente, ao seu passado na aviação. O sr. tenente-coronel António Francisco de Aguiar, piloto aviador e engenheiro aeronáutico ingressara em 1956 no quadro da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, depois de ter dessempeñado no sector militar missões de grande relevo. Estavam-lhe confiadas actualmente, em comissão de serviço, as funções de director dos serviços técnicos da T. A. P. A propósito, o sr. eng. Vitor Veres acentuou quanto era vantajoso para os serviços da direcção-geral a experiência dos seus técnicos obtida na maior empresa nacional de transportes aéreos.

Quanto ao sr. eng. Herculano de Medeiros Barbosa, afirmou o director-geral que, entre outras missões, realizara o estudo mais exaustivo e o plano mais completo de telecomunicações até hoje efectuado em Portugal.

Prosseguindo, o sr. eng. Vitor Veres acentuou a importância das funções que os empossados vão desempenhar no período particularmente agitado que atravessa a aviação civil em Portugal e no esforço

e renovação que se impõe. O II Plano de Fomento, disse, se abre algumas perspectivas de progresso ao transporte aéreo no nosso País prevê a realização de obras de vulto como a ampliação do Aeroporto de Lisboa, a construção dos aeroportos do Funchal, Porto Santo, São Miguel e Horta, além dum considerável desenvolvimento dos serviços da aeronáutica civil nas províncias ultramarinas, traz consigo enormes responsabilidades pois, com o punhado de técnicos com que conta presentemente Portugal neste sector, será preciso que a competência, o entusiasmo e a boa-fé de poucos supram a falta de muitos especialistas e o atraso na preparação dos colaboradores ainda no início da sua carreira, e a difícil concorrência que as empresas privadas fazem aos serviços do Estado, oferecendo maiores proventos e garantias de acesso.

Usou a seguir da palavra o sr. tenente-coronel António Aguiar que, ao agradecer as palavras do sr. eng. Vitor Veres, acrescentou que apesar das dificuldades do momento, de conseguir técnicos especializados e experientes em numero suficiente, estava convencido de que, com a leal colaboração e o desejo de bem cumprir de que ele e os seus colaboradores estavam animados, muito se poderia conseguir no futuro, em prol da aviação civil portuguesa. Confiava, especialmente, na acção do novo chefe da Repartição de Segurança Aérea.

Por ultimo, o sr. eng. Herculano Barbosa agradeceu as referências que ali lhe haviam sido feitas, e afirmou também a sua confiança no futuro da nossa aviação civil.

Os trabalhos científicos do Ano Geofísico Internacional permitiram amplos conhecimentos sobre os transcendentais fenómenos solares

WASHINGTON, 27. — Foram feitos grandes progressos no conhecimento dos fenómenos solares, durante os 18 meses que durou o Ano Geofísico Internacional — segundo uma revisão publicada pelo director da Comissão Nacional dos Estados Unidos.

As manchas solares, a radiação, a coroa solar e um eclipse foram observados com pormenores até agora nunca conseguidos, e os estudos sobre as relações existentes entre o Sol, o Espaço, a Atmosfera e a Terra abriram novos horizontes ao progresso científico.

Hugh Odishaw, director executivo da referida comissão no A. G. I., escreveu na revista «Science», agora publicada, um apanhado das realizações, com atenção especial para os estudos solares.

Odishaw declara que 30.000 cientistas e técnicos, em 4.000 estações e em 66 países, tomaram parte no Ano Geofísico e no seu programa de observações globais e nas experiências para melhor compreensão do interior da Terra, da sua atmosfera e do espaço à sua volta.

Segundo a sua estimativa os Estados Unidos dispenderam uma importância correspondente a 2.900 milhões de contos, não incluindo o auxílio logístico. Os outros países terão gasto cerca de 21.750 milhões de contos, sendo a totalidade do custo dos estudos referidos a volta de 43.500 milhões de contos.

Declara, também, que o período compreendido entre Julho de 1957 e 31 de Dezembro de 1958 foi escolhido, não só por coincidir com o máximo do ciclo das manchas solares, mas ainda porque corresponderia ao máximo de actividade solar de toda a História.

O Observatório de Zurique, principal fonte de esclarecimento das estatísticas sobre as manchas solares, anunciou que 1957 registou o mais alto somatório anual do numero de manchas solares, desde 1778. O nível de actividade solar declinou um pouco, durante o ano de 1958. Mas o ciclo máximo das manchas solares ocorreu em meados do período de A. G. I.

Mais de cem equipas — visuais, ópticas, fotográficas, fotométricas e de Rádio — mantiveram-se em constante vigilância durante os 18 meses daquele período.

«Esta vigilância sem precedentes permitiu a detecção das explosões

solares e essas informações foram canalizadas dos Observatórios solares para o organismo de informação internacional do A. G. I., nos Estados Unidos, onde eram feitas análises diárias ao aspecto das perturbações solares com efeitos directos na Terra» — declara Odishaw.

A Terra atravessou uma intensa nuvem solar

No tempo compreendido entre Junho de 1957 e o fim do período do Ano Geofísico foram radiodifundidos 40 «alertas», que tornaram possíveis intensas e simultaneas observações de explosões solares extraordinárias.

Odishaw aponta outras «descobertas tentadoras» feitas durante os estudos mundiais realizados no período do AGI, como por exemplo:

Radiações absolutas da radiação solar ionizada foram efectuadas, tendo como base a absorção dos raios cósmicos na atmosfera; as medições dos campos magnéticos associados com as manchas solares revelaram que são 8.000 vezes maiores do que no Equador terrestre; estudos sobre a aurora beneficiaram da elevada correlação com a actividade solar, tendo havido 110 noites em que elas puderam ser estudadas, nos Estados Unidos, durante os primeiros seis meses de 1958; os cientistas conseguiram coligir conhecimentos sobre a aurora nunca até aí reunidos, quando a Terra passou, no dia 11 de Fevereiro de 1958, através de uma notavelmente intensa nuvem solar, que ocasionou a mais perfeita observação da aurora até agora registada; foi observada a primeira aurora artificial da História pelos cientistas do AGI, em Apia, Pacífico Sul, no dia 1 de Agosto de 1958, em relação com as experiências nucleares realizadas na altura; há provas fidedignas de que existe um ciclo de intensidade de raios cósmicos que se opõe e até certo ponto se situa para além do ciclo de manchas solares; as provas da existência de campos magnéticos no Espaço, presumivelmente associadas com os plasmas solares, derivam do facto de os raios cósmicos não se aproximarem do campo magnético da Terra, como se esperava, mostrando aliás uma inclinação para Oeste; a existência de um elec-

tróico e essas informações foram canalizadas dos Observatórios solares para o organismo de informação internacional do A. G. I., nos Estados Unidos, onde eram feitas análises diárias ao aspecto das perturbações solares com efeitos directos na Terra» — declara Odishaw.

tróico e essas informações foram canalizadas dos Observatórios solares para o organismo de informação internacional do A. G. I., nos Estados Unidos, onde eram feitas análises diárias ao aspecto das perturbações solares com efeitos directos na Terra» — declara Odishaw.

tróico e essas informações foram canalizadas dos Observatórios solares para o organismo de informação internacional do A. G. I., nos Estados Unidos, onde eram feitas análises diárias ao aspecto das perturbações solares com efeitos directos na Terra» — declara Odishaw.

(Continua na 14.ª página)

Ainda não foram encontrados no «Inferno Verde» da Venezuela os tripulantes do balão que atravessou o Atlântico

CARACAS (Venezuela), 27. —

Tendo constado que o balão «Pequeno Mundo» no qual quatro ingleses que partiram de Tenerife tentavam chegar às Antilhas Britânicas, teria caído no porto de Pedernales, no delta do Amacuro, a cerca de milhas da ilha da Trindade, seguiram para o local dois aviões militares e helicópteros da ilha da Trindade. Segundo a mensagem aqui recebida, os tripulantes do balão estão bem. Contudo, notícias oficiais, chegadas às 0 horas (T. M. G.), dizem que os aparelhos de reconhecimento das Forças Aéreas em busca do «Pequeno Mundo», o qual se dizia ter caído no território do delta de Amacuro, regressaram às bases, depois de terem sobrevoado, em vão, aquele território.

Pelo seu lado, os helicópteros do «Aero-World», depois de alguns voos de reconhecimento, voltaram para Port of Spain.

Colunas compostas de membros da Guarda Nacional e numerosos voluntários, munidos de aparelhos de transmissão, partiram ontem a tarde para a região de Pedernales. Ao cair da noite, informaram não terem encontrado o balão inglês. E todas as tentativas para entrar em contacto com o «Pequeno Mundo», não deram resultado. — (F. P.)

O balão ou um foguetão americano?

CARACAS, 27. — Receava-se hoje que tivessem desaparecido na selva ao Sul da Venezuela os quatro ingleses (três homens e uma mulher) que seguiam a bordo do balão «Pequeno Mundo», após terem realizado triunfalmente a primeira travessia em balão no Atlântico, batendo o «record» mundial da distancia percorrida por balões, que era de cerca de 2.850 quilómetros, estabelecida pelo aeronauta alemão Berliner, em 1944. A viagem do «Pequeno Mundo» foi, também, a primeira travessia livre em balão através do Atlântico.

Os quatro tripulantes, cuja aventura foi patrocinada pelo duque de Edimburgo, tinham como objectivo alcançar um ponto alurel, na região das Índias Ocidentais Britânicas. A costa onde aterraram fica somente a alguns quilómetros ao Sul da Trindade.

As primeiras notícias vieram de um aeroporto da Trindade, a alguns quilómetros ao Norte, e diziam que um aparelho estranho, presumivelmente o «Pequeno Mundo» ou um foguetão americano, caíra na região de Pedernales. As autoridades confirmaram mais tarde as notícias, mas informaram que o

O Papa consagrou hoje os novos bispos

CIDADE DO VATICANO, 27. — O Papa João XXIII consagrou, esta manhã, numa cerimónia na basílica de São Pedro, oito novos bispos de três continentes, incluindo o seu secretário de Estado, cardeal Domenico Tardini. E' a primeira consagração a que preside João XXIII.

Entre os novos bispos, incluem-se, além de monsenhor Tardini, que, durante catorze anos, foi pró-secretário do Estado de Pio XII, recusando sempre o bispado e o cardealato; mons. Carlo Grano, novo nuncio apostólico na Itália, que passa a ser arcebispo titular de Salônica; Giuseppe Ferretto, assessor italiano da Sagrada Congregação Consistorial, arcebispo titular de Sárdica; Angelo Dellacqua, secretário de Estado, adjunto do Vaticano, arcebispo titular da Calcedónia; Albino Luciani, bispo de Vittorio Veneto Carl Msakila, bispo de Carrema, no Tanganica; Mario Casariego, bispo titular de Pudentiana e auxiliar do arcebispo da Guatemala Joseph Gloribert Cornelis, bispo titular de Tunes e vigário apostólico de Catanga, no Congo Belga.

A demorada cerimónia, assistiram 15 cardeais, 25 bispos, o chefe do Governo, Fanfani, o presidente da Câmara de Roma, Urbano Ciocchetti, membros do corpo diplomático acreditado na Santa Sé e parentes e amigos dos novos bispos. — (A. N. I.)

balão não pudera ser encontrado.

— (R.).

Há esperança no resultado das pesquisas em curso

MATURIM, 27. — O ultimo contacto com o «Pequeno Mundo», registou-se, ontem, às 16 horas, quando foi captada pela rádio uma mensagem muito fraca, dizendo que os quatro tripulantes estavam vivos. Nessa altura foi dada a posição onde o balão desceu: 9 graus e 40 minutos de altura Norte e 61 graus e 23 minutos de longitude Oeste. Esta posição fica a cerca de 35 quilómetros a Sudoeste do pequeno porto costeiro de Pedernales, no território federal do delta Amacuro. Vários aviões iniciaram imediatamente pesquisas na área assinalada, mas sem resultado, até ao anoitecer.

Esta manhã, catorze aviões venezuelanos e norte-americanos começaram as pesquisas para localizar o ponto onde o balão «Pequeno Mundo» desceu ontem de madrugada na Venezuela Oriental. O «Pequeno Mundo» partiu de Santa Cruz de Tenerife, nas Canárias, em 12 de Dezembro e deve ter aterrado na área do delta Amacuro, perto da faz do rio Orenoco.

A zona onde se fazem as pesquisas é a ultima parte civilizada da

Venezuela. Apesar de abranger mais de 20.000 quilómetros quadrados, a sua população é inferior a 15.000 habitantes. Pouco se conhece dos índios que ali habitam, excepto que geralmente não são hostis aos Brancos. A área é constituída por uma selva quase impenetrável e, recentemente, começou a desenvolver-se devido às explorações petrolíferas em curso. E' conhecida pelo «Inferno Verde» por causa do extremo calor e humidade, desconhecimento dos perigos provenientes dos animais selvagens, dos índios e da sua vegetação verdadeiramente tropical. Nesta estação do ano a zona é particularmente perigosa devido às súbitas chuvas torrenciais, que aumentam o volume das águas dos rios provocando enormes cheias.

Espera-se que as buscas de hoje sejam coroadas de êxito, tanto mais que se juntaram aos aviões seis helicópteros.

Um avião do Ministério das Comunicações, dirigido pelos capitães Aureliano Guzman Zavarce e José António Salvas, desceu, ontem, por várias vezes, nas proximidades da posição indicada pelos tripulantes do «Pequeno Mundo». Aqueles dois militares interrogaram os operários de uma exploração petrolífera e vários índios amigos, mas todos afirmaram não ter visto o balão. — (A. N. I.)

NOVIDADES



EM 45 R. P. M.

TOMÉ DE BARROS QUEIRÓS

MEP 60.120 — Coimbra dos Estudantes — Fado slow
Saudade de Sintra — Fado slow
Maria, minha Maria — Valsa
Não brinques comigo — Canção fox

FERNANDO QUEIJAS

MEP 60.123 — Camponesa formosa — Morna
Canções aladas — Morna
Fraternidade — Morna
Terra minha — Morna



JOÃO ALEIXO e s/ conjunto

MEP 60.127 — Festa na aldeia — Valsa
Fado das Guitarras — Fado
Eu não queria — Fado slow
Eu nasci nesta Lisboa — Fado slow

FERNANDO FARINHA

MEP 60.129 — Eterna amizade — Fado
A verdadeira Lisboa — Fado
Deus queira — Fado
Fado Ramboia — Fado

MARIA AMÁLIA

MEP 60.130 — Toma lá beijinhos — Marcha
Fado da velha guarda — Fado
Diamantino Viseu — Fado
Mentir para quê — Fado

PARA O NATAL

(EXTRACTO DO CATALOGO)

EM 45 R. P. M.

MEP 60.073 — Natal (canção) — Sininhos de Luz (canção) — Natal Branco (canção) — Noite Santa, Noite Feliz (canção) — Por Shengundo, Galarza, Orgão e Conj. Vocal



A VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE
DISTRIBUIDORES GERAIS:

RÁDIO TRIUNFO, LDA.

PRAÇA DO MUNICIPIO, 309 — PORTO



LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

Um crime quase perfeito

Os amigos, que se iam despedir, encheram a sala de visitas dos Carpenter, pouco antes de eles partirem para a Inglaterra para os Estados Unidos.

— Muito bem, doutor — disse o major Sinclair —, mas esperamos que o senhor esteja de volta pelo Natal!...

— Ele estará, sim! — respondeu a senhora Carpenter —. Fique descansado. Prometo!...

— Sei lá! Acontece tanta coisa... — replicou o dr. Carpenter.

— Não! Aconteça o que acontecer — observou a esposa, com expressão alegre —, ele volta para passar o Natal em Inglaterra. Podem crer no que lhes digo!

E todos acreditavam que seria assim. Até o próprio dr. Carpenter quase se convenceu de que a mulher tinha razão. Desde o seu casamento, havia bons dez anos, ela vivera fazendo sempre o mesmo, isto é, prometendo que ele compareceria a festas, reuniões de «comités» e sabe Deus que mais — promessas, aliás, todas cumpridas.

Os visitantes não ocultaram a sua admiração pelos magníficos e perfeitos projectos já estabelecidos por Hermione e segundo os quais ela e o marido iriam de automóvel, naquela mesma noite, para Southampton, onde embarcariam no dia seguinte. E não havia comboios, nem correias, nem precipitações da última hora. Tudo com calma. Via-se bem que a senhora Carpenter sabia cuidar do marido. Insistiram, contudo, em que Hermione, no regresso, viesse acompanhada pelo médico, dissuadindo-o de aceitar tentadoras ofertas de alguns dos grandes hospitais americanos, nem qualquer outra situação que o retivesse na América.

*

Quando as visitas se retiraram, faltava só acabar de pôr as coisas em ordem e trancar as portas. Hermione deu as suas instruções ao marido:

— Vá lá acima e vista aquele fato castanho de casimira. E, antes de meter na mala esse azul, limpe-lhe os bolsos. O resto pode deixar por minha conta. Só quero que você não me atrapalhe!

O dr. Carpenter subiu, tirou a roupa e vestiu um casaco velho e sujo. Depois, chamou a mulher:

— Hermione: venha cá, para ver uma coisa esquisita!

Ela correu logo.

— Ora esta! — explodiu —. Então, você ainda está com todos os vagares, metido nesse roupão sujo? Há quanto tempo lhe pedi que queimasse essa trapagem?!

— Ouça lá: quem poderia ter deixado cair uma corrente de ouro dentro da banheira? — perguntou o doutor.

— Está visto que ninguém! Não há aqui ninguém que tenha corrente de ouro!

— Pois então veja — instigou Carpenter —. Pegue da lanterna eléctrica, aproxime o rosto bem perto das torneiras da banheira e verá a tal corrente.

Hermione debruçou-se, para examinar o mais próximo possível o fundo da banheira. Nesse momento, o médico, pegando de um velho cano de chumbo, agrediu-a violentamente na cabeça e colocou o corpo de Hermione na tina.

Tirou, depois, o roupão e, completamente nu, desembalou vários instrumentos cirúrgicos que trouxera numa trouxa, deixando-os dentro da pia. No chão de mosaicos

já estavam espalhadas várias folhas de jornal.

Hermione estava morta. Carpenter arrumou o cadáver na banheira, desnudou-o e abriu as torneiras. A água começou a jorrar turbilhonando, mas logo saiu a jactos e parou. Ele compreendeu e exclamou: — Com os diabos! ela fechou o contador!...

Limpou rapidamente as mãos, abriu a porta do quarto de banho com a ponta limpa da toalha e precipitou-se pela escada abaixo. Sabia onde estava o contador da água. Claro que sabia, pois tantas vezes estivera na cave, preparando, como dissera à mulher, um depósito subterrâneo para a sua garrafeira! Assim, correu à cave, mas, no momento preciso em que ligou a água, retiniu a campainha da porta da rua. Teve a impressão de que alguém lhe atravessava o estômago com uma vara de aço. — «Que idiotas! Eles nada tinham que vir aqui fazer agora!» — pensou. Sentindo, porém, certo nervosismo, reagiu energicamente e a si próprio se admoestou: — «Nada disso! nada disso!»

Texto integral
do conto de
JOHN COLLIER

Conseguiu dominar-se a tal ponto que, ouvindo de novo a campainha, já não o perturbou o menor abalo. Percebeu, então, que alguém abria a porta e chamava por eles. Eram o Wallingford e a mulher — «Diabo! E ela nua... e toda ensanguentada!»

Ouvia os intrusos falarem e chamando-os pelos primeiros nomes.

— Onde se teriam eles metido?

— Ah! Talvez andem a fazer as compras da última hora!

— Hermione não deixa nada para a última hora. Ora, escute: você não ouve a água a correr? Está alguém a tomar banho. Vale a pena chamar alto?

— Não! cale a boca! Vamo-nos embora. Voltaremos a passar por aqui de novo. Hermione disse que não sairiam antes das sete horas.

— Está bem! Mas eu não quero deixar de tomar um whiskyzinho com o Carpenter!

— Depois... Agora vamos. Voltaremos às seis e meia!

Ouvia fecharem a porta da rua. — «Seis e meia! — pensou —. Dá tempo, sim!»

Subiu ao andar de cima e, com os instrumentos que deixara na pia, terminou a sinistra tarefa. Depois desceu, carregando embrulhos de papel de jornal, muito bem amarrados, que transportou para a cave, colocando-os na cova funda e estreita, que fizera a um canto, «para o vinho», como ele dissera.

Isso feito, cobriu tudo com terra e espalhou carvão por todo o pavimento. Em seguida, lavou-se, limpou muito bem a banheira, vestiu-se e levou para o fogão a roupa que Hermione trazia ao morrer, bem como o velho roupão. Deitou-lhes fogo, e, daí a pouco, estavam as coisas arranjadas segundo os seus planos. E não passava das seis e um quarto. Agora, era só entrar no automóvel e partir, livre, livre!

Estava radiante, pois o que se seguiria tornava-se muito fácil. Em Chicago esperava-o Marion, que o julgava vivo havia muito tempo... Daria uma desculpa qualquer à instituição que o convidara a fazer conferências. Muito simples! Estabelecer-se-ia numa cidadezinha do interior dos Estados Unidos, e pronto: estava seguro para toda a vida! Verdade que ainda levava as malas com toda a roupa de Hermione; isso, porém, era o menos, pois podia atirar tudo isso pela vigia do navio... Ainda bem que ela só escrevia cartas à máquina; caso contrário, ele teria de imitar-lhe a letra para os amigos — e isso não daria certo! «Mas Hermione queria ser moderna e eficiente em tudo. Quer-a tomar conta queria estar à frente! Pois tão bem tomou conta, que morreu! Bem feito!» — assim pensava ele.

Pensara em tudo: quando chegasse à América, escreveria para os amigos dela, à máquina, certamen-

te, e faria com que as cartas a pouco e pouco fossem rareando. Depois, ele próprio escreveria algumas vezes, dando sempre qualquer nova justificação para o adiamento do regresso à Inglaterra...

*

Em Nova York, sentiu-se outro-livre, seguro, dono de si mesmo, afinal! Olhava sem temor aquela última hora passada em casa. Que delícia encontrar-se com Marion.

Poucos dias depois da chegada, ao entrar no hotel, encontrou a primeira pilha de cartas à sua espera. Seria até divertido escrever para os amigos no estilo seco e conciso de Hermione, assinando as missivas com aquela letrinha dela e contando-lhes como decorreria a primeira conferência, como era bom estar na América, etc., mas que, de qualquer maneira, pelo Natal estariam de volta. As dúvidas dos amigos ficariam para depois...

As cartas eram, na maior parte, para Hermione: da família Sinclair, dos Wallingford, do vigário da paróquia e uma, evidentemente tratando de negócios, da firma Holt & Sons, Construtores. No átrio do ho-

tel, pôs-se a ler a correspondência, sorrindo. Todos estavam convencidos de que os teriam de regresso pelo Natal. — «Ai e que eles se enganaram redondamente!» — dizia Carpenter com os seus botões. Deixou para o fim a carta dos construtores: certamente, alguma carta sem importância. Quando, porém, a abriu, viu que dizia o seguinte:

Prezada senhora Carpenter.

Acusamentos o recebimento da sua amável carta, comunicando-nos concordar com o orçamento. Chegou-nos, também, as mãos a cave da cave. Pode a senhora estar certa de que tudo estará pronto pelo Natal, para poder fazer a surpresa a seu marido. O trabalho vai começar já nesta semana.

Com toda a estima e apreço, Paul Holt & Sons.

Orçamento:

Escavação, revestimento em cimento armado, acabamento completo de um depósito subterrâneo para vinho, na cave da sua residência, dezoito libras».

Pequenas notícias

ASSEMBLEIAS GERAIS

Reune-se hoje, na respectiva sede, e em sessão ordinária, a assembleia geral da Casa do Minho, a fim de proceder à eleição dos corpos gerentes para o exercício de 1959. A convocação está feita para as 21 horas, e a assembleia funcionará com qualquer numero de associados uma hora depois.

CORPOS GERENTES

A Associação dos Bombeiros Voluntários de Almada elegeu novos corpos gerentes para 1959. Presidem a assembleia geral, a direcção e ao conselho fiscal, respectivamente, os srs. João Luís da Cruz, dr. Mário Pires Bento e António Moura e Silva.

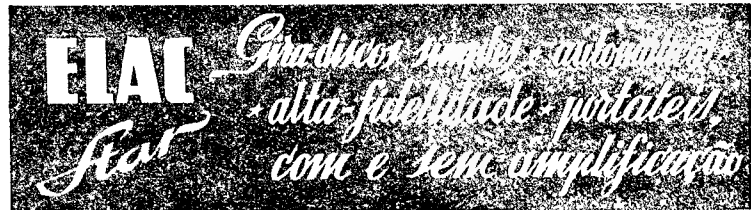
Também a Casa dos Açores elegeu os corpos gerentes para o próximo ano. Os srs. brigadeiro Abel de Abreu Sotto Mayor, coronel dr. Vital de Lemos Bettencourt e dr. Jaime Soares de Figueiredo são, respectivamente, os presidentes eleitos para a assembleia geral, direcção e conselho fiscal.

Desordem sangrenta

EVORA, 26 (Pelo telefone). — Em Portel, sob acção do álcool, envolveram-se em desordem Miguel Augusto Pardal, de 40 anos, casado, trabalhador rural, e João Ramalho, ambos daquela vila. Da contenda, saiu ferido o primeiro, com uma navalhada no abdome, que lhe perfurou o intestino, sendo operado no Hospital da Misericórdia de Évora.

Falta de gasolina e de gasóleo

ALMODÓVAR, 26 (Pelo telefone). — Mais uma vez faltam, nesta vila, gasolina e gasóleo, na única bomba existente, o que causa grandes transtornos, principalmente aos médicos e aos forasteiros, que são forçados a pedir emprestados, a particulares, aqueles combustíveis, a fim de se irem abastecer a Castro Verde, que fica a 21 quilómetros de distância.



De realização a mais moderna.

De apresentação elegante e harmoniosa.

Grande variedade de modelos de alta fidelidade!

O SEU DISCO MERECE UM «ELAC»

Consulte os revendedores e os representantes exclusivos:

FOCUS, LDA.

LARGO ANDALUZ, 1 — TELEF. 730131/2/3 — LISBOA

Comunicado

A Agência Predial (Josan), com escritório na Rua Augusta, 229, 3.º, Dt.º, em Lisboa, informa que dispensou os serviços do seu colaborador Eduardo José Arsénio.

Casa Alemã

Bibelots, Saxe e Limoges. Serviços de Jantar, Chá e Café em porcelana Nacional e Estrangeira. Artigos de Menage. Talheres, etc.

RUA DA PALMA, 33

Já leu o «SEMPRE FIXE»? Então leia!

Tractor BREDA

tipo D6, novo, 90 CV., vende-se em boas condições. CIM—Cacém Industrial Metalúrgico, Lda.—Tel. 094116—Cacém.

Escavadora

SKODA, nova, 500 litros, vende-se em boas condições. CIM—Cacém Industrial Metalúrgico, Lda.—Tel. 094116—Cacém.

Restaurante Cortador

OH! LACERDA

Avenida de Berna, 36-A

PRATOS DO DIA

Domingo — Cabrito Assado
Segunda-feira — Dobrada à Portuguesa
Terça-feira — Cosido à Portuguesa
Quarta-feira — Bacalhau
Quinta-feira — Chambão à moda da casa
Sexta-feira — Caldeirada
Sábado — Chispe com todos

Agradece a marcação de mesa pelo telefone 77 40 57.

OUVE MAL? EXPERIMENTE VIENNATONE!

A MARAVILHA MÁXIMA PARA BEM OUVIR!

AUDIOGRAMAS • AURICULARES POR MEDIDA • A TÉCNICA MAIS MODERNA

EM LISBOA - AV. ROMA 29-12 - TEL. 77 74-77 - NO PORTO - R. SAMPAYO BRUNO, 12-A

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

xaropes são altamente nutritivos. As crianças adoram-nos. Pena é que, em muitos lares, este costume tradicional e bem português se tenha perdido, cedendo lugar às conservas.

Há frutas durante todo o ano ao alcance de quase todas as bolsas e paladares: alperches (Julho a Setembro), amêndoas (Junho e Setembro), ananás (todo o ano), bananas (Janeiro a Dezembro), cerejas (Junho a Julho), castanhas (Outubro a Fevereiro), figos (Julho a Setembro), nozes (Novembro a Dezembro), laranjas (Outubro a Março), pêsegos (Julho a Setembro), pêras (Julho a Novembro), maçãs (Junho a Março), ameixas (Agosto a Setembro) e uvas (Julho a Novembro).

A mãe natureza, atenta e pródiga, colocou assim à disposição do homem, durante o ano inteiro, as frutas necessárias à sua saúde e alimentação.

Os princípios energéticos por cem grammas de frutas frescas são, a traços largos, os seguintes: alperches: cinquenta e duas calorias, oitenta e seis grammas de água, 0,8 de protidos, 0,1 de lipídios e 12 de glucidos; cerejas: setenta e sete calorias, oitenta grammas de água, 1,2 de protidos, 0,5 de lipídios e 17 de glucidos; figos: oitenta calorias, setenta e nove grammas de água, 1,3 de protidos, 0,3 de lipídios e 18 de glucidos; pêsegos: cinquenta e duas calorias, oitenta e seis grammas de água, 0,8 de protidos, 0,1 de lipídios e 12 de glucidos; pêras: setenta e uma calorias, oitenta e três grammas de água, 0,4 de protidos, 0,4 de lipídios e 14 de glucidos; maçãs: sessenta e uma calorias, oitenta e quatro grammas de água, 0,3 de protidos, 0,4 de lipídios e 14 de glucidos; ameixas: sessenta e quatro calorias, oitenta e três grammas de água, 0,8 de protidos, 0,1 de lipídios e 15 de glucidos; uvas: oitenta e uma calorias, setenta e nove grammas de água, 1 de protidos, 1 de lipídios e 17 de glucidos; ananás: cinquenta e uma calorias, oitenta e sete grammas de água, 0,5 de protidos, 0,1 de lipídios e 17 de glucidos; bananas: noventa e sete calorias, setenta e cinco grammas de água, 1,4 de protidos, 0,4 de lipídios e 22 de glucidos; limão: quarenta e três calorias, oitenta e nove grammas de água, 0,7 de protidos, 0,5 de lipídios e 9 de glucidos; tâmaras: trezentas e cinco calorias, duas de protidos, 0,6 de lipídios e 73 de glucidos.

Quase todas as frutas contêm potássio, fósforo, cálcio, magnésio, ferro e cobre, minerais indicados no tratamento das anemias e de outras enfermidades.

As principais vitaminas são: a vitamina C (antiescorbútica, reguladora do metabolismo geral e estabilizadora do funcionamento das glândulas suprarrenais, anti-infecciosa); a B1 (a carência desta vitamina ocasiona graves alterações nervosas); a B2 (essencial para o metabolismo de pele); a A (reguladora do crescimento e da vida celular); a P (encontra-se sobretudo no limão) e a PP (figos, ameixas e uvas).

Todas estas vitaminas são vitais para o homem, tendo cada uma delas uma acção terapêutica e electiva.

As curas de uvas são aconselhadas em determinados casos patológicos, assim como as de pêras e maçãs. Estas curas devem fazer-se duas ou três vezes por semana.

A gota, o reumatismo crónico, os eczemas, as urticárias e celsas melhoram com tais regimes dietéticos. As frutas estão contraindicadas nos doentes do tubo digestivo. As frutas cruas, nalguns

enfermos, retardam a digestão, especialmente naqueles que sofrem de úlceras do estômago e do duodeno.

Os doentes que sofrem do coração e dos vasos beneficiam com aqueles tratamentos.

Nas nefrites crónicas, as dietas de frutas fazem baixar a ureia, restabelecendo as taxas normais.

Muito útil é a aplicação directa dos sumos de frutas à pele, constituindo um dos capítulos mais interessantes e actuais da cosmética moderna. Os sumos encerram autênticos produtos de beleza. As experiências foram iniciadas em 1932 pelo dr. Rovesti, conhecido especialista, tendo aquele verificado que os sumos de limão, de laranja, de maçã (cidra) possuíam propriedades eubióticas, além das tonificantes. Os sumos dão à pele um aveludado especial, impossível de adquirir com unguentos, cremes e outros produtos cosméticos.

Esta descoberta que revolucionou a arte de receitar, causou um verdadeiro alarme nos toucadores femininos.

Os sumos de frutas devem ser aplicados directamente à pele, depois de bem ensaboadas e lavadas. Os dois processos clássicos de utilização pouco diferem. São as máscaras e as loções. Os sumos são extraídos pelos processos habituais e, em seguida, filtrados através de compressas esterilizadas. As loções aplicam-se directamente com um pulverizador ou embebidos em algodão. Uma massagem facilita e favorece a absorção. Estas aplicações devem durar quinze a vinte minutos. Passado esse período de tempo, lava-se o rosto com água fervida ou esterilizada.

As máscaras de beleza são constituídas por sumos de frutas e gelatina e aplicadas durante vinte a trinta minutos.

O sumo de alperche usa-se como tonificante da pele normal; as máscaras de sumo ou óleo de amêndoa dão os melhores resultados nas peles secas, que gretam com facilidade no Verão e no Inverno.

O sumo de ananás é tonificante. A banana é usada desde há muitos séculos pelas populações femininas das regiões tropicais. A cereja é altamente tonificante e aveludada a pele. As máscaras de limão (mistura de sumo e leite) utilizam-se nas peles gordurosas. Limpam a face e acalmam as irritações cutâneas.

O sumo de limão dá brilho aos olhos. As Italianas fazem um colírio e com ele conseguem olhos sentimentais e amorosos...

O sumo de laranja fresco, sempre fácil de obter, desengordura a pele, sendo ao mesmo tempo um desintoxicante. O tratamento local deve ser acompanhado de curas de sumos. Todas as manhãs, ao pequeno almoço, convém beber um copo de sumo de laranja.

Com a mão esfacelada

por um tiro de caçadeira
EVORA, 26 (Pelo telefone). — Deu entrada no Hospital da Misericórdia desta cidade o trabalhador agrícola Manuel Ramalho Diogo, de 54 anos, casado, natural de S. Marcos do Campo, onde reside, e que ali foi vítima de desastre com a sua arma caçadeira, a qual lhe esfacelou a mão esquerda.

Peixe para Lisboa

Na lota de Santos, foram esta manhã vendidas 175 toneladas de peixe. Vindo da costa, chegou o arrastão «Eduardo Maria», com 12.000 quilos. O «Aldebaran» rendeu 1.768 caixas, com 86 toneladas que renderam 387 contos.

Para a pesca largam hoje o «Luzia» e o «Alfacinha».

Esta simples e fácil medida dietética esconde, muitas vezes, o segredo da amorosidade de certas peles que encantam e despertam paixões. No âmago de muitas delas pouco mais existe do que sumo de laranja ou de ameixas. As peles inquietas, nervosas, que se preguiam com facilidade, deixando rugas antipáticas vida fora, beneficiam com o uso de sumo de uvas. Lavar a cara todos os dias, de Julho a Novembro, com sumo de uvas, torna a pele bela e lisa, sadia e juvenil...

São difíceis de obter no laboratório, com drogas de síntese, as qualidades e propriedades eubióticas dos sumos de frutas frescas, razão esta por que alguns cosméticos não resultam. Não possuem o mesmo pH, idênticas percentagens de lipídios, aminoácidos, vitaminas, sais minerais e ainda as essências naturais.

Os sumos devem ser muito frescos, pois alteram-se com relativa facilidade. Ora, uma vez alterados, perdem aquelas qualidades que os impõem na cosmética moderna e científica.

A cura de sumos completa a delicada terapêutica da pele feminina. Uma vez encontrado o sumo para uma determinada pele, além de localmente, deve ele ser ingerido todos os dias, sendo possível.

Friso a palavra «possível», visto a terapêutica depender, em parte, da estação do ano e da abundância das frutas.

A. d'E.

DE LUTO

Maria Filomena Santos Saruga Martins

Faleceu a menina Maria Filomena Santos Saruga Martins, natural de Lisboa e filha da sr.ª D. Maria Candida Santos Saruga Martins, e do sr. arquitecto António José Martins. O funeral a cargo da Agência Barata, realizou-se hoje, às 11 horas, da igreja de Arroios para jazigo de família, no cemitério de Sacavém.

José Marques de Assunção

Faleceu o sr. José Marques de Assunção, de 86 anos, natural de Vila Nova de Tazem (Gouveia), industrial de alfaiataria, viúvo, pai da sr.ª D. Maria Emília da Silva Marques Silva.

O funeral, a cargo da agência Magno, realizou-se hoje, às 7 horas, da igreja de S. João de Deus, para jazigo de família, no cemitério de Vila Nova de Tazem.

Livia Ferreira Soares

Faleceu a sr.ª D. Livia Soares, de 47 anos, natural de Lisboa, casada com o sr. José Soares.

O funeral, a cargo da agência Magno, realizou-se ontem, da igreja de Nossa Senhora de Fátima, para jazigo, no cemitério da Amadora.

D. Anna Sophie Dambæk

Faleceu a sr.ª D. Anna Sophie Dambæk, de 59 anos, natural de Bad Suderode, Alemanha, casada com o sr. Claus Dambæk, engenheiro civil, mãe da sr. D. Mette Beckmann e sogra do sr. Valdemar Beckmann.

O funeral, a cargo da agência Barata, hoje, de manhã, às 11 horas, na capela do cemitério inglês.

D. Judite da Conceição Brusco de Oliveira

LEIRIA, 25 — Faleceu nesta cidade a sr.ª D. Judite da Conceição Brusco de Oliveira, de 78 anos, viúva do médico dr. António Rodrigues de Oliveira e mãe dos srs. António Brusco de Oliveira, Mário Brusco Guimarães de Oliveira, casado com a sr.ª D. Maria Irene Amaral Brusco de Oliveira, e Rodrigo Brusco de Oliveira, casado com a sr.ª D. Maria Candida Pereira Guimarães; e das sr.ªs D. Judite Brusco de Oliveira, viúva; D. Maria Manuela Brusco Guimarães de Oliveira Caldas, casada com o sr. dr. Bento Caldas; e de D. Eva Brusco Guimarães de Oliveira Sousa, casada com o sr. dr. Afonso de Sousa.

O seu funeral realizou-se esta manhã para o cemitério de Vila Nova de Ourém.

Novos melhoramentos na Misericórdia de Lisboa

(Continuação da 1.ª página)

já começou a construir em Alcoitão, e que custará 25.000 contos, o dr. Melo e Castro, saudou, em breves palavras os membros do Governo e os demais convidados e agradeceu a colaboração do Ministério das Obras Públicas. Disse que estes novos serviços e novas instalações de outros já existentes marcam o início palpável, que houve o propósito de enquadrar nas comemorações do 5.º centenário do nascimento da Rainha D. Leonor, falando da profunda reforma que está em curso na Misericórdia e se prolongará por alguns anos.

Referiu que a Misericórdia não está a preocupar-se sómente com a revisão dos métodos de trabalho, dos quadros de pessoal das instalações e do equipamento das suas vastas actividades de saúde e assistência, mas, ao mesmo tempo, e para fazer face aos grandes encargos de recuperação de muitos serviços, que se encontravam em deficientes condições e às novas responsabilidades que está a assumir no quadro geral da protecção social do povo da capital, preocupa-se também, com particular empenho, da valorização das suas receitas.

Revelou que a importante receita da lotaria nacional, devido a providências tomadas no segundo semestre do ano em curso, mostrou novas e prometedoras virtualidades que vão ser ainda mais cuidadas no ano próximo, com o favor do público que compreenda a sagrada e exclusiva consagração destas receitas à assistência. Referiu

que, em relação aos do ano de 1957, os lucros líquidos da lotaria nacional, no ano em curso, tiveram um aumento de cerca de vinte mil contos.

E afirmou que o espírito da Misericórdia «foi, é e continuará a ser, o da caridade cristã».

O ministro da Saúde e Assistência, em seu nome e no do subsecretário de Estado presente agradeceu ao provedor o ensejo que lhes deu, de o ouvirem, e a oportunidade de verificarem a obra vastíssima que, na Santa Casa, se está a levar a cabo:

— Agradecemos — disse — as suas palavras; mas agradecemos, sobretudo, a realização dos altos e importantes objectivos que presidem à sua acção.

Dali seguiram todos para o novo Serviço Hospitalar para a Primeira Infância, primeira fase da remodelação do Hospital de S. Roque, de que foi arquitecto responsável o sr. Sebastião Formosinho Sanches, e de que é chefe dos serviços clínicos o sr. Costa Quinta. Procedeu à sua bênção o bispo de Limira, após o que os visitantes puderam apreciar: as sessenta excelentes camas metálicas, com gavetas, e cada uma com uma mesa de cabeceira, destinadas a crianças até dois anos; as salas de enfermaria, com boxagem especial, de quarentena, de isolamento e de reanimação; as instalações para exames médicos, com os mais modernos instrumentos; as salas de trabalho das enfermeiras; uma cozinha modular privativa, para dietética infantil, e a mais moderna aparelhagem existente no País, para preparação das refeições lácteas.

Depois, foi inaugurada a nova Lavandaria Central, que assegura já o tratamento das roupas de todos os estabelecimentos da Misericórdia (1.800 quilos diários), que tem capacidade para 2.500 quilos, passando os visitantes à nova Central Térmica, com a produção horária de 1.350 calorias, e às novas instalações dos Serviços de Contabilidade.

Seguiram-se as inaugurações de uma nova creche e de um novo jardim da infância, respectivamente para 30 crianças da primeira infância e para 40 da idade pré-escolar, no edifício da Junta de Freguesia de S. José que, para o efeito, cedeu o seu uso à Misericórdia; e das novas instalações dos dispensários materno-infantis da Rua da Saudade e da Rua da Rosa, nos quais trabalham já, no primeiro, dois médicos, oito enfermeiras-educadoras de Saúde Pública e um auxiliar de enfermagem, e no segundo, respectivamente, 2, 4 e 1, além de pessoal auxiliar.

Os dois membros do Governo manifestaram ao dr. Melo e Castro a sua satisfação por tudo quanto viram e a sua aprovação.

SUFRAGIOS

Alfredo Ferreira

RIBA DE AVE, 27.—Nesta localidade houve hoje solenes exéquias, com officio e missa de «requiem», por alma do industrial Alfredo Ferreira, benemérito comendador cuja memória jamais se apagará do espírito de quantos vivem nesta localidade e nos arredores.

Nestas cerimónias tomaram parte dezenas de sacerdotes da diocese de Braga e o grupo coral famaliense, que se fez ouvir durante a celebração de três missas, sendo todas estas cerimónias subordinadas ao rito bracarense.

Além da família enlutada, assistiu às cerimónias elevado numero de pessoas, entre as quais o governador civil de Braga, o presidente da Camara, o presidente substituto da Camara do Porto, representante do presidente da Camara de Guimarães, cônsul da Áustria no Porto, numerosos industriais de todo o distrito, comerciantes do Porto, Lisboa e outras cidades, dirigentes de organismos e o comandante da corporação dos Bombeiros da Fundação Narciso Ferreira.

A viúva, D. Maria Amélia Ferreira, e seu filho sr. José Carlos Ferreira, os condes de Riba de Ave e mais família, receberam, na sacristia, os cumprimentos de centenas de pessoas, que estiveram presentes às cerimónias.

Agência «SRA»

Funerais—Trasladações—Jazigos
Facilidades de pagamento
R. das Pedras Negras, 5—Tel. 27288

Festas associativas

Para fecho das festas comemorativas das bodas de prata da Casa de Pedrogão Grande, haverá hoje, às 21 horas, na sua sede, na Rua das Portas de Santo Antão, 159, 2.ª, uma sessão solene com distribuição de emblemas aos sócios fundadores, seguida de baile até de madrugada.

— Hoje e amanhã, haverá, a partir das 22 horas, bailes, na sede da Associação de Beneficência Luís Braille, na Rua de S. José, 86, 1.ª. — Para encerramento das festas do 19.º aniversário do Sporting Clube da Penha, haverá, amanhã, na sua sede, um almoço de confraternização, inter-sócios, às 13 horas, e um baile, abrilhantado pelo conjunto musical «Coroas», a partir das 22 horas.

— Effectua-se amanhã, a partir das 16 horas, com a participação de algumas atracções internacionais, mais uma tarde dançante, na sede do Grupo Tauromáquico Sector 1, na Rua 1.ª de Dezembro, 85, 2.ª, esquerdo.

Casa de Trás-os-Montes

A Casa de Trás-os-Montes promove, no próximo dia 31, às 21 e 30, o tradicional baile de fim do ano. As mesas podem ser marcadas directamente na sede daquela colectividade, Rua da Misericórdia, 20, 2.ª, ou pelo telefone 24093.

Em ALVALADE—SADO o «diário de Lisboa» e o «Sempre Fixo» são vendidos por António D. S. Ferreira.

SINGEVERGA

O LICOR DOS BENEDITINOS PORTUGUESES

O ano científico

(Continuação da 11.ª página)

tro-jacto equatorial parece estar confirmada, apoiando a teoria de que três correntes eléctricas cingem o Globo Terrestre na alta atmosfera — sendo os outros dois nas regiões polares; os sinais de rádio causados pelos relâmpagos descrevem curvas no espaço até ao hemisfério oposto, indicando a existência de um meio ionizado no Espaço, mais denso do que se esperava e consistindo, possivelmente, numa coroa solar grandemente atenuada. — (A. N. I.).

A calote gelada da Antártida tem a espessura de 2.900 metros

LONDRES, 27—Os cientistas rus-

cos que atingiram o «pólo da inacessibilidade relativa» (o ponto da Antártida mais afastado do mar) revelam que as temperaturas tomadas a profundidades até 60 metros demonstram que a temperatura média do ar, naquela área, equivale a 57 ou 58 graus centígrados abaixo de zero — informa a Rádio de Moscovo.

Os exploradores, que completaram as suas observações e se dirigem agora para a base russa de Mirny, a cerca de 1.920 quilómetros do «pólo da inacessibilidade», anunciam ainda que, «em conformidade com elementos preliminares fornecidos por sondagens sísmicas, verificou-se que a espessura da calote gelada chega a 2.900 metros». — (A.N.I.).

A CASA DA SORTE

encerra

A SUA LONGA SÉRIE DE
Prémios Grandes de 1958

com a distribuição dos

5.000 CONTOS

— 21 970 —

1.º Prémio

da

LOTARIA DE SÃO SILVESTRE

— última do ano —
hoje realizada

A seguir:

LOTARIA DOS REIS

1.ª Extração de 1959 —
no Sábado, 3 de Janeiro

1.º PRÉMIO — 2.000 CONTOS

2.º Prémio — 500 contos
3.º » — 200 »
4 Prémios de 40 contos
10 » » 20 »
16 » » 10 »
23 » » 5 »

e muitos outros de consolação
Bilhetes a 200\$00 — Décimos a 20\$00

2.000 CONTOS por 200\$00
1.000 » » 100\$00
200 » » 20\$00

Não se envia lotaria á cobrança, pelo que todos os pedidos feitos pelo correio, devem ser acompanhados da importância correspondente á quantidade desejada e mais 2\$50 para despesas de registo.

Habilitem-se directamente, ou pelo correio,

AOS BALCÕES DOS ESTABELECIMENTOS

DA

CASA DA SORTE

em

Lisboa

Porto

Coimbra

Braga

A LOTARIA DE HOJE

21970 ... 5.000.000\$

21969 } Aproximações ao 1.º

21971 } prémio .. 51.500\$00

18878 ... 1.500.000\$

18877 } Aproximações ao 2.º

18879 } prémio .. 15.350\$00

25520 ... 500.000\$

25519 } Aproximações ao 3.º

25521 } prémio .. 25.000\$00

Premiados com 100.000\$00
3761 5815

Premiados com 50.000\$00

6453 10345 19430 22429 29051

Premiados com 25.000\$00

744 1428 2220 3879 7562

8487 9039 11704 11946 12128

12218 13013 13016 13553 15460

15718 16493 17024 17856 17938

19328 19570 19912 20952 21196

21598 24670 27549 27683 28753

30251 30458 31687 33387 33736

Premiados com 10.000\$00

82 2301 2778 3501 3543

3998 5596 6212 6254 6491

6508 7983 8174 8490 10244

10270 11108 11929 12425 12930

13152 13172 13292 13567 13627

14346 16322 17654 18247 18576

18587 19498 19533 19885 21268

21494 21598 21733 22107 23067

23558 24632 25466 26223 26508

27085 27654 28013 28086 29420

29563 30139 31007 31156 33876

Premiados com 5.000\$00

204 233 786 1057 1516

1582 2146 3679 3682 3790

4406 4552 4555 4585 4794

5983 6021 6265 6383 6407

6418 6461 6769 7378 7423

7496 7777 8024 8302 8501

8525 8606 9323 9369 9823

10377 10629 11095 11113 11389

11651 11667 11968 12227 12942

13070 13574 13574 13731 14018

14037 14068 14184 14341 14838

15092 15439 15579 15729 15762

15997 16063 16285 16922 16942

17021 17407 17589 17708 17990

18096 18158 18876 19335 19649

19877 20187 20668 20992 21375

21984 22244 22291 22518 22631

23101 23519 24619 24843 25758

26546 26573 26686 26823 28124

28213 28376 28808 28865 29025

29352 29532 29848 30577 31141

31311 31326 31377 31779 31801

32957 33057 33593 33947

Premiados com 2.500\$00

183 264 434 730 832

887 899 966 997 1002

Acabou

a União Europeia
de Pagamentos

BRUXELAS, 27. — O Instituto Belgo-Luxemburguês anunciou uma série de disposições de carácter financeiro, em consequência de ter acabado a União Europeia de Pagamentos.

Mantém-se a paridade quanto ao dólar. — (F. P.).

COPENHAGUE, 27. — Foram levantadas as restrições quanto á troca de libras contra dólares. A taxa de cambio da moeda-coroa não se modifica, nem em relação ao dólar nem á libra. — (F. P.).

A libra esterlina
será convertível?

LONDRES, 27. — O chanceler do Tesouro anunciou para esta tarde, uma conferência de Imprensa. Círculos financeiros, considerando provável que se trate de uma comunicação importante sobre a convertibilidade do esterlino, prevêem que, se a Grã-Bretanha anunciar que a libra esterlina passa a ser convertível, a República Federal Alemã seguir-lhe-á imediatamente o exemplo, estabelecendo a convertibilidade do marco. — (A. N. I.).

1334 1393 2119 2190 2242
2656 2881 3504 3540 3975
4001 4278 4490 4523 4588
4605 4751 5031 5045 5364
5399 5554 5652 6124 6244
6357 6768 6876 6927 6961
7159 8097 8142 8293 8333
8932 9059 9183 9285 9446
9608 9686 10035 10425 10464
10492 11100 11211 11256 11527
11596 11689 11775 11818 11829
11839 12788 12855 13592 13636
14286 14437 14447 14656 14844
15101 15156 15247 15821 16222
16501 16556 16666 16763 16991
17221 17411 17470 17572 17941
18206 18503 18507 18578 18370
18778 19194 19345 19386 19645
19883 20041 20133 20442 20533
20638 20696 20848 20897 21142
21184 21213 21397 21418 21782
22060 22148 22230 22354 22593
22859 22954 23158 23294 23337
23447 23684 23839 24068 24152
24392 24794 24825 25066 25128
25136 25355 25603 25606 25923
26003 26246 26395 26397 26526
26527 26541 26895 26985 27477
27552 27555 27824 27979 28066
28362 28477 28639 28707 28785
28807 29053 29153 29160 29391
29419 29438 29485 29527 29611
29703 29765 30141 30485 30513
30670 30787 30998 31006 31067
31464 31743 31939 32010 32087
32141 32183 32350 32472 32514
32710 32771 33134 33277 33744
33886 33921

Os números de 21901 a 22000, de 18801 a 18900 e de 25501 a 25600, são premiados respectivamente com 2.500\$00, 200\$00 e 1.500\$00.

São premiados com 900\$00 os números terminados em 9, 0 e 1.

Plásticos
Gabardines
Brinquedos
Av. Al. Reis, 50-A — Tel. 172 28

Novamente 3 PRÉMIOS GRANDES

18878—1.500 contos

25520— 500 contos

3761— 100 contos

todos vendidos pela centenária casa

CAMPIÃO

(FUNDADA EM 1840)

DIÁRIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: Em Portugal continental, o vento era moderado de Noroeste e o céu estava muito nublado por acção de uma massa de ar marítima transportada na circulação de um anticiclone, centrado entre Lisboa e Açores.

Temperaturas às 9 horas: Porto, 13°; Coimbra, 12°; Lisboa, 14°; Faro, 14°; e Funchal, 12°.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ: Céu geralmente muito nublado, por vezes pouco nublado e vento moderado de Noroeste.

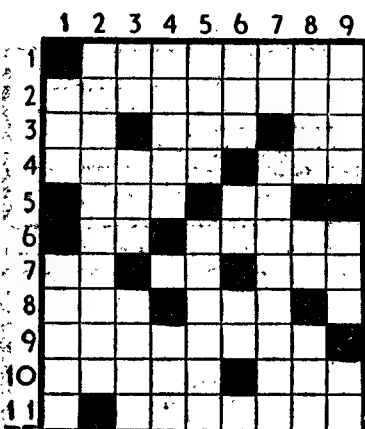
HÁ TRINTA ANOS

Falecera o conselheiro Julio de Vilhena e o «Diário de Lisboa» de 27 de Dezembro de 1928 dizia que «logo em Coimbra se afirmou o porta-estandarte de uma geração selecta, agitando ideias, princípios, doutrinas e não ambições mesquinhas. Foi, dentro da política monárquica, um temperamento equilibrado e um estadista de visão clara e soluções justas, evitando cuidadosamente que os acontecimentos o surpreendessem, arredando ou transviado da percepção das realidades. Vivia há largos anos afastado da política em que atingiu os maiores triunfos, consagrando-se unicamente ao estudo dos problemas heróicos que sabia versar com a ciência e a crítica, dos grandes mestres».

PALAVRAS CRUZADA:

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1461



HORIZONTAIS: 1—Vigiamos. 2—Engano (pop.). 3—Símbolo químico do rubídio. Negação. Existe. 4—Prazer. Preposição. 5—Planeta satélite da Terra. Nome de letra preta. 6—Apeleio. Sarrafas. 7—Batráquio. A mim. Olé! 8—Época. Oceano. 9—Mágoa. 10—Contaminai. Anel. 11—Devastou.

VERTICAIS: 1—Unidade de trabalho, considerada em todas as suas formas. Aprisco. 2—Meteres no bolso. 3—Símbolo químico do antimónio. Pronome possessivo. Aversão. 4—Troca-tintas (pop.). Fluido aeriforme. 5—Vasto planalto da Ásia, partilhado pela Pérsia, Turquia, Afeganistão e Paquistão. Repisas. 6—Cincho. Graceja. Carta de jogar. 7—Nota de música. Soleira. 8—Cuide. Outra coisa. Rezo. 9—Tangem. Cloro de sódio. Conjunção.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 1460

HORIZONTAIS: 1—ANTES. Mas. 2—Ba. Minado. 3—Asa. Ir. 4—MORTE. 5—Imos. Arme. 6—QUE. Urga. 7—Urdria. 8—Ema. Cá. Sô. 9—Murta. Vül. 10—Réu. Paca. 11—Camarras.

VERTICAIS: 1—Abaniquem. 2—Nas. Murmura. 3—Amoedarcem. 4—Em. Os. Tua. 5—Si. Urca. 6—Notaria. Pá. 7—MÁ. Erga. Vás. 8—Adi. Me. Sic. 9—SORTE. Solar.

(Provérbio: ANTES MORTE QUE MA SORTE).

CAMISAS

Popelinas Inglesas
Os melhores preços

TORRE EIFFEL

104 — Rua do Carmo — 106

SEMANA DO CONTRIBUINTE CARTAZ DO DIA

Agenda

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS. — Estão a pagamento até ao dia 31 do corrente mês, com juros da mora:

Contribuição Industrial. — As terças e quartas prestações trimestrais.

Contribuição Predial. — As terças e quartas prestações trimestrais.

Imposto Profissional. — Profissões Liberais e Assalariados. — As terças e quartas prestações trimestrais.

Imposto Complementar. — As primeiras e segundas prestações das colectas iguais ou superiores a 2.800\$00.

Taxa Militar. — A anuidade de 1958, com a taxa elevada ao dobro, posto o que será enviada a relaxe, sendo, então, paga com custas e selos.

LICENÇAS. — Solicitam-se e pagam-se durante este mês e ainda em Janeiro as de *Acendedores e Isquícios* e *Venda ou Revenda de Tabacos*. No mês de Janeiro pagam-se, além das acima indicadas, as de *Imposto de Transito* de animais de carga ou sela, de veículos não automóveis, de bicicletas sem motor e triciclos; de *Uso e Porte de Arma*; de *Contrastaria*; de *Porta Aberta*; de *Jogos Ilícitos*; de *Touques de Musica* e de *Águas Minerais*.

VEÍCULOS AUTOMÓVEIS. — Devem ser manifestados até ao dia 15 de Janeiro nas Camaras Municipais, mediante impressos por elas fornecidos.

ESTRANGEIROS. — Durante o mês de Janeiro p. f. os maiores de 14 anos devem apresentar os seus documentos de residência ao *Visto Anual* e todas as entidades que empreguem estrangeiros ao seu serviço devem enviar a P. I. D. E. uma relação nominal em duplicado.

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL E IMPOSTO PROFISSIONAL. — Cessação de actividade tributável no período que decorre de 25 de Novembro até 31 de Dezembro. Participações. — Verificada a cessação das actividades tributáveis, em referência, tendo-se participado o facto dentro do prazo legal — quinze dias contados da cessação —, durante aquele período e até quinze de Janeiro do ano seguinte, desde que, como se disse, a cessação se dê em 31 de Dezembro do ano corrente, não é necessário reclamar sobre a anulação da colecta, competindo à respectiva secção de finanças retirar os conhecimentos do lançamento e proceder à sua anulação «exofficio».

LICENÇA DE ESTABELECIMENTO COMERCIAL OU INDUSTRIAL. — A liquidação desta licença terá por base o lançamento da contribuição industrial e as declarações dos contribuintes, quando se trate de sucursais, filiais, agências, delegações, correspondências ou estabelecimentos que sejam colectados por outro concelho.

As declarações que serão apresentadas na secretaria da Camara até ao dia 31 de Dezembro corrente, compreenderão o ramo de comércio ou industria, o rendimento ilíquido da sociedade ou da empresa e o da sucursal, filial, agência, delegação correspondência ou estabelecimento.

EFEMÉRIDES

No dia 27 de Dezembro de 1949 estabeleceram-se os Estados Unidos da Indonésia.

TEATROS

TRINDADE — A's 21.45 — «O diário de Anne Frank».

MONUMENTAL — As 21.45 — «Gigil Nacional» — A's 21.30 — «O processo de Jesus».

MARIA VITORIA — A's 21.30 e 22.45 — «Por causa delas...».

VARIÉDADES — A's 20.30 e 22.45 — «Com jeito, vai!».

AVENIDA — A's 21.45 — «O gebo e a sombra».

A B C — A's 20.30 e 22.45 — «Vinho novo».

COLISEU — As 21 e 30 — Grande Companhia de Circo do Natal.

CINEMAS

TIVOLI — «Um certo sorriso».

SÃO LUIZ — «Festival Tom & Jerry».

SÃO JORGE — No reino das fadas.

IMPERIO — «Orgulho e paixão».

EDEN — «Cow-boy (Como nasce um bravo)».

POLITEAMA — «A gata borralheira».

CONDES — «A família Trapp na América».

ODEON — «Bons dias amor».

ROMA — «Sem família».

AVIS — «O melhor dia da minha vida».

MONUMENTAL — «O rapaz e o cão».

ALVALADE — «Festival Tom & Jerry».

OLÍMPIA — «Atirar para matar».

RESTELO — «A volta ao Mundo em 80 dias».

IDEAL — «Os Cavaleiros da Távola Redonda».

PROMOTORA — «Flamenca».

CAMPOLIDE — «O Ladrão de Bagdad».

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO C — União — Estrada de Benfica, 592-594. Tel. 780092. Vitex — Estrada de Benfica, 373-B. Tel. 780548. Curie — Avenida Madame Curie, 15-A. Tel. 778439. Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35. Carnide. Tel. 780181. Laranjeiras (Das) — Rua Filipe da Mata, 160-162. Tel. 761035. Central do Lumiar, 77. Tel. 779480. Brasil — Avenida Rio de Janeiro, 66-68-A. Tel. 722368. Sanex — Avenida da Igreja 31-C. Tel. 776905. Belmar — Avenida de Roma, 53-A. Tel. 776314. Algarve — Avenida de Roma, 7-B. Tel. 777478. Garantia — Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B. Praça do Azeiteiro. Tel. 727300. Onhida — Avenida João XXI, 13-A. Tel. 726348. Campo Pequeno (Do) — Avenida da República, 53-D-E. Tel. 771661. Vale — Avenida Marquês de Tomar, 45-49. Tel. 773043. Univasal — Rua Actor Taborda, 5-7. Tel. 44158-A. Novais — Avenida Luis Bivar, 11-13. Tel. 44324. Ascenso — Rua 27, 41. Bairro da Encarnação. Tel. 389216. Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19. Tel. 389237. Concelção — Calçada D. Gastão, 30-32. Tel. 381279. Pereira, Suc. — R. do Paraíso, 99-100. Tel. 863224. Silva — Calçada de Santo André, 16. Tel. 862074. Branquinho — Rua dos Sapadores, 87. Tel. 842725. Luzmar — Rua 2, 16. Bairro de Santa Engrácia. Tel. 728395. Ibéria — Rua Barão de Sabrosa, 235-A. Alameda. Tel. 728277. Bastos — R. Morais Soares, 91-D. Tel. 844350. Castro — Avenida Almirante Reis 76-A-B. Tel. 44373. Peninsular — Campo dos Mártires da Pátria 117-119. Tel. 53308. Vicente de Jesus — Largo do Rato, 8-C-D. Tel. 681947. Salutar — Rua B, 75-A-B. Bairro da Liberdade. Tel. 683694. Júde de Oliveira — Rua de Campolide, 54-A. Tel. 684424. Pinheiro — Rua de Campo de Ourique 131-133. Tel. 683640. Janeiro — Avenida Alvaros Cabral, 100. ao lado do Liceu Pedro Nunes. Tel. 661453. Tagus — Praça Possidónio da Silva, lote 3. Tel. 689485. Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3. Tel. 610256. Gomes, Suc. (Gonçalves) — Rua da Junqueira, 326. Tel. 638193. Costa — Rua dos Lusitãos 32. Tel. 636704. A. César — Rua Prior do Crato, 74. Tel. 660197. Guerreiro da Costa — Rua das Janelas Verdes, 90. Tel. 662327. Mota Capitão — Rua de S. Félix, 45-A-B. Tel. 660720. Félix — Rua da Cruz dos Poais, 52. Tel. 21031. Sanitas — Praça Luís de Camões, 24. Tel. 22798. A — Liberal — Avenida da Liberdade, 217-219. Telef. 43641. Ferrão — Rua da Mouraria, 12. Tel. 860464. Portugal — Rua Augusta, 216-218. Tel. 22073-A. Farmácia Remísio — Rua dos Jerónimos, 14-C. Telefone 631699.

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSIONA — A's 18: Noticiário e danças; 18 e 40: Trechos de operetas; 19: Desdobramento; 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — A's 19: Emissão infantil; 19 e 30: Trechos em piano; 19 e 45: Aguarela brasileira; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Música ligeira sinfónica; 20 e 30: Que quer ouvir? 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Trechos em viola espanhola; 21 e 30: Conjuntos vocais; 21 e 45: Serão para trabalhadores. No intervalo: Vozes do Mundo; 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa «B» — A's 19: Aspectos da vida moderna; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Concerto de camara com a musica de cena de «Antígona», de Vítor Macedo Pinto; 20 e 22: Palestra por Maria de Carvalho; 20 e 32: «Sonata n.º 10», de Beethoven, para violino e piano, por Heifetz e Emanuel Bay; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: 1.º acto da ópera «Sonambula», de Bellini, cantado pelos soprano Maria Callas, tenor Ricciardi, baixo Morresi, soprano Ratti, meio-soprano Cossetto, baixo Zacaria, coro e Orquestra da Scala de Milão, sob a direcção de Antonino Votto; 21 e 45: Quinzena literária; 22 e 15: Musica vocal; 22 e 45: Que quer ouvir? «Quadros de uma exposição», de Mussorgsky, pela Orq. Sinf. da Radiodifusão Nacional Belga, dirigida por Franz André; «Aria de Kontachack, da ópera «Príncipe Igor», de Borodine, pelo baixo Christoff e a Orq. Filar. de Londres, dirigida por Dobrowen; «Dança da morte», poema sinfónico, de Liszt, pelo pianista Frugoni, e a Orquestra Sinfónica Prémusical de Viena, sob a direcção de Swarovsky; 23 e 45: Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — A's 17 e 30: Variedades; 18: Teatro de brincar; 18 e 15: Ritmos de baile; 18 e 30: Fados e guitarradas; 19: Quer um conselho?; 19 e 15: Orquestras; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Imagens por musica; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Trechos re-

creativos; 22 e 30: Cultura espanhola; 22 e 45: Canções; 23: Concerto; 23 e 30: Peggy Lee; 23 e 45: Agenda; 23 e 50: Conjuntos; 0 e 30: Noticiário; 0 e 40: Baile.

Estação de Miramar — A's 18: Paisagem infantil; 18 e 30: Canções; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: António Machin; 21 e 30: Orquestras ligeiras; 22: Programa para a mulher; 22 e 5: Brasil; 22 e 30: Conjuntos instrumentais; 22 e 45: Melodias; 23: Trechos de operetas; 23 e 30: Retiro do Patrio; 23 e 45: Artistas portugueses; 0: Baile.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: França, horizonte do Mundo; 19 e 45: Solos de piano; 20: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21 e 5: As ultimas novidades; 21 e 30: Canções europeias; 21 e 50: Melodias; 22: No reino das musas; 22 e 25: Canções; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23 e 15: Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 às 19 e 30: Rádio Peninsular; 19 e 30 às 22: Voz de Lisboa; 22 às 2: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, às 21: abertura; 21 e 22: noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10: «Jornal de Actualidades Internacionais»; 21 e 20: «Juvetude no Mundo»; 21 e 35: Helader Martins e o seu conjunto; 21 e 55: concurso «Ou sim ou não»; 22 e 5: «Artes Plásticas em 1958»; as exposições de António Lino, Joaquim Correia, Abel dos Santos, Luís Jardim, Missão Internacional de Arte em Evora, Hirosuke Watanuki, Carlos Carneiro e António Paiva; 22 e 20: fados; 22 e 40: «Tele-desporto»; 23: «Na rua e na estrada»; 23 e 15: actualidades nacionais e ultimas noticias; 23 e 30: fecho.

DESPORTOS

Várias provas de amanhã

(Continuação da 7.ª página)

Benfica B-Maria Pia, no Campo Grande, às 10 horas, em juniores.

CORTA-MATO

Nos terrenos do Estádio Nacional, às 10.30 h., torneio nacional de aspirantes, em corta-mato, com participação de atletas de Lisboa, Porto e Coimbra.

DESPORTO CORPORATIVO

17.º Campeonato Nacional de Futebol (distrito de Lisboa) — 1.ª Divisão (8.ª jornada — Of. de S. José-C. P. Pesca, em Belém, às 11 h.: Comp. Telefones-F. C. Regina, na Picheleira (Telef.), às 9 h.; S. C. Cervejas-F. L. Sacavem, no Estádio Nacional, às 11 h.; F. C. Tejo-Comp. Carris, em Alhandra, às 10 h.

2.ª Divisão — 8.ª jornada, da Série e 4.ª jornada (em atraso, da série C: C. N. Electricidade-S. N. Panificação (Série C), B. Careque-Ar Líquido (Série B) e Org. Teodoro Santos-Prof. Comércio (Série C), em Belém, às 9, 13 e 15 h., respectivamente. Standard Eléctrica-A. C. Sueca e F. Simões-Simca Portuguesa (ambos da série B), na Picheleira (Telefones), às 11 e 15 horas, respectivamente. S. C. Central-Cinema Condes (Série B), no Estádio Nacional, às 9 h.

HANDEBOL

Campeonato de Lisboa — Divisão de Honra (jogo em atraso) — Liberdade-Almada (1.ª) no campo da Cova da Piedade, às 15 h. 1.ª Divisão (3.ª jornada).

TAUROMAQUIA

O Grande Festival de Sevilha — SEVILHA, 27 — Com uma enchente, efectuou-se o grande festival tauromáquico a favor do Clube Betis de futebol. António Ordoñez e Juan Bienvenida foram aplaudidos; Curro Puya e Pio estiveram regulares; Carriles deu volta à arena e José Trinchera cortou a unica orelha da tarde, com petição de outra, deu duas voltas à arena e ia sair em ombros se não se recusasse. Augusto Gomes bregou bem para Trinchera. — (Lfe).

nada, da 2.ª volta) — Académica da Amadora-R. Janeiro, na Amadora, às 9 h.; Ginásio do Sul-Hóquei, na Mutela, às 10 h.; Alhandra-Cova da Piedade, em Alhandra, às 10.30 h.

HÓQUEI EM CAMPO

Campeonato de Lisboa (Jogos em atraso) — Futebol Benfica-Estrela Amadora, no campo «Francisco Lázaro», às 9 h.; Atlético-Hóquei C. P., na Tapadinha, às 10.30 h.

MOTOCICLISMO

Com início e conclusão na vila do Barreiro, disputa-se, sob organização da delegação do Moto Clube de Lisboa, naquela vila, o I «Rallye do Fim do Ano», num percurso de 75 quilómetros, com passagem por Moita, Montijo, Setúbal e Palmela. A prova de regularidade em estrada principia às 11 h., depois de uma prova de pericia, manabilidade e travagem, às 10 h., na Av. Duarte Pacheco, no Barreiro.

AUTOMOBILISMO

A ligação África do Sul-Noruega está a ser tentada por três franceses

CIDADE DO CABO, 27. — Os três oficiais franceses que, num automóvel francês, tentam bater o «record» de 16 dias e 5 horas, estabelecido em Fevereiro deste ano, no trajecto Cidade do Cabo (África do Sul)-Cabo Norte (Noruega), partiram ontem desta cidade às 17 horas e 45.

A travessia do Mediterraneo — Arge-Marselha — será feita em avião e a do Báltico será efectuada por barco. — (F. P.).

EELNA

Máquinas de costura, pequeninas, simples, bonitas e maravilhosas. Aproveite agora o preço ocasional

VENDAS E REPARAÇÕES
Em Lisboa — Largo da Trindade, 17
no Porto — R. Sá da Bandeira, 66-2.

CARPETES E PASSADEIRAS MECÂNICAS

SULTÃO

FABRICADAS SÓ COM LÂ
CORES FIXAS
GRANDE DURAÇÃO
BAIXO PREÇO

A VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

Estão suspensas em França as transacções com câmbios estrangeiros

Agrava-se a situação na ilha de Cuba

(Continuação da 1.ª página)

a convertibilidade diria respeito a várias moedas europeias, aplicar-se-ia apenas aos não residentes e não seria acompanhada pela liberalização das importações da zona do dólar. Consta que os Estados Unidos se dispõem a aceitar que se mantenham as actuais restrições às importações daquela zona. Quanto ao esterlino, é já convertível em grande parte, embora a cambio um pouco inferior ao oficial. A França, como já esgotou todos os créditos que obteve da U. E. P., terá de saldar em ouro, a partir de mês que vem, qualquer deficit que venha a ter nas trocas com os outros países da U. E. O.

A convertibilidade terá o efeito de fazer desaparecer a U. E. P. Ora, alguns países acumularam grandes deficits neste organismo, enquanto outros ali têm créditos avultados. As normas para a liquidação desses débitos e créditos são muito complicadas, e para as estabelecer em pormenor serão necessárias negociações demoradas e laboriosas. Em especial, será preciso determinar os prazos de reembolso dos débitos e créditos. O acordo monetário europeu que há-de substituir a U. E. P. terá um fundo de 600 milhões de dólares, para facilitar os começos desta operação. — (France Presse).

A política interna, económica e social

PARIS, 27. — O «France Soir» escreve, na primeira edição: «Desvalorização do franco, de cerca de 17 % — seria a decisão a tomar pelo conselho de ministros, que se reúne esta tarde. Em contrapartida, a execução do projecto de instituição de um franco forte seria adiada. O orçamento geral para 1959 comportaria impostos novos no valor de 200.000.000.000 de francos, que atingiriam principalmente os grandes rendimentos. Por outro lado, haveria reduções das subvenções económicas no total de 250.000.000.000. O resultado seria encarecimento de preços em determinados sectores, como as tarifas da Sociedade Nacional dos Caminhos de Ferro, do metropolitano e dos autocarros em Paris, o carvão, etc. «O Governo projectaria para Março ou Abril, um aumento dos salá-

rios pequenos e médios, ordenados e reformas, que compensaria a alta parcial do custo da vida. O salário mínimo garantido seria elevado de 3 a 4 %.

«O Governo tomará medidas muito importantes quanto aos rendimentos elevados. Certas vantagens sociais (abonos de família, desconto nos transportes colectivos, nomeadamente) seriam suprimidas a partir de um rendimento mensal de base da ordem de 150.000 francos.

«Durante nove horas — prossegue o «France Soir» —, as medidas projectadas levantaram sérias objecções da parte dos ministros socialistas. Quando as deliberações governamentais findaram, os representantes da S. F. I. O. tinham renunciado a pedir a demissão, a certa altura decidida. Em contrapartida, mantinham as reservas mais expressas (Guy Mollet escrevera há dias, uma carta sobre o assunto ao general de Gaulle). Previa-se que os ministros socialistas manifestariam publicamente o seu desacordo num futuro bastante próximo, decidindo não participar no Governo que se segue, a constituir em 8 de Janeiro, senão abandonando o Governo actual dentro de dias». — (F. P.).

De Gaulle anunciará amanhã as decisões tomadas

PARIS, 27. — O Governo ordenou hoje a suspensão, até segunda-feira, de transacções com câmbios estrangeiros.

Amanhã, o general de Gaulle exporá, numa alocução radiodifundida, as decisões tomadas pelo seu Governo e as razões que o levaram a adoptá-las.

Quanto a essas decisões, estamos reduzidos a hipóteses, excepto num ponto: o orçamento geral de 1959 será, segundo todas as probabilidades, aprovado esta tarde e conhecido, pelo menos nas suas linhas gerais, ainda hoje. — (R. e F. P.).

A posição britânica

LONDRES, 27. — Com excepção de um único jornal, o «Daily Mirror», toda a imprensa britânica dedica hoje os seus editoriais à actual situação financeira da França.

Os títulos variam, desde «É provável que o franco seja desvalorizado», do «Daily Telegraph», até «A crise do franco», do «Daily Express». Entre estes, seis diários londonenses, incluindo o «Financial Times», escolheram para título: «Um salto mortal de de Gaulle».

Na sua página financeira, o «Times» escreve: «Uma vez que a França tenha decidido decretar uma reforma financeira, esta terá, virtualmente, que ser adoptada antes de entrar em vigor o Euromercado, em 1 de Janeiro.

«Além disso, será difícil para os seis países do Euromercado não terem uma política comum, no que diz respeito à convertibilidade. Mas, por causa da existência da União Europeia de Pagamentos, essa política terá, forçosamente, que afectar os países europeus, como o Reino Unido, que estão fora do mercado comum.

«E' isso que, pelo menos em parte, leva a crer que as taxas do esterlino, da conta norte-americana e da conta transferível, sejam agora fundidas, talvez mais cedo do que se previa até aqui».

Insurgindo-se contra a anunciada convertibilidade da libra esterlina, escreve o «Daily Herald»: «Correm boatos de que o chanceler do Tesouro, Heathcoat Amory, tenciona tornar «convertível» a libra esterlina — livremente cambiável em dólares ou ouro. Dizemos-lhe: «Não o faça».

«A convertibilidade significaria um regresso ao antigo padrão ouro, que trouxe o desemprego e a depressão. Portanto, afaste-se de tal rumo, sr. Amory. Já basta o desemprego que temos hoje». — (A. N. I.).

O Banco de Inglaterra não dá cotação do franco

LONDRES, 27. — Devido às notícias contraditórias recebidas de Paris, o Banco de Inglaterra deixa de dar cotação oficial do franco francês. O esterlino está a perder valor em relação às restantes moedas europeias e aos dólares dos Estados Unidos e do Canadá. — (A. N. I.).

Sobe a 338

o número de mortos nos Estados Unidos nas festas do Natal

CHICAGO, 27. — Até às 2 horas (T. M. G.) de hoje, o número de mortos em acidentes de viação, nos Estados Unidos, durante o feriado de Natal, ascendeu a 338. Em incêndios totaliza já 62; em acidentes de aviação, 3; em outros acidentes, 44, o que dá um total geral de 447 vítimas.

Na Califórnia, o número de mortos foi de 38; no Texas, 28; no Estado de Nova York, 80; no Ohio, 19; na Pensilvânia, 20; na Carolina do Norte, 16; no Michigan, 17 e no Illinois, 15. Nos restantes Estados totaliza 116. — (A. N. I.).

anunciando-se o ataque aos rebeldes

que avançariam sobre Havana

HAVANA, 27. — O Governo avisou, oficialmente, a população civil do país, de que, a partir de hoje, as suas tropas e forças aéreas atacarão e bombardearão todas as regiões onde se encontrem rebeldes de Fidel Castro.

O comunicado declara que os moradores das casas que tenham conhecimento da presença de elementos rebeldes nas mesmas, devem abandoná-las imediatamente, a fim de não serem afectados pelas operações militares. Serão considerados delinquentes, e tratados como tal, todos aqueles que não cumpram esta ordem. Os transeuntes devem afastar-se das áreas que estejam a ser atacadas pelas forças do Exército e da Aviação, pois de contrário serão tratados como elementos sediciosos.

O Exército desmente categoricamente a notícia divulgada pelos rebeldes segundo a qual ocuparam a cidade de Santa Clara, capital da província de Las Villas. Admite, porém, que os insurrectos assaltaram um posto naval de Santa Clara e massacraram a respectiva guarnição, constituída por vinte homens.

As autoridades militares acrescentam que a principal defesa da cidade de Santa Clara se encontra nas mãos do Exército e que as tropas, instaladas em posições fortificadas, conservam a distância os atacantes, que sofreram já pesadas baixas.

A emissora dos rebeldes anuncia que prossegue encarniçadamente os combates no porto de Caibarien, cuja guarnição se encontra exausta. Afirma de novo que a cidade de Espirito Santo foi conquistada pelos insurrectos que estão já a organizar-se para atacar Havana, da qual se encontram agora apenas a seis horas de caminho por estrada.

Entretanto, intensificam os actos de terrorismo na área de Havana, pelo que as autoridades redobram as medidas de precaução e vigilância. A explosão de duas bombas destruiu parte das instalações de uma central eléctrica, deixando às escuras, os subúrbios de Vedado, Miramar e Marianas, assim como as localidades próximas de Regla e Guinaboco. Foram, também, incendiados dois grandes estabelecimentos comerciais, que ficaram totalmente destruídos. — (A. N. I.).

O Governo toma novas providências

HAVANA, 27. — Foram enviados...

para a província de Las Villas vários batalhões, num total de uns 2.000 homens, que operavam nas de Camaguey e Matanzas.

Esta informação foi dada, oficialmente, no palácio presidencial, depois de uma reunião a qual estiveram presentes, além do general Baptista, o chefe do Estado-Maior, general Francisco Tabernilla, e diversos oficiais-generais.

Segundo informações extra-oficiais e de procedência rebelde, os insurrectos têm desenvolvido grande actividade na província de Las Villas, onde tomaram várias povoações.

Poi chamado ao palácio presidencial, a fim de entrar no serviço activo, o general José Eleuterio Pedraza y Cabrera, tido como uma capacidade em assuntos militares, do que deu sobejas provas em 1934, quando da queda do presidente Machado.

Ao saírem do palácio, os chefes militares declararam não ser certo os rebeldes terem conquistado, em combate, algumas povoações de Las Villas, explicando que, durante o movimento estratégico de forças, alguns núcleos rebeldes penetraram pela vanguarda, dando a sensação de terem ganho terreno mas que o Exército os desalojará em breve. — (F. P.).

Agrava-se a situação na cidade de Santiago

HAVANA, 27. — A situação de Santiago de Cuba, capital da província de Oriente, agrava-se, de momento a momento — segundo declaram fontes geralmente bem informadas. Esperam-se grandes acontecimentos, nas próximas horas. Soldados governamentais, armados de metralhadoras, dominam a cidade do cimo de todos os edifícios principais e estão prontos para qualquer eventualidade. Em diversos pontos estratégicos foram colocados «ninhos» de metralhadoras. A Polícia, entretanto, patrulha as ruas, percorrendo-as, em diversos veículos motorizados, e em grupos reforçados.

Comunicam de Santiago que sete rebeldes, armados de pistolas-metralhadoras, assaltaram e destruíram parte das instalações de um jornal governamental, fugindo em seguida. Nos subúrbios da mesma cidade, os insurrectos assassinaram quatro funcionários do Governo e deixaram outros dois gravemente feridos. — (A. N. I.).

O grande Reveillon do Restaurante Montes Claros nunca esquece

A grande propaganda feita pelos Ex.mos Clientes, habituados ali à passagem do ano, aumenta sempre a sua lotação, a que a Gerência deste Restaurante se vê com dificuldades para atender os pedidos que lhes são feitos para reserva da Ceia com altas especialidades. Grande animação por boa música com a dança Hula-Hoop a prémio e outras surpresas. — (Maiores de 15 anos).

Grande Café Nacional

RUA PRIMEIRO DE DEZEMBRO, 59

Grandioso REVEILLON com o conjunto José Barreiros MARCAM-SE MESAS

COSTA DE CAPARICA

RESTAURANTE — DANCING — SNACK-BAR

COPACABANA

GRANDIOSO REVEILLON

RESERVAM-SE MESAS exclusivamente só para famílias

Os espumantes servidos nesta noite são das afamadas

CAVES ALIANÇA

Marcam-se mesas com ou sem alojamento no Hotel

Restaurante A CHOUPANA

UNICO SOBRE O MAR

S. João do Estoril — Telef. 068099

DANDO SATISFAÇÃO AO PEDIDO DE SEUS EX.ªs CLIENTES, APRESENTA NOVAMENTE HOJE. O APRECIADÍSSIMO PIANISTA ESPANHOL

CHUS IZETA

Que será o grande animador do REVEILLON e ANO BOM AQUECIMENTO CENTRAL

RESERVAM-SE SALAS PARA BANQUETES

RESTAURANTE TÍPICO

RIBATEJANO

SALVATERRA DE MAGOS
TELEF. 14

O MAIOR REVEILLON DO ANO — No ambiente mais castiço do RIBATEJO

2 CONJUNTOS RIBATEJANOS DE ACORDEONS 2

com os vocalistas MANUEL CARLOS e JOÃO ANTÓNIO



4 RANCHOS FOLCLÓRICOS 4

AVIEIROS e SETE-SAIAS

DIA DE ANO NOVO

ALMOÇO REGIONAL COM FESTA FOLCLÓRICA

(6 anos)

* Ranchos Pescadores OS AVIEIROS infantil e adultos

* Ranchos Típico SETE-SAIAS infantil e adultos

* Rancho Folclórico FOROS DE SALVATERRA

* Rancho Campinos de SALVATERRA

INFORMAÇÕES e RESERVA DE MESAS — LISBOA — TEL. 770320 — NÃO TEM TRANSPORTE? TELEFONE PARA 28829

magazine

1959

TODOS aguardamos ansiosamente que esta passagem de testemunho do Ano Velho para o Ano Novo não seja apenas um vulgaríssimo acidente de Calendário. A primeira imagem oficial e antecipada desse «render da guarda», promete ser, como observam, uma amável cerimónia de paz. O Ano de 1959 será de facto um ano de Paz, se nós todos quisermos.



A LIGA DO CUÇO

A liga para o cuço que tem frio nas pernas, é o tema de uma simples e curta história que leva as meninas às práticas do «tricot».

Na Beira Alta há quem a use com assiduidade nas tardes outonais, em que já o frio se nota rente ao chão, passando pelas frestas dos portais e gelando os pés dos que se sentam em volta de um trabalho, de um acontecimento, ou remexendo calunias e atoardas.

Quando a menina já está em idade de alternar a boneca com o «tricot», as tias (porquê as tias?), ensinam-lhe o ABC das agulhas que é a malha da liga, segundo me disseram, e, para que a boneca não domine o seu pensamento, amedrontam-na dizendo que o cuço sente frio nas pernas, precisando, portanto, da liga para se proteger. Caso

Por

Álvaro Belo Marques

a menina seja preguiçosa, o cuço virá na Primavera vingar-se do frio que sentiu, picando-a e atormentando-a durante o sono.

Claro está que muitos cucos da Beira Alta formam muito mau conceito dos pequeninos e preguiçosos seres racionais, não confirmando as picadelas talvez por olvidarem esta parte vingativa da bem intencionada história.

Conheço até um caso em que, ouvindo-se no quintal cantar um cuço, uma menina, hoje senhora das minhas relações, abriu a janela e gritou medrosa: «Vês, vês, já ta estou a fazer! Já ta estou a fazer!».

Esta história simples, contada a conversar para bem de todos nós e do linotipista, recorda-me algumas pessoas que têm por mim passado — amigas e conhecidas.

Pela força que nos leva a desterrar o golpe no momento exacto da justiça pessoal, a olhar apreensivamente o céu em noite de vendaval, a abraçar com força alguém que amamos, a imaginar o El Dourado no Beco do Fala Só, a sorrir cantigas e a chorar desastres, esta força prende-nos toda a vida — que é grande quando fazemos contas — á liga do cuço.

Há sempre uma nova laçada, uma
(Continua na página central)

CRÓNICA DE LONDRES

Diário de Lisboa



SUMÁRIO

Crónica de Londres
LUIS DE SOUSA REBELO
A liga do Cuço
ÁLVARO BELO MARQUES
Fim de Semana Feliz
CICERONE
Bilhetes Paulistanos
MIGUEL URBANO RODRIGUES
A conquista do Céu
MANUEL SALGUEIRO
Ouvir bater o coração do Mundo
WILLIAM SIMPSON
Alma simples
H. G. WELLS
Diálogos impertinentes
ALFREDO BRAS
Apontamentos para os tempos futuros
DIÓGENES
Todo o homem enamorado tem uma espécie de saudice
AUGUSTO DA COSTA DIAS
Postal Ilustrado
MANUEL AGRA
Saiba comer
MARIA CAROLINA FREITAS
Histórias de mineiros
MANUEL DO NASCIMENTO

Perspectivas eleitorais

NA expectativa da próxima campanha eleitoral, cuja data há-de ser oportunamente anunciada pelo Governo, o Partido Trabalhista acaba de publicar a uma alta tiragem o seu programa. É uma pequena brochura luxuosa, impressa em papel «couché», de consulta rápida, facilitada pelos índices marginais, e cheia de excelentes fotografias, em que uma população riçosa e confiante respira o ar de promessa d'«O Futuro que o Tra-

Por

LUIS DE SOUSA REBELO
LEITOR DA UNIVERSIDADE DE LONDRES

balhismo vos oferece», título do presente opusculo.

O sr. Gaitskell na sua qualidade de chefe da oposição dirige no pór-tico um breve apelo ao eleitorado, pedindo a massa dos seus votos para que se torne possível na Inglaterra a expansão do que chama o «Socialismo democrático», a nova divisa laborista.

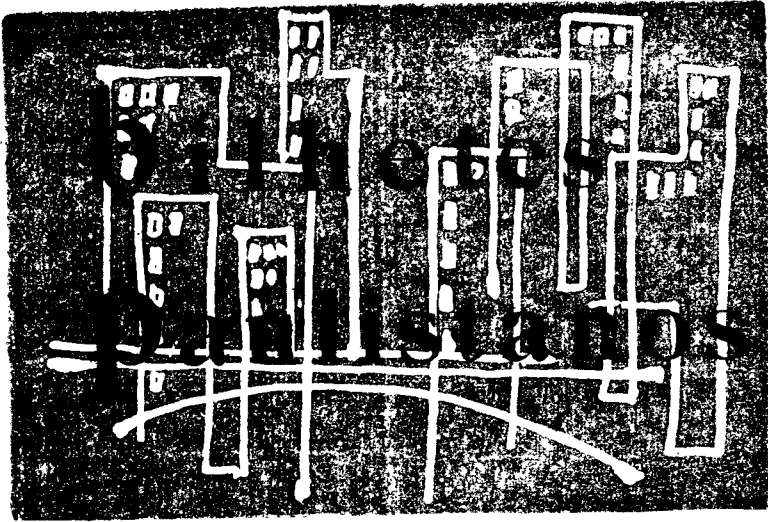
Na verdade o sr. Gaitskell não só é responsável pela letra do texto na sua redacção final, como pela uniformidade de pontos de vista, que, de momento, mantém o partido unido. É um triunfo pessoal que lhe cabe, depois do longo duelo

(Continua na última página)



Eles não aprenderam connosco, nem nós aprendemos com eles: é assim mesmo: todo o mundo vivo — bichos e homens — se irmana neste tranquilo desejo de carinho e de ternura. É uma aspiração universal, que desejamos pôr á porta deste novo ano de 1959

A no
B om
C om
D e-
safogo



vação de Levi-Strauss: tudo nela passa da «frescura a decrepitude» sem se deter numa digna antiguidade. A febre do novo torna a cidade cronicamente doente. Sempre jovem, ambiciosa e impaciente, desprezando a realização da véspera, é, por isso mesmo, inacabada, simultaneamente armazém de sucata e estaleiro de um amanhã sempre diferente.

Outra das surpresas que São Paulo reserva aos que a ela chegam com ideias preconcebidas é a paisagem que a rodeia. Quando o viajante vindo da Europa deixa para trás as opulências vegetais da Serra do Mar e entra na meseta de Piratininga, sente-se desorientado, tem a noção de penetrar num estranho e desolado mundo que não se adapta à imagem clássica da América tropical. Esquece o viajante que o erro está nessa imagem caleidoscópica de uma América inexistente e não nos panoramas bem reais que se lhe oferecem. Cerca de metade do continente sul-americano é constituído por estepes e planuras inaproveitáveis, terras paupérrimas onde não cai uma gota de água durante sete ou oito meses do ano. A zona que se para São Paulo da beira do planalto é um ridículo oásis comparada com a chapada de Mato Grosso ou com as solidões ressequidas do Nordeste brasileiro. Mas aos olhos do Europeu habituado a uma natureza ordenada nos seus mínimos

frutos tropicais ficam longe, bem para o Interior. O Brasil é imenso e os homens que o povoam são poucos... Neste Mundo de contrastes — o Estado de São Paulo representa apenas a 35.ª parte do território — o emigrante ou o turista que chegam, das regiões temperadas têm dificuldade em coordenar as ideias. Tudo é novo para eles, tudo os obriga a cada momento a reverem concepções que julgavam inamovíveis. Uma coisa é ouvir falar dos trópicos e outra fazer a sua descoberta.

Haverá para o Europeu, tentado a conceber uma grande cidade como centro geográfico natural de uma região densamente povoada e civilizada, algo de mais perturbador do que a presença de uma grandiosa floresta virgem a poucos quilómetros de São Paulo, a metrópole tentacular de mais de 3.000.000 de habitantes? Choque esse que para ser mais intenso se produz logo à chegada. Santos e São Paulo estão separadas por sessenta quilómetros escassos, mas entre as duas cidades corre a cordilheira da Serra do Mar, hoje como há quatro séculos revestida de uma mata impenetrável, apenas excedida em riqueza pela floresta amazônica.

Recordo-me que, ao avistar pela primeira vez os pináculos eternamente verdes, recordados a novecentos metros de altitude, num céu nevoento, o meu pensamento re-

praticamente intacta, hostil e fechada como outrora? A poucos metros da auto-estrada ultramoderna que sobe pela encosta em curvas caprichosas, principiava um mundo verde que impõe um respeito quase religioso. Mundo de ervas, de flores, de mamíferos, de aves, de insectos, de parasitas, de miasmas, de troncos, de ramagens, mundo de paz, de silêncio, de frescura, de beleza e de horror... a poucos quilómetros dos arranha-céus de Piratininga que incendiam a noite do planalto com os seus anúncios luminosos, bem perto da mais orgulhosa e progressiva cidade da América do Sul. Apenas um passo entre a barbarie e a civilização, o mesmo insignificante passo que, em última análise, separa o mais primitivo habitante das selvas do Madeira ou do Xingu do mais lúcido pensador contemporâneo...

SÃO PAULO (Dezembro) — Quatro séculos e meio após a chegada da frota de Cabral ao litoral baiano, Portugal continua a ignorar o Brasil. Um deficiente, para não dizer inexistente, estudo da história e da geografia do país ir-mão nos liceus e nas universidades contribui para que cada um idealize as paisagens físicas e humanas desta imensa nação ao sabor dos caprichos da sua fantasia, sob prismas que só muito raramente coincidem ao de leve com a realidade.

Pelo que me diz respeito, o pouco que conheço do Brasil não corresponde de modo algum à ideia que dele fazia antes da primeira tomada de contacto com a terra e os homens. Decorrido um ano sobre a minha chegada a São Paulo, pos-

so medir bem o abismo que separa o «pensado» do «encontrado». Em primeiro lugar, a cidade. Esperava uma capital do futuro, cientificamente concebida, funcional, urbanizada de acordo com princípios e leis revolucionárias. Entre essa imagem e a autêntica, não há pontes possíveis. O que não significa que São Paulo não seja uma urbe maravilhosa, mais sedutora, porventura, do que imaginava. Mas o que mais se impressionou na febril e enfeitante metrópole não foi o ritmo alucinante do seu crescimento, nem uma ordem arquitectónica que eu fantasiara. Fisicamente, a revelação em São Paulo é a decadência do inacabado. Como todos os grandes centros urbanos do Novo Mundo, a capital bandeirante ilustra bem a obser-

Contrastes brasileiros

Por MIGUEL URBANO RODRIGUES

pormenores, domada pelo homem, comandada, aquelas terras parecem de outro planeta. O homem passou por ali apressadamente, revolveu, modificou a paisagem e, salvo um ponto ou outro, seguiu adiante. A ocupação, a conquista definitiva estão por fazer. O aspecto dessa natureza corroída pela erosão é caótico. Vegetação desordenada, matas ralas de eucaliptos, charcos imensos, rochas a aflorarem o solo vermelho e descarnado... As terras ubérrimas do café e do algodão, os vergéis fartos que se desentranham em laranjas, uvas, figos e toda a variedade de

enou no tempo para se deter na evocação dos homens de ferro que na era de quinhentos galgaram aqueles paredões ciclóticos para além dos quais tudo era mistério. Como não sentir admiração pelos Portugueses de antanho que partiam à conquista do desconhecido, quer esse desconhecido se apresentasse sob a forma de montanhas imponentes, de gentes emplumadas ou de uma intransponível cortina vegetal, se tantos séculos decorridos sob a arribada a S. Vicente da armada de Martim Afonso de Sousa, a mata aveludada e enfeitante permanece ainda

FIM DE SEMANA FFLZ

Para onde vai o amanhã?

Não sei se já reparaste, leitor, que em cada ano há só um Ano Bom. Pois é. Eis aí a razão das explosões de alegria dessa época, como se estorrasse a rolha da única garrafa de champanhe existente e cada qual buscasse com atropelos e bulhas, levar para o seu cálice uma gota do néctar.

Ainda por esta vez — felizmente! — não haverá excepção. Veremos, no palco de cada noite, um foguete de lágrimas cruzar o céu de esperanças e alegrias. Porque os últimos dias do ano são já de Ano Bom, funcionarão como uma ponte de ligação entre um presente incómodo e um futuro radioso...

Eis que te digo: não o percas.

Há quem os aproveite em passeios longos, que metem por vezes, avião e transatlântico. Madeira, Paris, Rio de Janeiro... Não aconselho. A menos, é bem de ver, que precisas de atordoamento de vertigem que disfarce na tua consciência qualquer espinho doloroso. Mesmo assim a solução é tão precária...

Desfloradas todas as garrafas de champanhe, quando a maré do alcool houver descido, deixará a nu as arestas cortantes do rochedo. E quando o ultimo foguete de lágrimas arrastar para longe sua cauda de pavão, ficará a noite, continuará a noite mais negra e mais implacável do que nunca. E quando S. Silvestre levantar os dedos de cima das tuas pálpebras, teus olhos abertos descobrirão os abismos...

Raul Brandão afirmava pela boca daquela personagem humilde, que «a felicidade para os pobres é não acontecer nada...». Porque, evidentemente, a sociedade em que vivemos se «especializou» (digamos assim, pois vivemos na época das especializações) em tornar difícil a vida dos pobres, temem estes o que suceda. Sou da opinião de que tudo, nestes tempos maravilhosos, vai mudando de figura, e que a felicidade para os pobres consiste, hoje, em que aconteçam muitas coisas!

Isto não me impede de avaliar o que é que há de bom, de repousante, em certos períodos onde não acontecem grandes perturbações no palmo de chão da nossa vida individual. Por isso te desejo — e aconselho — que aproveites estes dias a refazer laços de amizade que a luta pela vida tantas vezes amortece.

Toma papel e lápis e regista todos os nomes de velhos amigos, de pessoas que há muito não vejas. Depois despedes um telegrama, um cartão, um postal. Poucas palavras, se quiseres, meia dúzia bastam: «Ano feliz, amigo! Saude e paz a todos!»

Nem tu sabes o bem que elas poderão fazer, a lágrima feliz que duas palavras de saudade, de amizade, de boa lembrança, podem acordar nos olhos mais duros.

Irene Velez dizia, certa ocasião, que não há para reforçar ou acordar uma amizade como o cartão de boas festas.

—Sabe? — dizia ela — Por muitas e justificadas esperanças que tenhamos, o ano novo é sempre uma incógnita, um segredo, um salto no desconhecido. E quem, ao partir em viagem perigosa, não gosta de ver o lenço amigo esvoaçando no cais o seu morse de esperança?

E' assim. Que quem está doente saiba que lhe queremos bem, que quem está longe sinta que a amizade é superior à distancia, que quem é infeliz encontre um braço amigo à sua beira. Que o espírito caído, como flor por terra, tenha a gota de água que dê vida — e que essa gota de água seja uma palavra nossa...

CICERONE

O LIVRO DA SEMANA

As mãos na medicina e na psicologia

O Doutor Joseph Ranald recolheu e estudou mais de cem mil impressões de mãos. Esse imenso trabalho permitiu-lhe concluir que a mão realmente revela aspectos do carácter, da saúde e do temperamento do homem. Procurando para as suas conclusões uma base científica, estatística, o Doutor Joseph Ranald, após longos anos de estudo, banindo as superstições da velha Quiromancia, atingiu resultados que permitem afirmar que a análise das mãos poderá vir a ser um domínio a considerar no complexo das ciências psico-biológicas.

O estudo das mãos interessa ao psicólogo, ao médico, ao antropólogo. A ciência empreendendo com um critério objectivo o estudo das mãos retoma uma preocupação remotíssima. Já nas mais antigas civilizações se considerava que as linhas das mãos podiam revelar pensamentos ocultos, tendências disfarçadas, os segredos do destino dos homens. O Doutor Joseph Ranald retoma um velho estudo, e, na esteira de outros estudiosos, que também se lhe têm dedicado, dá uma estruturação rigorosamente científica à análise das mãos na Medicina e na Psicologia.

Eis um livro de excepcional interesse que «Magazine» recomenda aos seus leitores como «Livro da Semana», que fecha assim com chave de Ouro o ano de 1958.

Edição de Publicações Europa-América na colecção «SABER».

disco da semana

OS RUDILLATA

Coisas do Tempo — Miau

Parlophone LMEP 1015

Ai vem o Circo!

Vem com ele a trapezista, o malabarista, o domador com as suas feras, os acrobatas, o ilusionista, o gigante, o anão e talvez uma mulher barbada.

Vêm todos com o Circo e trazem os seus adjetivos que os qualificam de espantosos, geniais e unicos em todo o Universo.

Ai vem o Circo!

Eis um grito que nunca deixou de nos invadir de alegria, desde os dias doces da nossa doce infancia à nossa agitada maturidade.

E se nunca abandonamos o circo sem vir arrasados pelos arrepiantes saltos das trapezistas ou encantados pelos graciosos pulos do mais assanhado dos leopardos, é bem certo que a figura n. 1, aquela que o nosso cérebro sempre registável indelevelmente era a dos palhaços.

A Parlophone, com excepcional oportunidade, apresenta um disco com a mais famosa troupe de palhaços da actualidade OS RUDILLATA. Os «sketches» gravados são engraçadíssimos e revelam o perfeito espirito profissional e apurada

visão que os artistas têm do gosto do publico que servem.

Recomendamos este disco não só como brinde, que qualquer criança adorará.

Um disco que será ideal como brinde para as crianças, que o adorarão, e também para todas as que desejem fazer reviver os seus dias de passada infancia.

A propósito da série de artigos aqui publicados sob a rubrica «A Conquista do Céu», recebemos há dias uma carta do sr. Fernando Simões, de Lisboa. Por absoluta falta de espaço não nos foi então possível publicá-la, o que agora fazemos.

Pedimos, no entanto, a todos os leitores que tenham presente um ponto fundamental: o carácter divulgador *sem pretensões* de problemas da Astronáutica implica um não aprofundamento da questão que só cabe aos especialistas.

Segue a carta:

«Ex.^{ma} sr.: — Tenho seguido com muito interesse a série de artigos dedicados à «Conquista do Céu». Agora que os homens estão em vias de trespassar o infinito, a divulgação dos aspectos mais importantes dessa tarefa parece-me meritória e de interesse jornalístico garantido.

Os meus conhecimentos científicos são reduzidos quase até à nulidade. Sou aquilo que os tempos modernos consagram na denominação «homem da rua». Como todos os homens da rua, fito o Céu, olho as estrelas, sigo a trajectória dos «Sputniks» e «Exploradores». Desejoso de aprofundar os segredos do espaço, formei uma pequena biblioteca de que incluí envio relação. E até no sétimo andar onde moro, instalei um modesto telescópio, *totalmente fabricado por mim com o auxílio de meus filhos*.

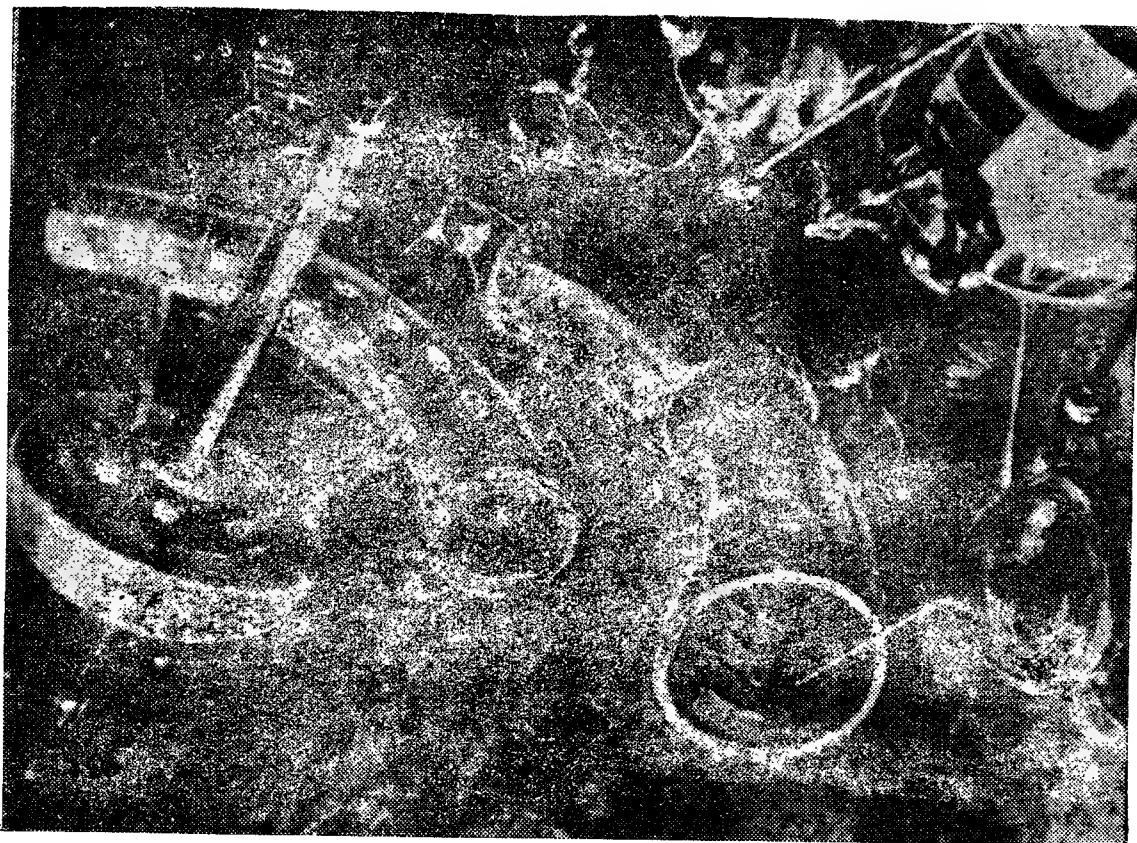
Comprei há dias uma brochura em francês intitulada «A couraça da atmosfera». Achei interessante que o mesmo título fosse empregado no artigo publicado em «Magazine».

Verifiquei, depois, que no artigo em questão, onde se fazia resenha das diversas camadas constitutivas de atmosfera havia uma importante lacuna a descrição da *ionosfera*.

A estratosfera estende-se até uma altitude de 80 quilómetros e contém cerca de 20% de todo o ar. A restante atmosfera para além desse limite e que se eleva a centenas de quilómetros, ocupa menos de 0,5% de ar.

A primeira metade da estratosfe-

A conquista do céu



A gravura mostra-nos como se construírá a «Estação Interplane tária»

ra desempenha um papel excepcional na nossa vida. Contém uma grande quantidade de ozono cujas moléculas, compostas de três átomos de oxigénio, absorvem as radiações solares ultravioletas de ondas curtas (radiações duras). Esta

camada de ozono funciona como filtro que nos protege dos raios perigosos do Sol.

A partir de 80 quilómetros, aproximadamente, a atmosfera é composta, essencialmente, não de moléculas de ar ordinárias, mas de

íons, isto é, moléculas e átomos carregados de electricidade. Eis por que se chama geralmente *ionosfera* às camadas superiores de atmosfera. Os íons surgem a esta altitude devido em especial à acção dos raios ultravioletas do Sol que fazem

perder os electrões às moléculas de ar ordinárias.

Esta acção da irradiação ultravioleta explica também a elevação de temperatura do ar à medida que aumenta a altitude e o facto de que a grandes alturas não haja nem oxigénio nem azoto, as suas moléculas desintegram-se em átomos.

Na realidade a atmosfera terrestre é uma enorme fábrica electroquímica, nos seus laboratórios, isto é, nas diferentes camadas de atmosfera realizam-se processos complicados de formação de diferentes matérias sob a acção da energia solar.

As diversas camadas de ionosfera têm propriedades diferentes, particularmente electromagnéticas. Eis a razão da sua influência na propagação das ondas radioeléctricas. O papel da ionosfera é, nesse campo, decisivamente importante. Se essa camada de atmosfera electrizada não existisse, as emissões radioeléctricas a grande distancia seriam impossíveis. Essas emissões existem porque a camada D da ionosfera, que se encontra á altitude de 60-80 quilómetros, reflecte as grandes ondas radioeléctricas; a camada E, situada aos 100-120 quilómetros, as pequenas ondas; a camada F, á altitude de 200-300 quilómetros, reflecte as ondas curtas. As ondas cujo comprimento está compreendido entre um centímetro e vinte metros atravessam em grande parte a ionosfera. Isso permitirá no futuro, estabelecer ligação radioeléctrica entre a Terra e as astronaves que naveguem pelo espaço cósmico. Por outro lado, essas camadas constituem grandes obstáculos ás transmissões a grande distancia nas ondas da TV.

Parece-me que o conhecimento da ionosfera ajudará os leitores a compreender melhor esta expressão «couraça da atmosfera» e o que ela representa de facto não só para a Terra, mas para as suas relações com os outros astros.

Com os meus melhores votos de felicidades e prosperidades para «Magazine», subscrevo-me com mui-

OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUNDO

Um milhão de dólares

Mutilado da guerra, Venânzio Porcu lançou mão do único trabalho ao seu alcance; a venda de roupa usada. E o acaso pô-lo no caminho da fortuna.

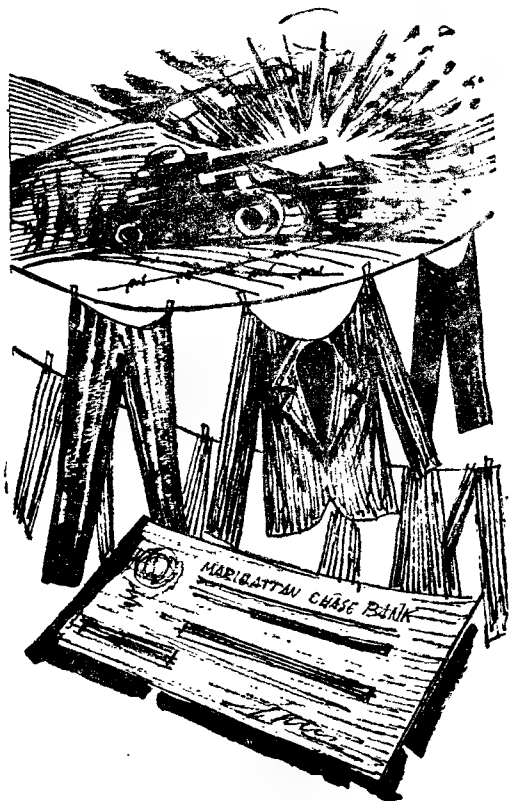
Como para muitos milhões de outras pessoas, a guerra de 1939-45 foi um pesadelo horrível para Venânzio Porcu.

Operário da região de Cagliari, na Sardenha, não se pode dizer que antes desse período a vida fosse um mar de rosas. Tinha, porém, saúde e dois braços para trabalhar; era o único amparo da mãe e encontrou aí uma razão de viver e de lutar. Ambições? Sim. Progredir no seu ofício, tornar-se um bom metalúrgico... Por esse motivo matriculou-se na aula nocturna com os melhores resultados.

Durante o período que passou numa vila dos arredores de Cagliari, procedendo à montagem de um combinado fabril, conheceu Sofia, uma campesina. Amaram-se como só os jovens sabem amar-se, o casamento ficou marcado para breve, daí a três meses, o tempo suficiente para Venânzio organizar a sua vida de modo a permitir-lhes uma existência ainda que modesta, mas digna.

Mas os estados-maiores, quando estabeleceram os seus planos de acção, não entram em linha de conta com os projectos dos namorados. Aliás, se assim fosse, se fosse possível pedir a opinião áqueles que amam e desejam ser felizes, a resposta seria a mesma em todas as bocas: não estamos interessados nisso! Os estados-maiores resolveram, pois, agir em conformidade com os seus planos de combate. E a Itália, pelo braço de Mussolini, começou a descer a vertente do abismo...

Deu-se isto precisa-



mente duas semanas antes do dia marcado para o casamento de Venânzio e Sofia.

Como se compreende, o casamento foi adiado. O jovem seguiu para a frente de batalha.

Só de quando em quando notícias dele chegavam ás mãos da noiva e da mãe que se vão separando mais, dividindo esperanças e angústias. Quando chegava carta, como é natural, havia lágrimas e sorrisos. Até que veio a carta que semeou apenas lágrimas. Venânzio fora ferido, encontrava-se no hospital em perigo de vida... Quando regressou ao lar, o jovem que

partira válido não era mais do que um farrapo. Impossível regressar ao antigo emprego.

Houvera, para ele, lugar na guerra; não havia para ele lugar na paz.

Apesar de tudo, e embora Venânzio a desligasse de todos os seus compromissos, Sofia tomou em casar. Ir-se embora? Abandoná-lo, agora que lhe era mais necessária do que nunca? E que o amava também mais do que nunca?

Casaram. Sofia trabalhava em costura, primeiro em «ateliers», depois por sua conta. Venânzio dedicava-se a um dos negócios mais

NA verdade só uma senhora soube defender-se a tempo de todos os ataques que a definição da palavra fazia prever. Dezenas e dezenas de leitores do sexo forte empregaram todo o seu vigor dialéctico a pretender provar que a língua (salvo a estufada) é um órgão de fala puramente feminino. Não citarei todas as definições apresentadas: os leitores farão uma clara ideia da dramática luta apenas com duas definições: uma pró, outra contra.

Antes disso, porém, vamos ao vencedor desta semana — o sr. Silvestre Gaudêncio, de Unhais da Serra, que há várias semanas se andava a agarrar ao primeiro lugar com unhas... e dentes. Diz ele:

— **LÍNGUA** é o suplício dos gajos.

Para firmar bem a sua posição de vencedor ainda nos enviou mais esta boa definição:

ESTA SEMANA UMA VERDADEIRA ANTI-FEMININA! SÓ UMA SENHORA SOUBE DEFENDER-SE A TEMPO...

A **LÍNGUA** é uma baioneta sempre em riste. Por isso, a língua do mudo é uma baioneta calada!

O sr. Acácio Nunes da Silva (Beja) mandou-nos esta oportuníssima verdade:

Língua é um instrumento que todos tocam, mas poucos sabem afinar.

Como vêem, em tudo pode haver música — quer em forma de sonancias, quer em forma de dissonancias. A característica da música de língua é o ser sempre tocada de cor. Talvez por essa razão se lhe dá o nome de «má língua». Foi pensando nela que o sr. José António Lucena Piores (Coimbra) nos comunicou o seu parecer sobre tão magno assunto:

Língua — objecto cortante quando aplicado a casacas.



desenvolvidos na Itália do pós-guerra: a compra e venda de roupa americana usada. Organizações americanas especializadas nesse negócio, exportavam para a Itália quantidades imensas de casacos, camisolas, roupa interior, que os seus agentes na península italiana se encarregavam depois de fazer chegar ás mais recônditas aldeias da Sardenha e da Calábria...

Trabalhando árduamente, Venânzio e Sofia conseguem manter o seu lar e defender os filhos — quatro bambinhos que são todo o seu orgulho e alegria. No dia 12 de Dezembro, Venânzio foi le-

vantar á pequena estação de caminho de ferro uma nova e importante remessa de fatos usados.

De regresso, como sempre costumava fazer antes de proceder á lavagem cuidadosa de toda a roupa, Venânzio passou revista a todas as algebeiras de casacos, blusas. E foi então que encontrou um papel ao qual, de início, não prestou muita atenção. Reparando melhor, porém viu que se tratava de um cheque...

Dirigiu-se ao Banco. Tratava-se exactamente de um cheque passado contra o poderoso «Manhattan Chase Bank». Encontrava-se

registado no humilde papelinho uma quantia fabulosa: vinte e oito mil contos...

Segundo a lei italiana, Venânzio tem direito a pelo menos, 10% sobre o valor do achado. Isto quer dizer que lhe cabem dois mil e oitocentos contos da importância. Caso contrário, embolsará a totalidade do milhão de Londres...

Venânzio e Sofia encontram-se momentaneamente desorientados com este acontecimento: «Que vamos nós fazer a tanto dinheiro?» — perguntam eles. E eu perguntarei: «Que irá fazer deles tanto dinheiro?»

Se o leitor amigo me permite eu confesso-lhe o meu desacordo parcial. Na verdade, estou inteiramente convencido que a língua não faz dieta: tanto lhe servem casacas, como ceroulas, como outra qualquer peça de roupa. Lembre-se que até os nudistas são vítimas da má-língua!

Aquele «Leitor de Lisboa», vencedor num dos últimos concursos, e que já teve a amabilidade de nos informar sobre o seu nome de baptismo, é «aquilo» que o Adão devia ter exigido de Eva em troca da costela.

tismo, pensa que a maldade trazia reticências, coisa muito pior que um piscar de olhos.

E' esta a melhor definição naquele tal célebre tema «anti-feminino» que teve quase uma centena de adeptos. Claro que todos supunham ficar impunes. Não, não ficaram! Escreve-nos esta nossa leitora habitual — a sr.^a D. Hermenevilda da Silva Gouveia, de Castelo Branco — que

Língua é um órgão que os homens empregam a toda a hora do dia para dizer que as mulheres falam muito.

Ora aí têm os «sexo-fortistas! Perderam pela língua.

Guardo para o fim uma definição zoológica. Sabem — não sabem? — que eu pertence á Protectora. Aquil têm a definição do sr. M. S. Neves (Lisboa):

Língua é o que nos faz ter medo das víboras.

Não tem reticências, o que prova que este nosso dedicado leitor tem muito bom gosto. Mas a propósito de zoologia: esta semana proponho eu uma palavra para concurso:

Pombinho

Não esqueçam que a coisa está carinhosamente posta e disposta no diminutivo. As respostas, aliás as definições, devem estar em «MAGAZINE», Rua Luz Soriano, 44 e 48 (Lisboa), até ao próximo dia 3 de Janeiro.

WILLIAM SIMPSON

ALMA SIMPLES

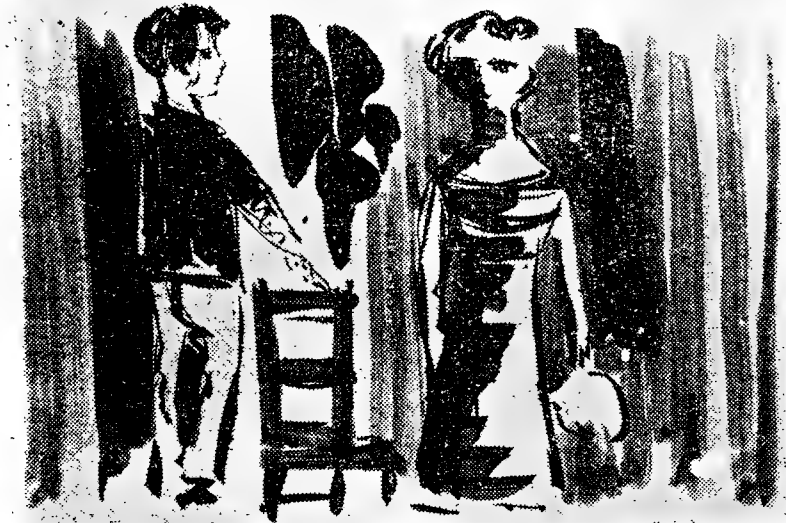
Por
H. G. WELLS

Kipps mal se recordava da mãe. Mesmo olhando aquela bonita mulher retratada por cima do fogão da sala, parecia-lhe não ser a mesma de quem vagamente se lembrava. Essa tênue lembrança, também, não lhe era por demais gra-

a de Kipps mais que a de qualquer outro. Partir para o emprego e deixar Ana. Os dias sucederam-se entre a loja de modas, a missa de domingo, o passeio pela cidade e as longas horas de insónia. A formas de encarar a vida e o amor.

modas para o papel de ricoço. Comia regaladamente de tudo o que até aí lhe tinha sido vedado. Os doces e os pudins entraram na sua vida, com muitas cartas e pedidos de dinheiro. De marçano, Kipps passara a proprietário; por isso o solicitavam de todos os lados com pedidos de todo o género. Kipps esforçava-se por adaptar-se a essa nova vida, e o melhor possível. Mas as preocupações são, agora, tremendas. Saber vestir-se bem, quais as normas de civilidade a seguir, as frases que deve dizer, as atitudes a tomar, é tudo tão, tão complicado para o ingénuo, o candidato Kipps!

Até o amor se complica no coração do ingénuo rapazinho. Ele torna-se a presa desejada das meninas casadoiras — e não lhe tinham ensinado a resistência a opor em casos semelhantes. Kipps ficou noivo de Hellen, positivamente pescado por ela. A vida de Kipps, com esse desejo veemente de entrar na nova vida com toda a compostura, tornara-se um verdadeiro pesadelo. Passa as horas vagas a folhear o livro de Civilidade; pois não ia ele casar acima da sua condição e fora da sua classe? Não era só a noiva que o tentava educar; toda a gente do conhecimento dela parecia apostada em transformá-lo, em despi-lo daquela modestia e franqueza que já não ficavam bem com a sua nova posição social. As mínimas expressões, palavras, gestos, tudo foi estudado e, minuciosamente estudado e... corrigido.



ta; vinha sempre associada com alta vozaria de ralhos. Lembrava-se, também, de que nessas ocasiões havia um homem alto — o segundo que ralhava.

O pequeno viera para casa dos tios, um casal que já ultrapassara a juventude. E precisamente por este facto, talvez, haviam-se esquecido do seu tempo de crianças e não suportavam os pequenos deslizes de Kipps. Este lembrava-se, com nitidez, do dia em que a tia lhe oferecera uma gaita, com a promessa expressa de a não utilizar. Nessa altura, a tia aparecera-lhe como uma figura inquisitorial. Não apenas nessa altura; muitas vezes, quase todas em que se encontrava com ele, ela tomava aqueles ares intolerantes, castigadores, arbitrários, como um deus vingador desido à terra para o martirizar.

Kipps arranhou um amigo, no filho do maior inimigo do tio; e essa amizade surgiu depois de algumas sovas mestras, com narizes sangrando e dedos esfolados. Por isso mesmo foi mais profunda e duradoura.

O tempo de escola durou muito pouco. Depressa pensaram em arranjar-lhe um emprego, precisamente na altura em que ia descobrir o brilho do olhar de Ana Por-nick, uma rapariguinha de vestido curto, faces coradas e cabelo castanho. Ana fazia parte do pequeno mundo despovoado de Kipps. O amor aparece na vida de Kipps como uma necessidade; de resto, toda a vida de Kipps tinha sido sempre cheia de pequenas necessidades, visto que ele nada tinha, além de umas vagas recordações de sua mãe, mesmo essas mui diluídas e misturadas com aqueles vagos resíduos de vozaria colérica. Por isso pareceu-lhe muito natural que, um dia, pedisse a Ana para ser a sua namorada — isto dito em tom abrasador e que não deixava dúvidas.

Adolescência chegou, com o seu cortejo de novos problemas, novas Mas a vida tem os seus quês e

Ana passou ao esquecimento e deu lugar a muitas outras raparigas que entraram e saíram do coração de Kipps sem deixar rasto...

...Inesperadamente, Kipps tornou-se senhor de uma fortuna, de uma bela casa, e muitos



planos para o futuro. A vida de Kipps mudou por completo. Começou a pensar que tinha o direito a entrar numa nova camada social. E que tinha de adaptar-se a ela!

Começou por tomar o ar grave de quem medita muito. Na verdade, não era fácil passar da loja de

Um dia, Kipps encontra Ana. Era inevitável que sucedesse assim, morando ela na mesma terra dos tios. Kipps perdeu-se em reflexões, depois de a deixar. Ana acordava nele o passado e o amor que lhe tivera. Sabia que estava a atraí-lo Hellen, mas esse sentimento era mais forte que tudo. Ana tinha sido a sua primeira namorada; desde criança que ansiava por beijá-la. Iria, no fim de tantos anos e depois de ele se ter tornado, à custa de uns milhares de libras e um livro de civilidade, um verdadeiro cavalheiro, iria, enfim, satisfazer esse desejo de criança?

Kipps ingressa na sociedade. Mas a recordação de Ana, a meiga, a simples Ana que estaria deslocada nos salões que frequentava, não lhe sai do pensamento. Nos salões requintados a recordação de Ana, criada de servir, parecia um sacrilégio. Mas seria um sacrilégio conservar, da infância, a parez de um amor verdadeiro, simples, ingénuo, capaz de vencer as próprias conveniências, estampadas num bom manual de Civilidade?

Kipps não quer saber de manuais — só sabe que quer da vida os únicos bens que ela conservou, intactos: a amizade e o amor, precisamente os parágrafos que o Manual de Civilidade tinha deixado de inscrever no índice. Esses, guarda-os Kipps no coração.

Eis, em traços muito largos, o enredo do enternecedor romance de H. G. Wells — ALMA SIMPLES — que «Portugália» acaba de reeditar, na sua famosa colecção de obras-primas. «OS ROMANCES UNIVERSAIS».

VIDA QUOTIDIANA EM PORTUGAL NA IDA

Todo o homem en

Por
Augusto da Costa Dias

tem uma e

«... tedollos sabedores concordavam que todo o homem namorado tem uma espécie de sandice: porque elle julga a feia por formosa» (Fernão Lopes: «Crónica de D. Fernando»).

VIMOS como o povo lisboeta se encaminhara armado para os paços onde pousara el-rei D. Fernando. Eram uns três mil, entre trabalhadores de todos os misteres, besteiros e homens de pé. Vimos também como Fernão Vasques, alfaiate, tendo sido investido na capitania do movimento popular, comunicara aos representantes reais, num corajoso discurso, a opinião do povo sobre o falado casamento de D. Fernando e Leonor Telles. Com toda a crueza, ele avisa que o povo não permite que o monarca escolha para rainha dos Portugueses mulher alheia, e ainda por cima a mulher de um vas-salo — João Lourenço da Cunha. Terminando o discurso, Fernão Vasques diz com formosa franqueza que o povo não quer perder tão bom rei como Fernando por uma má mulher que o tem enfeitado.

Vimos igualmente que enquanto o tribuno popular assim falava, o povo repetia as suas palavras, numa ladainha ameaçadora, prestes a transformar-se em vaga ao menor sinal de resistência.

Mas D. Fernando sentiu que não podia ousar tal resistência. Hipócritamente mandou responder com as seguintes palavras:

«El-rei agradecia-lhes muito

sua vinda, e as razões que por seu serviço diziam; que no caso entendia que faziam como bons e leais Portugueses, amadores de sua honra; e que ella nom era sua mulher recebida, nem Deos nom quizesse; mas que por quanto lhes el logo nom podia responder como compria, a qual resposta havia mester de ser com bom conselho, segundo elles viam que era razom; que em outro dia fossem todos ao mosteiro de Sam Domingos dessa cidade, e aqui lhes falaria sobre aquilo, e averia seu acordo com eles».

Voltando-se para os camaradas, Fernão Vasques manifestou o seu acordo com as propostas reais e aconselhou que, no dia seguinte, se reunissem todos no mosteiro de São Domingos. Soaram aclamações que esparrinhavam como ondas a fachada dos prédios; a multidão começou a dispersar e jurava que se el-rei não quizesse apartar-se da mulher de João Lourenço da Cunha, eles lha tomariam por força, e fariam de maneira que nunca mais el-rei a visse.

Uma voz ondulou como um clarão de bocas:

«Se muitos viemos hoje,

DIALOGOS IMPCR

ARMANDO — Poderemos talvez encontrar-nos logo, às 7 horas, à esquina da Havaneza...

MÁRIO — Tu estás louco? Vê-se bem que tens estado ausente de Lisboa... A Rua Garrett, pelo menos por este ano, terminou para nós. Fomos expulsos, corridos...

ARMANDO — Não me digas! Que grande surpresa! Então as demolições já se estenderam para esses lados? Pobre cidade! Calcula o que vão ser as ruas do Carmo e Garrett com esses incanoráveis prédios modernos, o Largo do Chiado com caricaturas de arranha-céus, uma loja de modas na Bertrand, uma leitaria com televisão na Brasileira e um stand de automóveis na Havaneza...

MÁRIO — Não, caro Armando, tranquilizate. Por enquanto ainda não é nada disso. A expulsão tem carácter provisório e não é determinada por medida de «utilidade publica», mas por interesses multissimos privados. Trata-se simplesmente de uma feérica iluminação da Rua Garrett, com lampadas suspensas, sinos e balões, levada a efeito pelo comércio local durante esta quadra festiva...

ARMANDO — Mas isso é ótimo. Não vejo nenhuma necessidade de nos encontrarmos às escuras e a Rua Garrett, para manter as suas características, não precisa assemelhar-se a uma sombria eneruzilhada. São até de muito louvar os comerciantes dessa arteria. E quem sabe se a Camara não acabará por seguir-lhe o exemplo?

MÁRIO — Parece-me que ainda não estás a compreender bem a situação. Olha que eu também não sou um retrógrado. Gosto da luz eléctrica, do progresso, das comodidades. Vivo até, como sabes, num desses incanoráveis prédios, da parte nova da cidade. Mas não deixa de agradar-me o facto de existirem ainda certos lugares típicos para espalhar a vista fatigada das modernas construções em série, tão iguizinhas entre si como irmãs gémeas. Aprecio uma visita, de vez em quando, aos bairros de Alfama e da Madragoa ou às ruínas da Mouraria; mas poder ir todas as tardes ao Chiado, velho alfofre dos intellectuais e passeio ideal das damas elegantes, é uma das poucas coisas salutaras que a nossa vida citadina ainda nos permite. A esquina da casa Havaneza, o «Café» Chiado, a Bertrand, são lugares de legenda onde perpassam as sombras do Eça, do Ramalho, do Antero...

ARMANDO — Continuo a não perceber nada. Mas então, por haver luz a jorros, os intellectuais e as damas elegantes têm de afastar-se? Olha que os intellectuais não são todos necessariamente como as corujas e ainda há alguns que, como tu, apreciam a luz eléctrica e o progresso. E, de resto, tanto os intelec-

tuais como as damas elegantes costumam até gostar de exhibir-se com luzes fortes...

MÁRIO — Já leste «A Rebelião das massas», do Ortega y Gasset? Conheces a psicologia das multidões?

ARMANDO — Tu dás comigo em doido! Mas que terão a ver o Gasset e a psicologia das multidões com a iluminação do Chiado?

MÁRIO — Recordaste certamente Jo que escreveu Ortega y Gasset acerca das «élites» e das massas. Segundo o filósofo espanhol, cada individuo ou cada grupo tinha o seu lugar reservado no campo, na aldeia, na vila, no bairro ou na grande cidade. Depois vieram as multidões, as «massas» e instalaram-se nesses lugares, justamente os melhores, que eram também eles um produto refinado da cultura humana e estavam reservados a grupos menores, a minorias ou, numa palavra, as «élites». Compreendes agora a relação do Gasset com a iluminação do Chiado?

ARMANDO — Começo, enfim, a vislumbrar qualquer coisa. E a psicologia das multidões, como é que a metes nisso?

MÁRIO — É bom de ver. As «massas», muito principalmente as nossas, são atraídas pela luz como os insectos. Experimenta annunciars uma girandola de foguetes em qualquer parte e logo lá aparecerão milhares de pessoas. Uma lampada pendurada num pau, um balão de papel, qualquer coisa que tenha luz atrai uma multidão. Calcula agora o que será com milhares de lampadas na Rua Garrett... A «massa» expulsará do Chiado, felizmente a título provisório, aquelas «élites» a quem ele por direito pertence.

ARMANDO — E estás certo de que os intellectuais tenham assim tanto medo da multidão e fujam todos?

MÁRIO — Pois que outra coisa podem eles fazer? Que teriam feito, em idênticas circunstâncias, o Eça, o Ramalho e o Antero?

ARMANDO — Vejamos... O Eça usava perfumes e botas de polimento. O odor da multidão não costuma ser grato às pessoas de olfacto delicado, as botas de polimento não podem ser pisadas, portanto, o Eça fugiria com certeza. O Ramalho, esse supponho que se deixaria ficar para tornar possível o confronto entre a sua brilhante figura e a baga multidão em seu redor. Enquanto pudesse aguentar o cheiro e os encontros, permaneceria na primeira fila; depois, com ar superiormente enojado e passo elástico, afastar-se-ia para longe. Quanto ao Antero, reagiria primeiro contra um inato sentimento aristocrático tendente a afastá-lo da multidão e em seguida misturar-se-lhe nela e procuraria ser o seu apóstolo...



Amorado espécie de sandice (2)

...muitos mais viremos amanhã, e armados».

Ao outro dia o mosteiro de São Domingos era abraçado por enorme multidão. Quando Fernão Vasques subiu ao alpendre do templo para se juntar aos representantes do clero e da nobreza — o povo inteiri- rim e o aviso foi mantido por milha- ções de um gelado silêncio. Ia falar o alfaiate e todos queriam conjeir- no seu coração as palavras que ele diria. Dando dois passos, Fernão Vasques ergueu a sua voz bem cur- tida pela animosidade:

«Senhores! A mim deram carrego estas gentes que aqui som juntas de dizer algumas coisas a elRei nosso senhor, qual entendem que é por sua honra e serviço».

Fez uma pausa. Olhou os amigos. Varou com sua vista aguda os delegados das classes dirigentes e acusou directamente:

«Vós outros, que sois princi- pais partes neste feito, e a que isto mais tange que nós, deveis dizer isto e eu não: porém não embargando que assim seja, eu direi aquilo de que me deram carrego, pois vós outros em is- so não quereis pôr mão, mos- trando que vos doeis pouco da honra e serviço delRei nosso senhor».

A aprovação popular ás palavras do seu cavaleiro golfou, fulminan- te, num estrondar de aplausos e de ameaças. Sabendo de tudo quan- to se estava passando el-Rei resou- viu falar a palavra e, em vez de comparecer, fugiu da cidade com Leonor Teles, o mais escondidamen- te que pôde. Pelo caminho, a rei- va trazia-lhe a espaços sempre as mesmas palavras:

— Ohai aqueles vilões tredo- res (falsos, desleais) como se juntavam! Queriam prender- me quando eu lá fora...

Quando o leal povo soube que D. Fernando se partira vergonhosamente e com a mulher de João Lou- renço da Cunha, «teveram-se por escarnecidos» e bradaram muitas e cruas (o cronista diz «desonestas») palavras contra tal casamento. En- tretanto, pulsando pela mesma cau- sa, também os povos de Santarém, Alenquer, Tomar, Abrantes e de outros lugares do reino se rebela- ram. Leonor Teles receando que os levantamentos populares influis- sem, ao cabo, no animo del-Rei tra- zia espíões em todo o lado a fim de que lhe anotassem os nomes dos ca- becilhas da revolta. E comunicava- os ao monarca para que este, logo que lhe fosse possível, deles tomas- se vingança. Afinal era rei dos rei- nos de Portugal, ou não? Ou era a canalha? Como permitia que lhe chamassem a ela os nomes feios e desonestos com que a arrastavam pela lama, ela tão honrada, tão pu- ra, tão boa?...

O feitiço tecia o seu ninho no co- ração do monarca. Ah! ele se vin- garia.

INENTES

MARIO — Não está mal imagina- do. E não podes prever o que fa- rão os intelectuais de hoje?

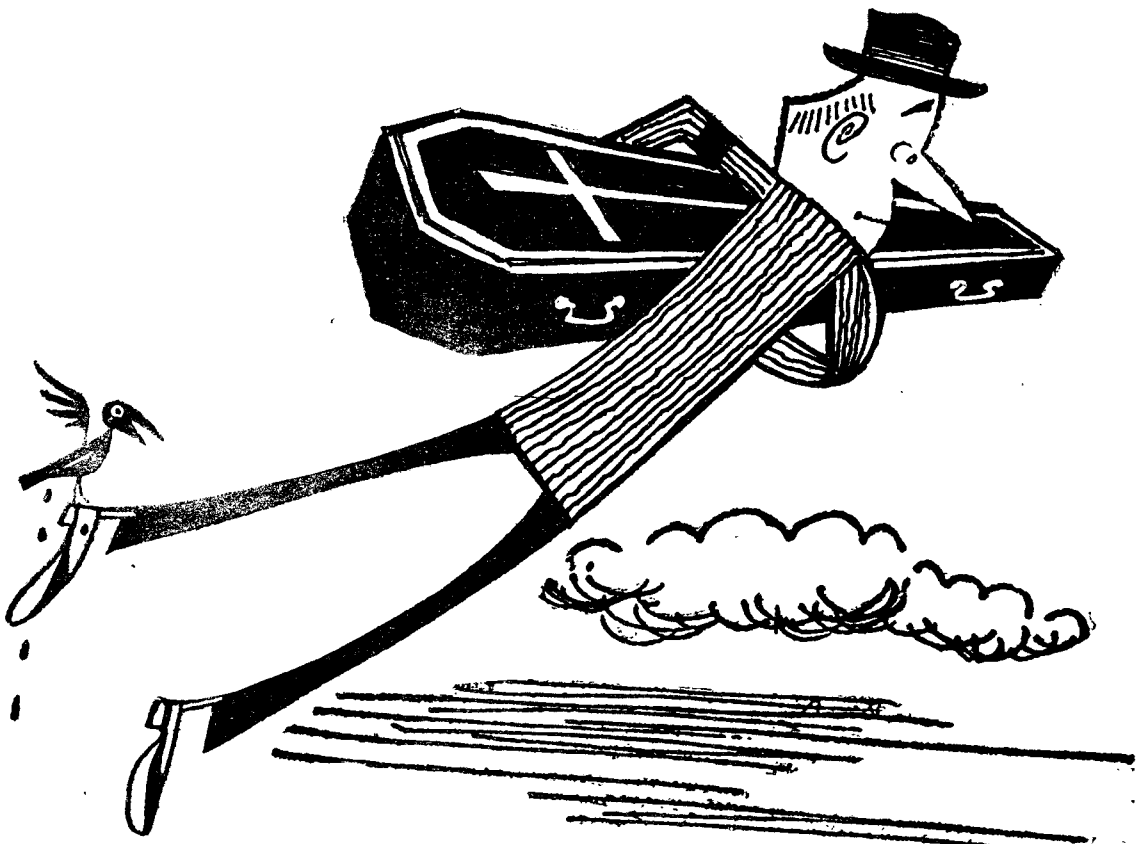
ARMANDO — A coisa é um tanto imprevisível. Penso, no entanto, que a maioria fugirá espavorida. Al- guns, por louvável intensão filan- trópica, tentarão misturar-se, mas não resistirão ao primeiro embate. Outros haverá que ficarão. O Fer- reira de Castro, por exemplo, mis- turar-se-á com a massa e nela se di- luirá até não mais o distinguirmos. O mestre Aquilino talvez não se misture, mas também não fugirá. Permanecerá firme, na sua solidez de beirão, olhando com simpatia a multidão á sua volta. O José Gomes Ferreira entrará na dança, acama- radará sem receio com a turba e gozará doadamente com a fuga as- sustada da maioria...

MARIO — Mas acaso julgas possí- vel a coexistência dos intelectuais com a multidão em pleno Chiado?

ALFREDO BRAS



APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS



Não morras para amanhã o que podes morrer hoje

Meu tio Carlos era um homem singular, excepcional, direi mesmo raro. Evidentemente que quando falo em raro tenho ape- nas em mente o nosso País. Na Lu- sitania, os homens do seu tipo sem- pre avultaram como verdadeiros prodígios. Eu mesmo, quando me ponho a passar revista aos inme- ros galhos da minha árvore genea- lógica, só encontro um pretexto he- reditário que o defende: a avó Amélia. VOCÊ concordará imediata- mente se lhe disser que nunca me consigo lembrar da avó Amélia sem que essa lembrança não traga logo agarrado o curioso entremez que daria, afinal, origem a todos os meus tios e a minha mãe...

Meu avô era um verdadeiro poe- ta a quem os pais amaldiçoaram com o contrapeso materialista de umas boas terras de sementeira. Isto significa que, mortos meus bisavós, ele, filho úni- co, foi obrigado a criar novas rimas inspiradas no Deve & Haver das propriedades. Tinha 22 anos. E achou que era cedo de mais para embotar a sensibilidade. Estava a braços com esta crise, quando de- parou com minha avó Amélia. Ela dirigia então, e com toda a ciência do fabulário de La Fontaine, a ca- pelista dos padrinhos. Meu avô pas- sou uma vez; passou duas; admirou o tino administrativo da fresca don- zela de dezoito anos e, como era precisamente o que não possuía, co- meçou por admirá-la e acabou por lhe suceder, o que sucede a todos os poetas: a admiração converteu- se em amor.

A LIGA DO CUCO

(Continuação da 1.ª página)

...e or nova, um pensamento diferente... e a liga nunca está pronta. E' a boneca que nos desvia agora a atenção, é de- pois o carrete numero 15 desta vida coordenada e condicionada a factos, si- tuações e atitudes, neste instante é o azar, depois... o sono da preguiça, de- pois ainda... o quê? Talvez a própria vida rimdo. A liga vai lenta, com várias paragens e recomços, são nós que se desdão, pontas que se afiam, malhas que se perdem, mas esperanças latentes em fogos de vontade. E tuco recomça porque o homem tem de recomçar, até mesmo quando pratica o mal, até mes- mo quando nega a civilização que o subjuga. Mas estremece após momen- tos, que são anos! Com a rapidez e força de um raio, chega-lhe a noção

No dia em que, enchendo-se de coragem, rompeu pela capelista onde minha avó se encon- trava sózinha e se aprontou para lhe apresentar a candidatura a ma- rido — Amélia, com amável polidez comercial, indagou *O que desejava o senhor*. Aquilo pareceu a meu avô um bom prenuncio. E pegando no verbo da interrogação disse-lhe que desejava casar com ela.

Minha avó trespassando-o leal- mente com seus olhos muito verdes, não disse que sim, nem disse que não. Fez uma advertência que já anunciava meu tio Carlos: *Mas o senhor sabe que eu não tenho nada?* — começou por perguntar. — *Esta loja é de meus padrinhos. Mesmo esta arrecada que trago ao pescoço é de minha madrinha.* — E afagou o pescoço rosado e cetinoso.

Claro que este inventário co- mercial só serviu para exacerbar a febre amorosa de meu avô. Atropelou-se a esclarecer que era rico, que tinha terras de sementeira, casais, vacas, porcos, etc. Matrimoniaram-se. A primeira consequência foi o meu tio Carlos.

Meu tio Carlos medrou pontual- mente: quando era preciso chegar ao metro e vinte, e trinta, e quarenta e assim por dian- te — ele não falhava. Montou casa comercial. Prosperou em haveres e em bom senso. O que mais o hor- rorisava era perder tempo, perder dinheiro e perder o bom senso. Foi por isso que não lhe passou desper- cebido que tinha sido ultrapassado pelas circunstâncias. Já rondava o Cabo Tormentoso dos setenta e em- bora nele florescesse uma estupen- da lucidez, embora se sentisse cheio de vigor intelectual, — e talvez por tudo isso mesmo — meu tio come- çou a ponderar que a sua hora era chegada: tinham mudado os ven- tos; a gente nova, o publico, os fi- lhos desejavam outras coisas, que não as que ele tinha para oferecer. Então deu em andar mais calado; abeberava em fundas meditações, em que parecia dormir, olhava os filhos, a casa comercial, os empre- gados como se tudo isso pertences- se a um planeta distante. Era o in- teligente despêgo do bom senso.

Ele gostava de mim, porque eu possuía uma característica que lhe era agradá- vel: o prazer de ouvir falar os ou- tros sem interromper. Tinha, por isso, longos monólogos comigo. No ultimo, na véspera, de se retirar de- finitivamente, disse esta coisa admi- rável: *sabes? Diógenes: há quem ligue muita importância aos pro- vérbios, como se eles não pudessem e não devesses modificar-se. Vê, por exemplo, aquele velho ríflor: não guardes para amanhã o que podes fazer hoje! Para mim, dito assim não tem sentido profundo. É preciso dizer: não morras para amanhã o que podes morrer hoje...*

Não percebi bem. No dia se- guinte meu tio levantou-se da cama onde jazia, adocentado, aperaltou-se com todo o esmero dos vinte anos, e saiu para a rua sem dar cavaco. Foi ao Bar- tolomeu, pediu para ver caixões, o Bartolomeu mirou-o a medo e com mais medo ficou ao tropeçar na calma patriarcal que meu tio respira- va. «Para quem é o caixão, senhor Nunes de Abreu?» — perguntou o papa-defuntos. E meu tio: «E' para mim». Em face do espanto do ou- tro, ele replicou mansamente: «En- tão o Bartolomeu não acha que ninguém melhor do que eu deve sa- ber o caixão que me convém? Não lhe parece um perigo que outros o façam?»

Fez a compra a seu gosto. Tratou com o Bartolomeu todos os pormenores funerários com a mesma implacá- vel objectividade como tratara to- das as questões da sua vida. Estava a resolver o mais importante dos seus negócios: «sair a tempo». Che- gado a casa, chamou a filha, esmiu- çou as suas ultimas vontades sem se perturbar com os protestos fi- liais, chegou ao ponto de destinar dois contos para os pobres, se a Rainha Santa Isabel o poupasse a uma longa agonia.

Jepois doitou-se. Pediu a minha tia um copo de água e quando esta lhe tornou com ele, tio Carlos cumprira o seu desejo de cair a tempo de não morrer ama- nhã o que podia morrer hoje. *Que grande exemplo!*

Por ALVARO BELO MARQUES

em meu redor?! Quantas se encontram na minha pasta vaidosamente chamada «de poesias»? Estas as pequenas, ou melhor, as mais pequenas porque a grande, a nossa própria identificação com a vida, e a nossa posição nela, es- tá a meio e repleta de defeitos.

Há também quem julgue tê-la pronta, dominando por isso o tímido semehan- te, impondo vontades vis e desejos man- recos, mas que, no momento exacto da oferta, sente a obra-prima defeituosa.

«Já ta estou a fazer», será talvez a frase que nos anima a continuar — ela e a vaidade de vencer. Vencer o quê? Talvez a nossa posição de homem mortal, com imaginação curva e passa- das lentas.

Caminheemos pois calcando a sombra da nossa própria condição humana.

SAIBA COMER

Sua magestade o queijo

Vem de há muito o gosto pelo queijo. Isto explica-se talvez pelo reconforto nutritivo que o homem experimenta após a ingestão de tal alimento. No século XVIII, era tão apreciado pelas classes populares como pela nobreza.

O queijo não é obra da mão do homem; não, é-o mais pelos germes microbianos e microscópicos cogumelos que nele se desenvolvem e transformam a caseína inicial contribuindo para a formação de novas substâncias. Esta proliferação microscópica subsiste nos queijos de pasta não cozida e aumenta ainda as qualidades nutritivas. Tais espécies de queijo são, portanto, alimentos «vivos», pois a flora que assim se oferece ao organismo contém fermentos benéficos. Muita gente ignora a terapêutica maravilhosa que se esconde no queijo. Foi preciso que um dia Flemming descobrisse os efeitos da Penicilina; mas os mais modestos queijos no-la oferecem, desde sempre!

É um alimento ideal para o crescimento, a convalescência e a gravidez. Derivado directamente do leite, conserva dele os principais elementos. A perda de água que sofre ao ser manipulado assegura-lhe a maior concentração importante em lipídios e proteínas, iguais às do leite em pó. Do leite completo, o queijo apenas perde a lactose, conservando, contudo, alguns grammas. As substâncias azotadas que contém dão-lhe propriedades caloríficas consideráveis e apreciáveis virtudes plásticas.

O queijo aparece, pois, como um alimento muito rico e de assimilação fácil, facilitando muito o trabalho do organismo. Os queijos oferecem proteínas em alta quantidade e tornam-se, por isso, superiores à maior parte das carnes. Por isso, afirma-se ser um alimento essencial ao crescimento, à gravidez e à convalescência, ainda porque a estas propriedades se associa uma importante presença calcica. Graças a essa fonte de cálcio e aos sais de fosfato, o queijo activa a nossa

ossificação. O cálcio, só por si, não bastaria para calcificar. Para que sejam assimilados os compostos calcicos necessitam de vitaminas, elementos fosforados e um certo equilíbrio iónico. Pois todas estas condições se encontram asseguradas no queijo, cuja riqueza vitamínica é enorme. A quantidade de vitamina A que contém, é parte a gema de ovo e a manteiga, cujo consumo, infelizmente, não pode ser aconselhado a toda a gente e o fígado de vitela, bastante caro é, só por si, digno de ser recomendado como um alimento de primeira qualidade. Como sabem, a vitamina A assegura a protecção dos nossos tecidos, mantendo em bom funcionamento todas as zonas de cobertura: pele, conjuntiva do olho, epitélios da traqueia, da laringe, revestimento celular da bexiga, da vagina, etc. Ao nível da retina, ela constitui o pig-

mento próprio para a visão crepuscular.

Só as substâncias de origem animal nos oferecem a vitamina A. Mas a Natureza, sempre pródiga na solução dos problemas vitais, busca outras fontes, é falta daquelas: o reino vegetal contribui largamente com os elementos chamados carotenoides, susceptíveis de transformar-se em vitamina A. Mas apesar de tudo, esta síntese individual mostra-se insuficiente para o equilíbrio perfeito de cada um. Impõe-se, pois, uma produção de vitamina A. Uma pequena dose de manteiga ou queijo é suficiente para assegurar esta produção. Coma 100 grammas diários de queijo da Holanda, de Gruyere ou de qualquer outra espécie e terá a sua ração completa de vitamina A! Não acham que o queijo pode funcionar como o rei das sobremesas?...

Pílulas de... queijo

«Uma sobremesa a que falte queijo, é como uma bela a quem falte um olho» — disse Brillat Savarin.

...Em qualquer altura da refeição pode servir o queijo. Mas depois de um prato açucarado, qualquer um será benvindo.

...Em muitas coisas os nossos avós tinham razão. Comer, após cada refeição, um pouco de queijo corresponde a um ritual fisiológico. Com efeito todo o queijo não cozido facilita a digestão; os fermentos que traz activam a sua assimilação.

...Desportistas e trabalhadores de força, assim como convalescentes, não deixem de consumir, na sua ração diária, uma porção de queijo; ele tem um alto poder calorífico em pequeno volume.

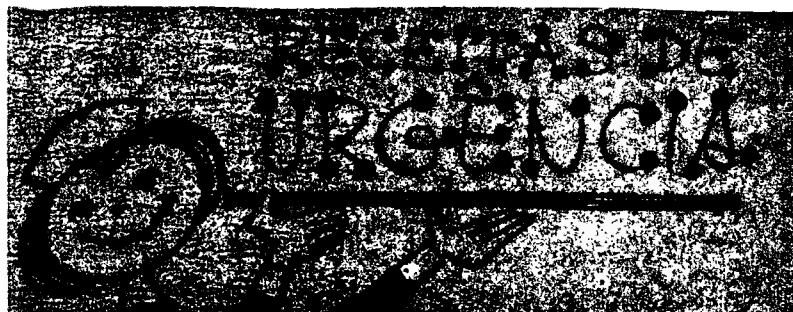
...O queijo substitui vantajosamente o leite — 35 grammas corres-

pondem a 1/4 de litro de leite. Muitos regimes preconizam o leite, mas a maior parte dos estômagos não o podem tolerar, por ser indigesto. Graças ao queijo, todas as riquezas fósforo-cálcicas do leite se tornam assimiláveis para o adulto.

...Os antibióticos modernos, tão activos contra os germes microbianos tendem, infelizmente, para a esterilização do meio intestinal. Ora os queijos não cozidos facilitam o repovoamento do quadro cólico, em bactérias úteis. No decorrer das doenças infecciosas, tratadas com antibióticos parece, pois, de toda a utilidade incluir no regime alimentar, um pouco de queijo qualquer.

...Em casos de perturbações gástricas o uso do queijo parece, especialmente, indicado, por benefício. Como sabem, a mucosa do estômago segrega normalmente ácido clorídrico que condiciona o ataque das carnes pela pepsina. Em muitas pessoas, esta secreção torna-se abundante; a hiperacididade provoca feridas, úlceras secundárias, as paredes do estômago contraem-se dolorosamente. Ora muitas experiências mostram que todo o queijo — fresco, de pasta dura ou pasta mole — tendem a fixar o ácido clorídrico, agindo como uma verdadeira esponja.

...Mas os cardíacos com edema, os albuminúricos, os obesos, os hipertensos não podem consumir o queijo senão com extrema prudência. Mas com excepção destes, os queijos mantêm um lugar de relevo na dietética e na gastronomia. As suas múltiplas virtudes bem o podem colocar como a coroação de toda a nossa refeição completa.



Lebre com creme

1 lebre, 100 grammas de creme, 75 grammas de manteiga, louro, salsa, alho, 1/2 copo de vinho branco ou um cálice de conhaque e 1 colher de sopa de mostarda.

Depois de lavada, cortar a lebre em pedaços. Dourar na manteiga os pedaços, tendo o cuidado de os ir dourando a pouco e pouco, colocando-os já prontos num prato para dar espaço. Depois de todos louros, pô-los numa caçarola e temperar com o louro, a salsa, alho, metade do



vinho. Deixar cozer, em fogo brando, cerca de uma hora, se a lebre for nova.

Depois de cozida, deitar num prato que conservará ao calor, o resto do vinho. Deixar ferver uns escassos dois minutos, em fogo muito brando; retirado do lume, deitar o creme (pode ser molho branco) e a mostarda. Sirva bem quente com puré de cenouras ou esparregado.

Dourada grelhada á minha moda

Prepare o peixe de véspera, já com os temperos, dentro. Lavar, limpar e secar bem o peixe; passar com azeite. Barrar, por dentro, com alho, salsa ou alho pôrro (para quem gostar, existe na praça). Gre-



lhar em fogo muito vivo. Salgar e apimentar, no fim da cozedura. Servir com salada verde, temperado o peixe com manteiga derretida e salsa picada finamente.

Pão de ló borracho

Faça de véspera um bom pão de ló.

Corte às fatias, na altura em que irá ser servido. Coloque-as, em camadas, regando-as com vinho do Porto e polvilhando de canela. Deite sobre elas uma boa porção de leite creme ou montinhos de claras em neve, batidas com açúcar e sobre estas as gemas em ovos moles. Polvilhe com canela e meta rapidamente no forno bem quente, apenas para alourar os ovos moles. (Em vez do vinho, poderá regar com sumo de qualquer fruto).

Presunto e agriões

Faça umas cornucópias com as fatias de presunto. Deite-lhes dentro um pouco de maionese e na boca de cada uma coloque um molho de agriões bem lavados e enxutos. Ponha num prato com os vértices das cornucópias para o cen-

tro do prato e sobre uma camada de salada verde.



Croquetes

Devem ser bem temperados, pequenos, e bem tostados, preparando um molho branco espesso. Enquanto quente, misture a carne ou peixe que quiser; sal, pimenta, um pouco de molho inglês, e uma ge-



ma. Deixe arrefecer, e faça os croquetes não empregando mais que uma colher de chá de massa. Passe em farinha, em clara de ovo e pão ralado. Frite numa frigideira alta com bastante óleo. Escorra bem.



mais vale bem

acompanhado
do que só

para um bom café

a bem boa
companhia

da

AGUARDENTE

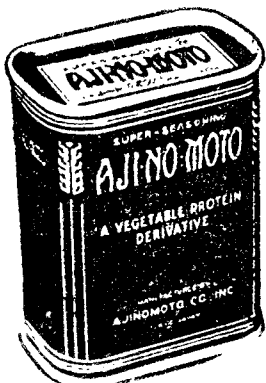
VELHÍSSIMA



bebe

e torna a beber

NOVA EMBALAGEM!



POR 20\$00
VAI ENCHER
4 VEZES
(QUATRO)
O SEU FRASCO
DE



AJI-NO-MOTO

TÃO NECESSARIO COMO O SAL NA COMIDA



Correias sem-fim:

TRAPEZOIDAIS e COMPASS

GOOD YEAR

CORREIAS — MANGUEIRAS — COLAS

Distribuidores exclusivos:

CANELAS & FIGUEIREDO, LDA.

RUA DOS FANQUEIROS, 46 — LISBOA

POSTAL



Se se vocês já repararam de Albarracim, em Espanha, como vem nos compêndios de geografia. Podem dizer que é um panorama dos mais belos do Mundo como se diz nos folhetos de propaganda. Até podem chamar-lhe pajem, ajoelhado aos pés de Lisboa, como se diz nas letras de todos os fados que

tratam do assunto. Podem dizer o que quiserem.

Para mim, o Tejo é o brinquedo da cidade.

Não são apenas as crianças que necessitam de brincar. Os adultos muito mais do que elas. Não me desmintam, não vale a pena. Até sempre, até á morte. A morte mesmo, é uma brincadeira de mau gosto.

Porque é que nós, os adultos, abominamos o escritório, a banca, o trabalho a que nos sujeitam? Porque o fazemos muito a sério,

das ruelas, no janelo do saguão o pronto. Lá estava a calma azul, a vela sem temores, a luz batendo as teclas das ondas. E acabava-se a Avenida, e amaciava-se a ruela, e morria o saguão.

Viva o rio Tejo, brinquedo da cidade!

Repararam, não foi, como naquele parágrafo passei o verbo do presente para o passado. Isso era antigamente. Agora entre as avenidas e o Tejo há massas imponentes de cimento armado. E' o Grémio do Bacalhau, é a Feira das Industrias,

ILUSTRADO

porque se trata de um assunto sério. Por estarmos fechados, uma data de horas seguidas? Sem vermos Sol nem Lua? Tretas. As mesmas horas, ou até um bocadinho mais, somos nós capazes de estar fechados num barracão a jogar o pinguê-pongue e muito satisfeitos da vida.

Pois o Tejo é brinquedo da cidade, que também precisa.

Quando a cidade está farta de avenidas e manigancias, de mentiras e de excitação, trepa uma qualquer das sete colinas e põe-se a brincar aos sonhos com o rio Tejo.

E nem era preciso trepar ao mirante não senhor. Em plena Avenida 24 de Julho, no chão íngreme

são os armazéns... e vamos ficando emparedados, cada vez mais longe do rio, cada vez mais órfãos. A cidade perde o que tinha de mais precioso: o seu eixo-ribaldeixo. Arrancando á menina pobre a boneca de embalar, que há-de ela fazer aos braços, não me dirão? E haverá algum nome para esse crime, não me dirão também?

Senhores, não tornem a cidade infeliz.

Deixem-na brincar.

manuelagra

«O OBELISCO PRETO»

extraordinário romance de

ERICH MARIA REMARQUE

Edições de
LIVROS DO BRASIL

leia

(não pode deixar de ler)

«A VIDA QUOTIDIANA EM ROMA NO APOGEU DO IMPÉRIO»

por JEROME CARCOPINO

—O novo técnico da secção 3 — voltando-se para mim. Mister Rowe ajudá-lo-á a preparar-se para o substituir.

O inglês chupou duas vezes o cachimbo e fitou-me de uma forma em que pretendia insinuar a sua superioridade. A seguir despediu-se. Fiquei só de novo. Outra vez o uivar dos lobos. Levantei-me e fui á janela rova-mente, expiar a noite. Tudo negro á minha frente. Acendi um cigarro sô-fregamente. Sentia-me cansado, precisava de dormir. Deitei-me. Frio, um frio horrível, um vazio enorme. Ali estavam á minha frente os olhos brilhantes e doces de Janette. Fez-me então falta, uma falta irreparável o seu corpo ardente. E a sua boca, e os seus cabelos negros e brilhantes.



e os seus braços que me apertavam até me faltar a respiração, e as suas mãos pequeninas, e o seu riso aberto e comunicativo.

Voltar? Mas voltar para quê?

O vento começou a açoitá-las folhas das árvores e arrastava contra os vidros da janela farrapos de neve. Os lobos tinham debandado. Longe em longe um uivo que a distancia transformara numa queixume impotente.

Os lobos... Os olhos luminosos da Janette... Os «Trommers»... o ar repressivo do meu pai... O fantasma branco e aliciante da neve... Os pés dourados... Mister Rowe... Os montes cargas...

Mordi a almofada e caí de borco a soluçar.



MANUEL DO NASCIMENTO



CRÓNICA DE LONDRES

Perspectivas eleitorais

Por LUÍS DE SOUSA REBELO

(Continuação da 1.ª página)

com Aneurin Bevan, e que ficou oficialmente saldado na Conferência de Scarborough, de 58, realizada numa atmosfera morna e sem entusiasmos.

Desse a sua origem que o Partido Trabalhista conheceu esta ambivalência ou dualidade de correntes entre a ala radical e a ala moderada. As próprias condições do seu aparecimento explicam as suas contradições internas. Até 1899 as massas laboriosas eram representadas no Parlamento pelos Liberais, e foi só no Congresso Geral dos Sindicatos desse ano que, por uma pequena maioria, se decidiu a criação de um partido novo. Os laboristas englobaram na sua organização os vários agrupamentos socialistas então existentes — os «Fabianos», o «Partido Trabalhista Independente» e a «Federação Social-Democrática».

De início a sua acção visava a garantir uma representação parlamentar às massas laboriosas, e só posteriormente passou a opor-se à política dos Conservadores e dos Liberais. Com efeito a sua primeira vitória eleitoral foi possível devido a um «gentlemen's agreement», a um acordo entre cavalheiros, planeado e executado em segredo entre Ramsay MacDonald e o grande chefe liberal Gladstone. Concluído em 1903, deu os seus frutos em 1906, enviando ao Parlamento um total de 29 deputados trabalhistas. Deste número apenas 5 lugares foram ganhos em luta aberta com os Liberais e os Conservadores, pois nos restantes 24 — como fora estabelecido — os candidatos liberais renunciaram a favor dos Trabalhistas.

Deste modo as fileiras laboristas começaram a sua actividade parlamentar com uma ala moderadora que conheceu duras vicissitudes.

Nos anos de Vinte desenrolou-se a campanha de Cook contra Maxton, a que se sucedeu nos anos de Trinta a cisão da «Liga Trabalhista Independente» e a criação de «Liga Socialista» de sir Stafford Cripps, destinada a remodelar a estrutura do partido.

Todas estas rebeliões acabaram por ser dominadas, e, quando, nos nossos dias, o horizonte parecia mais sereno, surgiu o movimento Bevanista, que veio a capitular finalmente em Scarborough. O partido pode apresentar-se, assim, ao eleitorado com uma frente unida, embora se deva manter vigilante, pois já um outro «rebeldes», Stephen Swinger, procura reunir as forças tresmalhadas do Bevanismo sob a bandeira de um novo agrupamento — «Vitória pelo Socialismo» — que promete suscitar no futuro momentos embaraçosos dentro do próprio partido.

Gaitskell procura conquistar o voto de um eleitorado que tem fruído de uma relativa prosperidade. Apesar dos impostos que oneram os vencimentos da classe média, da alta do custo de vida e da nova lei do inquilinato, que permitiu o aumento das rendas, tem sido possível manter uma certa mediania. Porém, uma grossa parte dos ordenados é consumida pelo sistema de compras a prestações com que se vai mobilando a pouco e pouco a casa, ou completando, ou renovando os trastes. Isto é compensado em certa medida pela organização da assistência pública, que dispensa de pagamento de cuidados médicos. Mas não resta dúvida de que o orçamento doméstico anda um tanto apertado.

Muito mais séria é a situação da classe industrial, onde o desemprego, que já vai além de meio milhão, ameaça alastrar, sobretudo depois da necessidade em que o Governo se vê de mandar encerrar

70 minas de carvão e de reduzir noutras o seu índice de produtividade, pois se encontra a braços com um excedente de minério. O Governo considera, no entanto, que estes sintomas de «recessão» são temporários e que não levarão a um «slump», a uma crise económica como a que a Inglaterra sofreu em 1929.

Ora é a base destes dados de conhecimento geral que os Trabalhistas esperam alcançar a vitória nas urnas com a difusão do seu programa.

Propõem-se apresentar uma nova lei de inquilinato e modernizar a habitação. Citam algumas estatísticas para provar a urgência desta reforma: 7 milhões de inquilinos ainda não têm casa de banho e mais de 3 milhões não possuem condições sanitárias apropriadas.

No campo da assistência comprometem-se, entre outras medidas, a construir mais hospitais, frisando, incidentalmente, que nos últimos sete anos só se construiu um novo hospital. Insiste-se depois muito no futuro que um Governo trabalhista oferece à juventude, um futuro livre do snobismo da educação que só se obtém em certas escolas, que abrem automaticamente a porta às mais altas magistraturas.

Quanto aos riscos de uma «recessão», os laboristas pretendem esconjurá-la, reforçando o auxílio do Estado às empresas particulares e abandonando por completo a nacionalização dos grandes aglomerados industriais. Alterações no orçamento de Estado de modo a reduzir o imposto lançado sobre o capital das grandes empresas, constituirão, por outro lado, um meio de estimular um investimento em mais larga escala.

Tais são as promessas que o Trabalhismo britânico põe perante o eleitorado e que não deixaram de provocar já os seus comentários.

Em primeiro lugar, a reforma do sistema educativo não é de facto uma reforma, mas uma correcção do já feito, não afectando de modo algum a essência do sistema. Invocando motivos de ordem tradicionalista, os laboristas recusaram-se a tocar em Eton e Harrow, escolas secundárias donde saem quase sempre os ministros do reino pelo caminho de Cambridge ou Oxford e em cujos bancos se sentaram Eden e Churchill.

Em segundo lugar, as medidas previstas para fazer frente à «recessão» económica não têm qualquer carácter de novidade e assemelham-se muito às que são frequentemente ventiladas na Imprensa do Governo. Além disso elas são todas concebidas, partindo do princípio que a «recessão» será um fenómeno limitado e fácil de circunscrever — optimismo que não é partilhado por todos os economistas.

Finalmente o plano de reforma dos «pensionistas do Estado», que abrange uma população de cerca de 4 milhões e meio de indivíduos, pouco difere do plano anunciado pelos Conservadores. Os laboristas são ásperamente criticados por concederem a um homem casado, cuja esposa está inteiramente a seu cargo, o mesmo aumento de 160\$00 mensais, que se atribui a um indivíduo solteiro.

O programa foi recebido, portanto, com desinteresse, apesar do luxo e do verniz da capa do folheto de propaganda e das fanfarras de publicidade com que foi lançado na Televisão, enquanto, num ambiente de família, os principais líderes trabalhistas sorriam e exprimiam a sua confiança na vitória.

O sr. Gaitskell, saudado pelo «Observer», porta-voz dos Conservadores liberais, como um homem «sensato, moderado e inteligente» — qualidades estas que resplande-

cem no actual programa era ao mesmo tempo levemente censurado por ter abandonado o «espírito de idealismo e aventura» necessário para se ganhar uma eleição.

A verdade é que o sr. Gaitskell procura captar o voto das classes médias e de um eleitorado desgostoso e irritado com o Governo e que geralmente dá o seu apoio aos Conservadores. A sua atitude cautelosa no Parlamento, a que se tem atribuído falta de audácia, ao evitar a aprovação de certas medidas, que poderiam causar impopularidade, assim como as suas desculpas pelas observações de Mrs. Bárbara Castle, condenando o comportamento das forças inglesas no Chipre, são ainda, na opinião do «Observer», exemplos evidentes desta serenidade parlamentar, bastante inquietada com o eventual resultado das urnas.

Contudo a apatia do eleitorado persiste, como se verificou na recente eleição para deputados em Shoreditch e Finsbury. A diferença entre o programa dos Trabalhistas e a política governamental não está suficientemente marcada aos olhos do público. Algumas das medidas preconizadas pelos laboristas já estão até a ser utilizadas pelo próprio Governo. Uma posição mais conciliadora na política externa advogada pelos laboristas parece não ter qualquer efeito visível no eleitorado, que se surpreende com o imobilismo parlamentar do sr. Gaitskell.

De sorte que os Conservadores que olhavam a sua volta com apreensão, quando da crise de Suez, estão hoje muito mais confiantes da vitória, aguardando o momento em que possam apresentar ao país o seu próprio programa.

Ao primeiro ministro MacMillan e a lorde Hailsham não faltam recursos de imaginação e dotes políticos para responder à ofensiva do sr. Gaitskell.

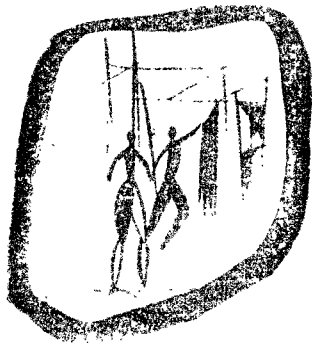
As próximas eleições gerais vão ser como uma corrida de cavalos a ver quem salta mais obstáculos e chega primeiro, fazendo-se apostas, estudando-se possibilidades, conferindo-se vaticínios passados e resultados recentes. Mas há o sentimento de que o cavalo que ganhar terá a taça do torneio por a «neck», ou seja, em linguagem de gente, por uma pequena margem de votos.

Dezembro, 58.

LUÍS DE SOUSA REBELO

90

HISTÓRIAS DE MINEIROS



CUSPI sangue esta noite. Dezassete quilómetros pisando neve para chegar até aqui, para chegar a este monte que vomita fumo como se fosse um vulcão. Vejo através da vidraça uma das chaminés cuspidoras dos negros onde em onde riscados por faíscas vermelhas. Ouvi há pouco um uivo sinistro. Arripiei-me.

— Os lobos andam perto — disse o director da mina.

Firmei mais os olhos. As luzes baças dos casarões das oficinas tremiam á minha frente. Pensei em Janette, pensei naqueles olhos luminosos que deixei de ver mal o comboio entrou no tunel. Depois vi os volantes da central eléctrica, vi os braços dos classificados, os fornos de secagem, vi tudo o que me mostraram á chegada. Os olhos da Janette apareceram lá ao fundo.

O director saiu da sala. Fiquei só. Só com a minha angustia, só comigo próprio. Os lobos voltaram a uivar. Abri a janela. Queria ouvir melhor, queria mais perto aquele grito feroz como se eu próprio fosse um lobo também, mas um lobo acossado. As botas cardadas... Doiam-me os pés. A neve caía em flocos nas agulhas dum pinheiro próximo. «Bonita árvore de Natal», murmurei como se eu golfasse ironia. Nunca tinha visto neve. Nasci no Sul. Sou um meridional ardente e áspero ao mesmo tempo aqui estou atordado a pensar no meu primeiro dia de trabalho, que há-de ser amanhã. «As nossas instalações» foi assim que disseram. A este «nossas» instalações compreendi máquinas, homens e tudo. Amanhã outro técnico virá e eu então serei uma peça desta engrenagem de forçados.

Caras estranhas as destes homens. Assisti há bocado á largada do turno da noite. Procissão de fantasmas a destes homens. E não faltam as velas. A luz dos gasómetros, lambida pelo vento torna fugidias as sombras, derrama-se no negrume da noite ora num lado, ora no outro.

Sem que saiba porquê, estes golpes de luz lembravam-me o som seco das bofetadas.

Fez-me bem o ar cortante da noite. Gelaram-me as mãos.

Fechei a janela e fui aquecer-me. Sentado, em frente das achas de

MANUEL DO NASCIMENTO

91

lenha que ardiam no fogão, voltei-me para as recordações. Era a primeira vez que sentia saudades da casa. Vi a Janette sentada junto de minha mãe a ler os seus predilectos clássicos e perguntei a mim próprio a razão porque a abandonei depois de um ano em que só se previa uma vida feliz. Queria vir para a mina comigo; convenci-a de que não era vida para uma mulher como ela. Sim, levaria os dias a dar ais, cavar-se-lhe-iam umas olheiras fundas de «Spleen». Quanto a mim precisava de uma vida dura e os braços da Janette e o seu corpo moreno, amortecer-me-iam. Depois



surgiriam as recriminações. Foi por isto tudo que á partida nem sequer a bejei.

Estive algum tempo a olhar as brasas e senti a presença de todos lá de casa. Vi os olhos de meu pai repreensivos, melhor, acusadores. «Que não contasse com ele. Que deixasse a vida de boémio. Que já estava em idade de me atirar ao trabalho».

O director voltou mas vinha acompanhado por um homem gordo. Vieram sentar-se junto de mim.

— Mister Rowe — informou.

Levantei-me, disse o meu nome e murmurei um «muito prazer» sumido e deslavado.

EXIBIÇÃO

Teatro + cinema + rádio + televisão



O veterano Maurice Chevalier, tal como o «Diário de Lisboa» ontem noticiou, não voltará a cantar em França, segundo afirmou ao regressar dos Estados Unidos, para onde pensa voltar, a fim de interpretar, em Hollywood, figuras de «papá» e de «tio». Esta fotografia foi obtida no momento em que Maurice chegava a Orly, num avião da «Air France». Pouco depois revelava aos jornalistas as suas intenções.

Criou-se há dez anos o Teatro Universitário do Porto

O Teatro Universitário do Porto existe há dez anos. Nasceu da boa vontade de meia dúzia de estudantes e do impulso que lhe deu o prof. dr. Hernani Monteiro, que durante os primeiros anos desempenhou as funções de director artístico do agrupamento.

Actualmente, o T. U. P. é constituído por mais de sete dezenas de rapazes e raparigas, na sua maior

ria alunos da Faculdade de Medicina daquela cidade. Dirigidos pelo dr. Correia Alves, estes devotos amadores teatrais têm desenvolvido uma actividade notável, que o público nortenho de há muito se habituou a respeitar e acarinhá-lo.

Para bem avaliar essa magnífica acção em prol do teatro, basta conhecer as peças que fazem parte do repertório do T. U. P., entre as quais figuram «Merope», «Noivado de Dafundo», «Noite de Reis», «Nem tudo lembra», «O milagre da mulher feia» e, ainda, os autos de Gil Vicente, «Mofina Mendes» e «Todo o Mundo e Ninguém» e o «Monólogo do Vaqueiro».

Há cerca de três anos, o T. U. P. deu uma feição nova à sua actividade. E, assim, pôs em cena «Feliz Viagem», de Wilder, «Cavalcada para o mar», de Synge (a primeira peça de teatro irlandês apresentada em Portugal) e «O meu coração vive nas terras altas». Ainda dentro da nova linha de conduta, o T. U. P. apresentou «Variações sobre o mesmo tema», da autoria do ensaiador do agrupamento, dr. Correia Alves, que no ano passado se deslocou aos Estados Unidos, a convite do Governo daquele país, para frequentar um curso especial de teatro. A peça «Variações sobre o mesmo tema», rotulada como exercício teatral, mereceu um prémio dos Jogos Florais da Universidade do Porto.

Entre os vários convites que o Teatro Universitário do Porto já recebeu, para se apresentar no estrangeiro, contam-se os que lhe foram feitos por promotores de certames teatrais de várias cidades da Alemanha, de Istambul e de São Paulo. O T. U. P. foi ainda convidado a actuar em Angola mas, até hoje, as suas digressões não foram além da zona Norte do País. Sequer houve, ainda, oportunidade para vir até Lisboa, o que, por certo, muito agradaria aos numerosos apreciadores do bom teatro da capital.

REVISTA DE CINEMA

■ Claire Bloom, Mary Ure, Dame Edith Evans e Gary Raymond fazem parte do elenco de «Look Back in Anger», o novo filme com Richard Burton no protagonista. Chris Barber, famoso trompetista, e o seu conjunto foram contratados para a mesma produção.

■ A famosa e bela Estelita Rodrigues, estrela cubana, terminou o seu papel em «Rio Bravo» e de tal maneira a sua interpretação convenceu os produtores que vai aparecer num dos próximos programas de «Maverick», na televisão americana. «Rio Bravo» é um filme com John Wayne, Dean Martin e o popular cantor Ricky Nelson.

■ Paul Picerni, que é um dos raros actores de Hollywood que se vangloria de ter oito filhos (quatro meninos e quatro meninas), foi seleccionado para filmar «The Philadelphian», ao lado de Barbara Rush e de Paul Newman, sob a direcção de Vincent Sherman. Picerni conta 31 anos de idade.

■ Na filmagem de «The FBI Story» vão ser usados 168 cenários, concluindo um a imitar, com grande realismo, as florestas sul-americanas, por onde James Stewart foge, perseguido por alguns inimigos. Vera Miles é, no filme, a esposa de James Stewart.

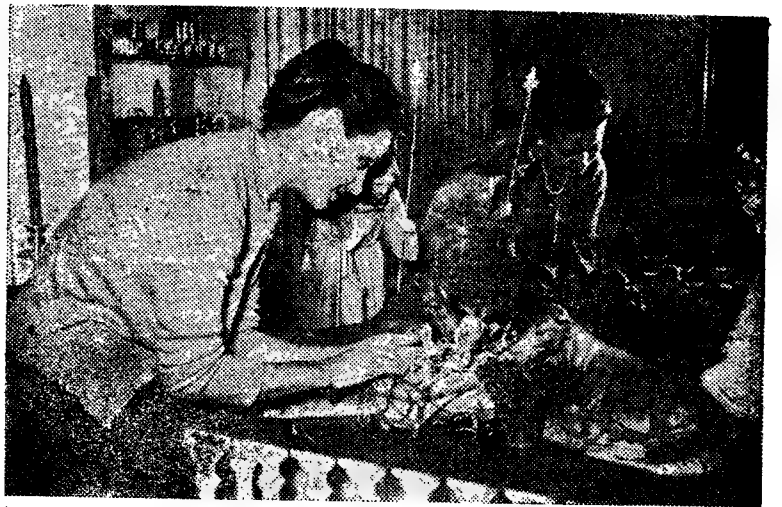
■ No vale de S. Fernando foram, há dias, filmadas algumas cenas da batalha de Waterloo, que Irving Rapper dirige para o filme «O Milagre». Carroll Baker, Walter Slezacek, Katine Paxinou e Vittorio Gassman desempenham os principais papéis.

■ Voltou aos estudos o actor Paul Henreid, mas desta vez na qualidade de realizador. Paul Henreid vai dirigir um episódio de «Sugarfoot», com Will Hutchins, para a Televisão.

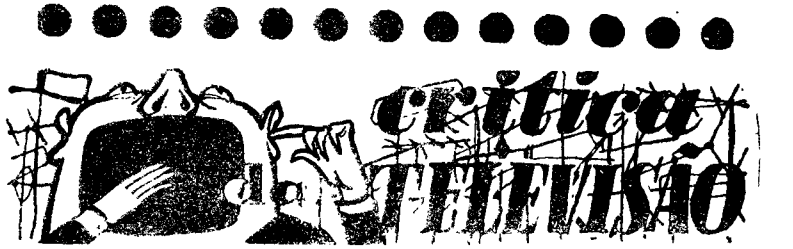
■ Carrol Baker canta, em latim, «Ave Regina Coelorum», numa imponente sequência da superprodução «O Milagre».

■ Durante um ano, Audrey Hepburn viajou cerca de 15.000 milhas, para filmar «A História de uma Freira», sob a direcção de Fred Zinnemann.

■ «Fanny», a famosa trilogia de Marcel Pagnol, entrou na fase de preparação, nos estúdios de Burbank. A versão musical vai ser adaptada à tela, estando a realização confiada a Joshua Logan.



As vedetas do cinema também tiveram a sua festa de Natal. Assim a demonstra a formosa Carmen Sevilla — que Lisboa já viu em pessoa — aparecendo nesta foto junto do presépio que ela própria armou na sua residência de Madrid, onde regressou há dias, depois de assistir, em Itália, à estreia do seu último filme, a comédia «Pão, amor e... Andaluzia».



- * Linguagens
- * Caos
- * Assistentes de realizadores



E porque a R. T. P. não fala ainda a linguagem específica da televisão, não sabe distinguir os que a podem utilizar dos que lhe não resistem. A televisão não admite o mediocre, dado que, pela sua nitidez e intensidade, os transforma em maus. Há personalidades imprestáveis para a televisão, porque são moles, lassas, brandas. Ser-se tão melancólico e ténue como esse comentador desportivo, tão viciado pelo clima da Rádio, como esse bom locutor, tão retórico e tateante, como esse entrevistador literário, é impróprio, inadequado e negativo. A R. T. P. tem poucas figuras interessantes, capazes de quebrar o discurso e convertê-lo em diálogo ou conversa, de se libertarem da sua escala liliputiana e ganharem vida, intensidade humana. Um deles é, sem dúvida, o padre Raul Machado, outro, Jorge Alves. E são-no porque o entendem e não porque lho exijam ou mesmo aconselhem. De uma maneira geral, a humanidade da R. T. P. é enfática, este-reotipada e monótona. A tonalidade predominante é a teatral. Mas o gesto largo e a palavra sublinhada que se admitem no palco amplo, dentro de uma atmosfera própria, são desastrosos no rectângulo do televisor. Esta solenidade grandiloquente é consequência de dois factores — a ignorância escondida e não-admitida do que seja televisão e um estreito provincialismo.

«Nós, as mulheres» é um programa de equilibrada estrutura. Uma jovem amável, a falar correctamente o português, sugere algumas ideias aceitáveis, engenhosas e concordantes com o bom gosto. EXITO

Por aglomeração de original, nesta quadra festiva, não publicamos as habituais páginas «Exito», na terça-feira passada, o que fazemos hoje, para não privar os nossos leitores da sua leitura semanal. O próximo «Exito» também não será publicado na terça-feira, mas sim no dia seguinte, no nosso número de Ano Novo.

Uma breve passagem de modelos, esquematizada sobre um fio de intriga. Uma conversa com as ouvintes. As ideias não são geniais (nem tanto é necessário), os modelos não são famosos (têm uma feição discreta, disciplinada, familiar), a conversa é fútil, desarticulada e inútil (é a parte mais frouxa). Mas o programa é tecnicamente um pequeno caos. Vimos o último — ideias para o Natal, a máquina de escrever e a radiografia, o lugar comum palestrado — e parecemos uma breve antologia de desastres que podem acontecer num estúdio de televisão. Sons invadindo o «plateau», sussurros, sombras de «girafas», estranhos a passear ao fundo, camaras aguardando «em vazio» figuras que não chegam, adereços que não funcionam e que são insuficientes, personalidades mal ensaiadas e marcadas.

Foram várias as provas do concurso para assistentes de realizadores. Havia juri, prazos, classificações, carimbo, papel timbrado, convocações. A engrenagem estava montada com gravidade e um punhado de gente da 3.ª geração (para usar a expressão baziniana de José-Augusto França) prestou as provas. A R. T. P. queria vivificar-se e ampliar-se. Mas a engrenagem foi inútil. O concurso não teve consequências. Os classificados não tiveram mais notícias. A R. T. P. penetrou no silêncio. Não se vivificou nem se ampliou. A 3.ª geração foi incomodada inutilmente. A máquina burocrática moveu-se para nada. — A. P. F.

Skibine

substitui

Lifar

A Ópera de Paris, conforme já aqui noticiámos, foi abalada por um sério escândalo a propósito da apresentação do bailado «Atlantida».

Skibine substituiu Lifar no seu posto de coreógrafo, e Claude Bény tomou o lugar de Ludmila Tchérina à frente do cartaz.

Depois Georges Skibine fartou-se das intrigas da ópera, e assinou um contrato no qual juntamente com sua mulher, Marjorie Tallchief, se colocava à frente do Ruth Page Ballet, de Chicago.

Mas as coisas em Paris mudaram.

(Continua na página seguinte)

«Estrelas de Cristal»

Mylène Demongeot, Pierre Brasseur, Jules Dassin e o suco Ave Gronberg receberam as Estrelas de Cristal da Academia de Cinema Francesa. Marilyn Monroe (atingida por um drama) e Sidney Lumet não estavam presentes.



O grande cartaz do Natal é sem dúvida o dos cinemas São Luiz e Alvalade que apresentam o «Novo Festival de Tom & Jerry», completamente diferente do primeiro, estreado na Páscoa. Doze desenhos animados da série famosa, onde se contam os melhores dos últimos anos, constituem este atraente programa, que vai entusiasmar o público de todas as idades.



Não!



Não!!



solução

Skibine

substitui

Lifar

(Continuação da página anterior)

e Skibine foi convidado para o lugar de coreógrafo principal substituindo Lifar. O contrato com Ruth Page transformou-se numa breve «tournée» transcontinental pelo novo Mundo e o par Skibine vai ocupar as primeiras fileiras da ópera.

A presente solução deve vir resolver definitivamente o estado de crise em que vive o primeiro teatro de Paris, desde que Georges Hirsch ocupou o posto de director do teatro. Primeiro houve uma luta surda com Lifar, depois chegou-se a uma greve do corpo de baile e, finalmente, temos o caso da «Atlantida», a demissão de Lifar e a nomeação de Skibine.

A alta cravaria artística e a honestidade de Skibine, tomadas agora como símbolo da própria ópera de Paris, dão-nos boas razões para esperar uma excelente quebra na monótona rotina daquele teatro.

Grace Kelly

vai regressar
ao cinema

A princesa Grace vai reaparecer na tela. Uma equipa de cineastas ingleses filmou, no mais completo segredo, durante os últimos meses, uma longa metragem sobre Mônaco. Na película, que tem uma história ténue, surge Grace Kelly, Rainier e a princesa Carolina, discretamente focados, como convém à sua condição principesca. Outro herói do filme é Frank Sinatra, esse melancólico cantor-actor que vai consolidando o prestígio.

ganhou este ano

dois milhões de dólares

Apesar de se encontrar a cumprir o serviço militar, Elvis Presley ganhou este ano dois milhões de dólares — segundo anunciou o empresário Tom Parker, o qual salientou que a ausência de Presley quase não se reflectiu no total das receitas recebidas, as quais se devem aos direitos sobre gravações e filmes.



Natural de Sevilha, a bela Carmen Triana é uma das mais extraordinárias bailarinas espanholas que, presentemente actuam em Lisboa. Bela e azougada, os seus encantos físicos e dotes artísticos granjeiam-lhe a simpatia do público

O cinema
em luta com a TV
perde terreno

A indústria cinematográfica norte-americana produziu, este ano, menos 99 películas que em 1957, ano em que a produção se cifrou em 293 filmes. Desde que há cinema sonoro, nunca a produção fora tão baixa.

O único estudo que, este ano, não produziu menos películas que no ano passado, foi a M. G. M. Os produtores independentes baixaram de 131 filmes, em 1957, para 76, este ano. Os actores exigentes e os altos preços do material levaram o cinema norte-americano a uma das piores situações da sua história.

Nos velhos tempos, a Columbia, a Metro, a Paramount, a R. K. O. (agora desaparecida), a Universal-International, a 20th Century Fox e a Warner Brothers faziam, cada uma, 50 a 60 filmes. Mas esses tempos passaram, parece que para sempre. A Universal filmou apenas 7 películas, este ano, enquanto que no ano transacto fizera 27.

Contudo, os estudos da Televisão cobriram o descalabro. Os estudos trabalham agora para a TV, e os técnicos e artistas foram recebidos, de braços abertos, pelo «maior inimigo» do Cinema.

Ressurreição de uma época:

— Offenbach e Labiche

por HENRY CHAPIER (correspondente do
«Diário de Lisboa», em Paris)

Duas criações fizeram renascer no palco o século passado: «La poudre aux yeux» e «Les trente millions de Gladios», de Labiche, encenação de Jean Mayer. Basta atravessar a Rua de Montpensier para encontrar, não muito longe da Comédie Richelieu, o outro palco onde vive o génio de J. L. Barrault: «La vie parisienne», de Offenbach, que se representa com lotações esgotadas, no teatro do Palais Royal.

Pode dizer-se que esta vizinhança topográfica ilustra simbolicamente e de modo interessante, uma outra: a proximidade de atmosfera entre os dois espectáculos. E' a mesma ternura por uma época passada, e os actores fizeram-na reviver com tudo o que ela implica para nós, espectadores de 1958, de encontro desacostumado.

A «soirée» de Labiche começa com «La poudre aux yeux», variações sobre o tema da vaidade, para uso dos burgueses. Um jovem quer desposar aquela que ama.

São duas famílias nobres, que se tornaram quase modestas: a sua

posição no mundo mundano não é brilhante. Vão, no entanto, entregar-se a um exibicionismo que a sua situação de maneira nenhuma permite, até ao momento em que rebenta com estrondo e os dois jovens apaixonados acabam por se casar o mais simplesmente possível.

A pena acre de Labiche nada perdeu da sua elegância, nem da sua força, e quando se sabe que Berthe Bouy, Henry Rolan e Georges Charariat são os intérpretes, o êxito do espectáculo nada tem de surpreendente.

Quanto ao «vaudeville» do ultimo século, Jean Mayer, mostrou que sabia adaptar-se. Encenou «Les trente millions de Gladios» com uma exuberância de cores (belos cenários e figurinos de Dignimont), e de audaciosos achados que fazem pensar num bailado modernista dos anos trinta, como «La piège de lumière». O personagem loutado de Robert Hirsch, aliás como toda a sua figura, faz pensar as piruetas de um bailarino. Mesmo no palco do Théâtre Français ninguém dá

passos em falso, e Jacques Charon, Marie Sabouret e Robert Manuel conduzem o espectáculo num ritmo demoníaco.

E' outro o delírio que anima o grupo de J. L. Barrault. Os actores cantam, representam e dançam, tirando melhor partido do libreto de Meilhac e Halévy, que nada oferece de uma continuidade linear, como a que exige uma peça. Paris recebeu sempre com entusiasmo esta evocação do século de Offenbach por Madeleine Renaud, Pierre Bertin, Denise Benoît e Jean Desailly, pela primeira vez entregues a essa iniciativa que J. L. Barrault chama «o teatro total», e visa o comediante.



Delmer Daves foi contratado para dirigir a versão cinematográfica da novela de Sloan Wilson, «A Summer Place».

«A Costureirinha da Sé»

Está para breve a estreia de «A nha da Sé». Além de Maria de Fátima Bravo, que desta vez, naturalmente, já não aparecerá como «revelação de Rádio e da TV», fazem parte do quadro de intérpretes Jacinto Ramos, Baptista Fernandes, Alina Vaz, Costinha, Luísa Durão, Maria Olgum, Emílio Correia, Alma Flora, Alvaro Pereira, Carlos José Teixeira, Alda Rodrigues e José Silva.

As filmagens decorreram, na sua quase totalidade, em plena cidade do Porto, aproveitando tanto quanto possível o cenário natural. Perdigão Queiroga, destre e experiente, «passeou» a camara pelas ingremes ladeiras e estreitas vielas do típico bairro portuense, onde a acção se localiza, segundo a peça teatral que, adaptada, serviu de argumento a esta nova produção nacional. Nesse trabalho ajudaram-no Fernando Cerdeira e António Silva, assim como Manuel Guimarães foi ajudado por Manuel Azevedo, Almeida Santos e Dórdio Guimarães, que no genérico do filme aparecerão como assistentes de realizador. O chefe de produção foi Alfredo Caldeira, e o assistente-geral Santos Neves. De uma tão completa e numerosa equipa, justo é esperar obra de mérito. Ou não será assim?

Na parte artística é, também, longa a lista de actrizes e actores que participam em «A costureiri-

Oxalá o filme corresponda aos desejos de quem o produziu e aos desejos do público.

Achard mantém-se

Depois do êxito de «Patates», Paris aguardava com alvoroço «Bagatelles» do velho Marcel Achard, que triunfou plenamente. Danielle Delorme, Pierre Mondy e Yves Robert triunfaram nos seus papéis de um humor suculento. Arthur Rubinstein no final, foi dizer a Achard:

«Diverti-me tanto que esqueci que a peça era de um amigo».

A ESQUERDA, EM CIMA: Duas jovens vedetas do cinema nacional — Alda Rodrigues e Alina Vaz, intérpretes de «A costureirinha da Sé». A ESQUERDA, EM BAIXO: Manuel Guimarães dirige uma cena do filme, com Luísa Durão e Costinha. EM BAIXO: Jacinto Ramos, Emílio Correia, Maria Olgum, Baptista Fernandes e Maria de Fátima Bravo numa das principais cenas da película



Dual



GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA



Anedotas e episódios da vida de pessoas célebres

LXXII — João de Deus

O imortal autor da «Cartilha Maternal» ergueu a sua geração numa apoteose de amor. Quando, em 1830, nasceu no Algarve o futuro autor do «Campo de Flores», as antologias portuguesas iam receber novas e inspiradas obras poéticas.

Para as crianças havia de criar um método. Para os adultos arranjaria a sua lira cristalina versos de beleza e espontaneidade.

* * *

A rainha D. Amélia dominava já, então, o idioma português e lia-o. O seu entusiasmo foi tão grande que várias vezes dizia aos seus intimos:

— João de Deus foi o grande jardineiro do meu coração.

* * *

Em Coimbra, onde com dificuldade se fez bacharel, Sanches da Gama, seu companheiro, dizia a propósito da bondade do poeta:

— O João nunca diz que não, seja a quem for. Se alguém lhe aperecer a pedir o Sol para o meio-dia, João de Deus, sem ironia, responde bondosamente: «Para o meio-dia é um bocadinho apertado, mas por volta

das duas da tarde, talvez eu lhe possa arranjar o Sol».

* * *

João de Deus levou dez anos a doutorar-se. Dizia ele:

— Tantos quantos durou o cerco de Troia.

* * *

Quando apareceu em Coimbra, não levava examens nenhum. Passado um mês, fez seu exame de instrução primária. Depois, de uma accantada, fez os preparatórios e em Outubro entra para a Universidade e faz com brilho o primeiro ano de Direito. A seguir, volta para o seu Algarve, sem tenção de regressar a Coimbra. Inteligência não lhe faltava, mas os livros, os lentes, os actos aborreciam profundamente o grande lirico.

Por instancias do pai, voltou para a Universidade. Faz o segundo e o terceiro anos, mas o quarto perdeu-o por faltas.

Uma tarde, João de Deus, de olhos no chão, passava em Santo António dos Olivais. Encontrou o sobrinho de um lente que lhe perguntou:

— Que andas tu aqui a fazer, João? Perdeste alguma coisa?

— Perdi o ano, respondeu. Ando a ver se o encontro.

* * *

Um lente da Universidade, bastante palavroso, gastou um dia numa aula a provar a existência de Deus.

Então, o poeta fez-lhe esta quadra:

Ora a provar que há Deus, Nuno, isso é teima. Pois há alguma ovelha no rebanho que não saiba que só a mão suprema Criava um animal desse tamanho?

* * *

João de Deus gostava de desenhar. Um seu colega pediu-lhe um desenho num album. E o poeta fez o esboço de um Cristo.

O colega elogiou-lhe o trabalho, pediu que acabasse o esboço e retirou-se.

Quando saiu a porta da rua, João de Deus chamou-o da janela, dizendo:

— Anda cá, Sanches, já está pronto.

— Pronto o quê?

— O desenho, então que ha-de ser?

O colega pasmou da rapidez da execução, mas tornou a subir a escada e ficou atônito quando percebeu que o amigo apagara com uma borracha, o esboço que tinha feito, deixando o papel em branco.

— Mas, então, onde está o Cristo? — Ressuscitou!

* * *

Para terminar, um episódio em que João de Deus só interveio no retrato.

No camarim do velho Ginásio, uma actriz tinha na parede, emoldurado, um belo retrato do poeta do «Campo de Flores».

Certa noite, aproveitando o espaço que a artista estava em cena, uns frequentadores boémios desenharam uns óculos e uma farta bigodeira sobre o vidro que defendia o retrato do poeta.

Quando a actriz voltou da cena, ao ver a «partida» que lhe fizeram, exclamou desolada:

— Ai, o que os malvados fizeram ao meu rico Camões!

L. R.

Palavras cruzadas

Problema n.º 3535

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									

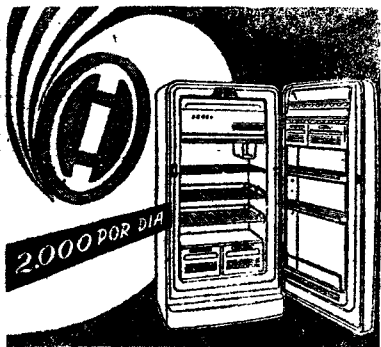
HORIZONTAIS: 1 — Felizão. 2 — Artigo definido. Ponto oposto ao zenite. 3 — Fecho as asas para descer mais depressa. 4 — Vai pelo ar. Viração. 5 — Grande quantidade. Avarento. 6 — Cansaria. 7 — Levantada. Oceano. 8 — Preposição e artigo. Preposição e artigo (pl.). 9 — Termo. 10 — Bosques. A ti. 11 — Mataram com tiro de espingarda.

VERTICAIS: 1 — Tempo do verbo ir. Metades. 2 — Pertences. Nome próprio de um dos maiores navegadores de Portugal. Mulo burreiro. 3 — Talha. Executa. 4 — Prefixo de negação. Dei entrada a 5 — Interjeição imitativa de pancada forte e rápida. Azáfama. Doença. 6 — Protelava. Apelido. 7 — Corrente de água natural e abundante. Parte dianteira da carreta de artilharia. 8 — Doutor. Canções. A ti. 9 — Ribombar. Preposição.

Solução do problema n.º 3534

HORIZONTAIS: 1 — Faro. Além. 2 — Uri. Amo. 3 — Abrir. 4 — Dó. Eça. MC. 5 — Ara. Pia. 6 — Onde. Caro. 7 — Ais. Rua. 8 — Actos. 9 — Oc. Aos. Au. 10 — Sair. Toca. 11 — Al. Alia. Os.

VERTICAIS: 1 — Fundão. Rosa. 2 — Ar. Orna. Cal. 3 — Ria. Adia. 4 — Bê. Escara. 5 — Arco. Tó. 6 — Ia. Crosta. 7 — Lar. Paus. 8 — Em. Mira. Aço. 9 — Monção. Tuas.



BOSCH

O 1.º FRIGORÍFICO ALEMÃO em qualidade, economia, técnica e preço

Os frigoríficos BOSCH de fama mundial são agora produzidos no ritmo de 2.000 por dia

8 modelos diferentes. Todos os tamanhos. Preços acessíveis. Facilidades de pagamento. Assistência técnica eficiente.



V. Ex.ª deseja comprar um relógio?

Peça um ENICAR ULTRASONIC

O ENICAR ULTRASONIC

oferece-lhe:

absoluta garantia
modelos elegantes
acabamento ultramoderno
Preços modestos

ENICAR
ULTRASONIC



O relógio Enicar Ultrasonic é o único relógio que não precisa de lubrificação durante três anos.

Cada relógio Enicar Ultrasonic tem um boletim de garantia. Há centenas de fabricantes de relógios na Suíça. Mas a Fábrica

O relógio Enicar está à venda nos cinco continentes

Enicar fabrica 8 % da produção total da Suíça, ou seja perto de um milhão de relógios por ano.

Também fabrica toda a relojoaria moderna em:

Automáticos com os últimos aperfeiçoamentos. Calendários, com a lente de aumento.

Impermeáveis: 100 % — caixa SEA-PEARL Extra-planos: sensacionalmente planos.



Nesta quadra festiva
dê-lhe felicidade e conforto

COM UMA ALMOFADA

Dunlopillo

ESPUMA DE LATEX - FABRICO INGLÊS

Representantes em Portugal

CASA GRAHAM

Rua do Aljôndego, 160, USBOA - Rua dos Clérigos, 6, PORTO



PARA OBTER MAIOR ACELERAÇÃO
USE SEMPRE

RED EX

NA GASOLINA

Dirija-se ao seu garagista ou à Agência Geral
ROMA, LDA. — Rua do Salitre, 84, 5.º, D.º — Tel. 46541
L I S B O A

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO

ENTRADA
RUA DO CARMO, 98-2.º

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas.

Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas.

Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — As 13 horas.

Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — As 14 horas.

Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — As 14 horas.

Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, fígado, intestinos e doenças anó-

rectais — As 18 horas.

Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — As 16 horas.

Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas.

Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas.

Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas.

Dr. Luis Malheiro — Pele e sífilis — As 3.ª, 5.ª e sábados, das 14 às 16 e 30 h.

Prof. Dr. Aleu Saldanha — Raios X — As 16 horas.

Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas.

PORTO DA SILVA

...tem arte de ser Porto em qualquer parte.

Prove Rei Eduardo um Vinho de categoria

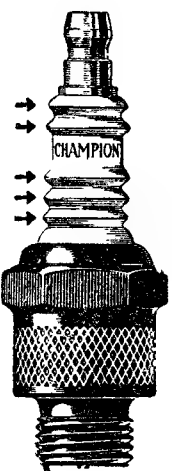


Representantes para Lisboa e Sul do País:
ADELINO & LOPES, LDA.
 8, Largo da Trindade, 9 — LISBOA — Telefones 21260-22828

ACESSÓRIOS E PEÇAS PARA TODAS AS MARCAS DE VEÍCULOS AUTOMÓVEIS

**ESTES 5 RESSALTOS
PODEM OFERECER-LHE
MAIOR POTÊNCIA**

O isolador de 5 ressaltos, exclusivo da Champion, oferece-lhe uma protecção 20% maior contra curto-circuitos do que um isolador liso... ajuda a assegurar uma faísca perfeita, a qual permite obter do motor toda a potência e rendimento para que foi criado.



CHAMPION

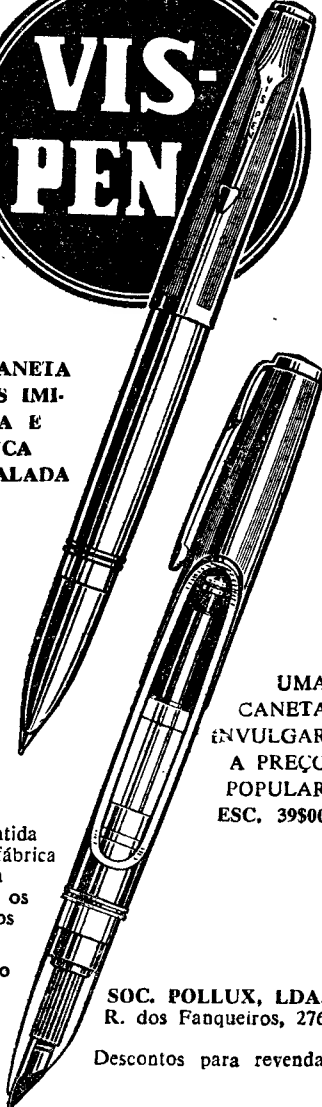
Para um rendimento perfeito de qualquer carro, substitua as velas sujas, gastas e queimadas por velas novas, Champion de 5 ressaltos.

Representantes
C. SANTOS LDA.
 Lisboa — Av. da Liberdade, 29-41
 Porto — R. de Sta. Catarina, 160-168
 Coimbra — Av. Fernão de Magalhães, 70-78

ACESSÓRIOS E PEÇAS PARA TODAS AS MARCAS DE VEÍCULOS AUTOMÓVEIS

VIS-PEN

A CANETA MAIS IMITADA E NUNCA IGUALADA

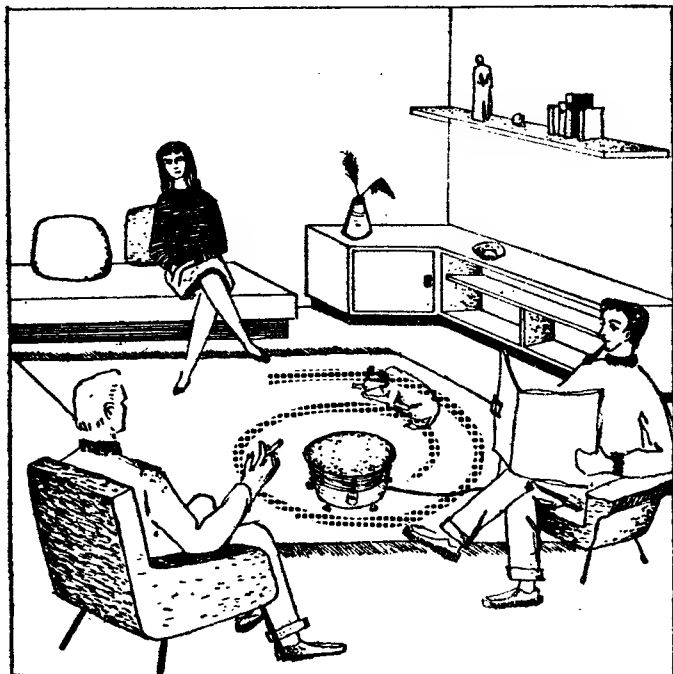


UMA CANETA ENVULGAR A PREÇO POPULAR ESC. 39\$00

Garantida pela fábrica contra todos os defeitos de fabrico

SOC. POLLUX, LDA.
 R. dos Fanqueiros, 276
 Descontos para revenda

NOVO PRINCÍPIO DE DISTRIBUIÇÃO UNIFORME DO CALOR...



No serão familiar, calor agradável e saudável para todos, graças ao Termo-Ventilador

indola popular

DISTRIBUIÇÃO EM LISBOA
JOÃO SOARES JÚNIOR (HERDEIROS)
 LARGO DO ANDALUZ, 6-1.º
 Telefone 52541

ANTES DE ESCOLHER BRINDE!
 VEJA OS MODELOS 1959
 DAS MÁQUINAS DE COSTURA E TRICOTAR

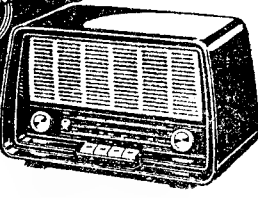
HUSQVARNA-ORION



DOIS PRODUTOS
 QUE TÊM A
 GARANTIA E
 ASSISTÊNCIA DA

ORGANIZAÇÃO **HUSQVARNA** EM PORTUGAL
 PERTENCENTE A
SOC. LUSO-SUECA, L.ª
 COM SEDE EM LISBOA, NA R. ALEX. HERCULANO, 9-A
 E FILIAIS EM TODO O PAÍS

Blaupunkt



**UM PEQUENO GRANDE
PRODÍGIO
DA SÉRIE SINFÓNICA**

ATRAENTE APRESENTAÇÃO
 ALTA SENSIBILIDADE DE CAPTAÇÃO
 E FIDELIDADE DE REPRODUÇÃO
 3 BANDAS DE ONDAS: MÉDIAS E
 2 DESDOBRAMENTOS DE CURTAS
 COMUTACÃO DE BANDAS POR TECLAS
 LIGAÇÕES PARA GIRA-DISCOS
 E ALTOFALANTE SUPLEMENTAR
 ANTENA GIRATÓRIA FERRIT
 CIRCUITOS IMPRESSOS

Preço Esc. 1.495\$00

A VENDA NOS
 AGENTES OFICIAIS

PONTO AZUL

CAMISAS
 POR MODELO OU POR
 MEDIDA
 TECIDOS A ESCOLHA
 OU DO CLIENTE

13 modelos em exposição
 Consertos e transformações
 por pessoal especializado

ROVIL
 Rua Arco Marquês do Ale-
 grete, 50, 1.º — Telef. 862402
 Envio à cobrança pelo correio

BATAS HOSPITALARES
 PIJAMAS E CUECAS

**SINTRA ESPERA O
NO DOMINGO**

Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

O «Diário de Lisboa» vende-se
 em MONTE-MOR-O-NOVO, na casa
 Joaquim R. Amaro.

VINHO ESPUMANTE NATURAL



Diamante Azul

CAVES DO **Barrocal L.ª**
 FOGUEIRA PORTUGAL

DINHEIRO
 COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS
 OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS
 RAPIDEZ E SIGILO
 A FINANCIADORA
 EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
 NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

CARPETES AXMINSTER

Os mais belos desenhos nas melhores qualidades inglesas
 Representantes e depositários de «Carpet Trades, Ltd.»
 RUA DA PRATA, 214, 1.º

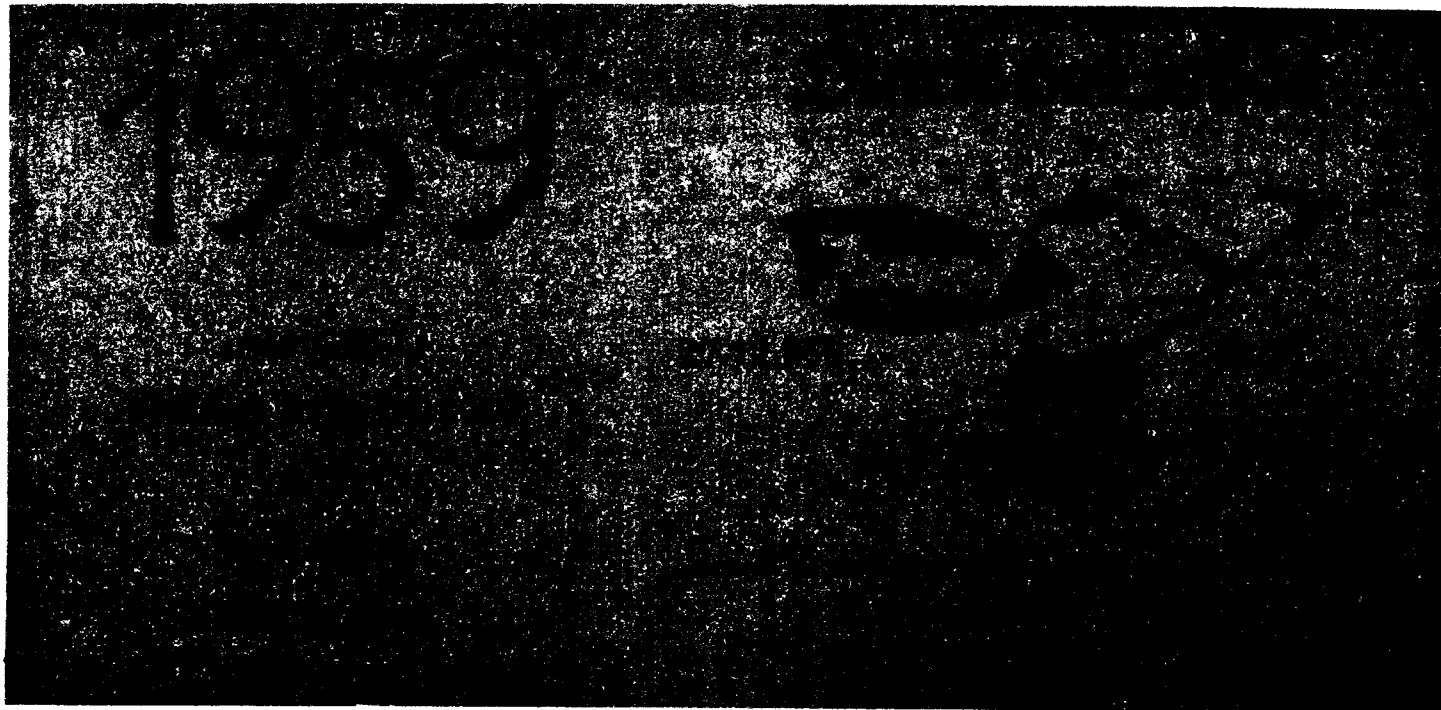
GUILHERME SILVA, FERREIRA, LDA.

Leiam o jornal humorístico

fixe

CONTRA A TOSSE

Rebuçados Peitorais de S. aulo
 A PRIMOROSA LDA.
 Rua de S. Paulo n.º 130
 Telefone 26511



CONCURSO GIGANTES DA HUMANIDADE

O genial Poeta da «Divina Comédia», juntamente com mais dois grandes Poetas italianos do final da Idade Média, e um dos mais importantes percursos do Humanismo. Diz o historiador Robert Arnold que «a veemente aspiração dos humanistas de 1400 a uma restauração do poderio e beleza da Antiguidade Clássica já não era estranha à mente do imortal escritor florentino, que recordava constantemente aos seus compatriotas o antigo Império, pontuando como modelo, ante os olhos do seu pequeno povo, aquele passado de grandiosidade, e atraindo-se e atraindo o termo, a Antiguidade sobre os tempos medievais, e elegendo o pagão Virgílio como guia através da cidade dos tormentos (O Inferno) e como padrão para uma poesia exclusivamente cristã». Além da profunda beleza da «Divina Comédia», esta obra-prima do engenho humano é um monumento de

coragem e de lucidez. O Poeta não recua em colocar no Inferno as mais altas personalidades que lhe pareceram merecer todo o desprezo dos homens de bem.

Além da «Divina Comédia» escreveu ainda a «Vita Nuova», história do seu amor por Beatriz Portinari.

As respostas ao Concurso desta semana devem estar em «JUVENIL», até ao próximo dia 3 de Janeiro de 1959, acompanhadas das habituais informações: nome completo, morada, data de nascimento e os concorrentes (que ainda não indicaram) e número de ficha, no caso de já o terem. Juntamente devem mencionar os três artigos desta semana que mais lhe agradaram.

Além dos prémios habituais, concederemos um prémio especial ao melhor trabalho sobre o imortal Poeta que esta semana homenageamos.

ANO BOM

Por MÁRIO CASTRIM



Fica sabendo (pois, sabendo-o, a gente muito mais longe alcança):
A esperança
é como uma semente.

No punho que o Inverno enegreceu
pode a terra prendê-la.
Ah, mas como prender a quem nasceu
com o sinal de estrela?

Quando o tempo tiver raiz de aurora
e quando a voz do Anjo for descida
(por exemplo, agora...)
a semente tirará o braço verde de fora
para cumprimentar a vida.

MÁRIO CASTRIM

O HOMEM DO SACO NO MUNDO DO NADA

Conto de AGOSTINHO DE BRITO MACEDO

O homem levantou-se, deixando o ficar no chão o saco. Olhou o Sol com um vultoso e amaldiçoou o calor, o vento e a rudeza do chão, a que não estava habituado. Depois viu a árvore. Nunca tinha visto uma árvore, mas sabia que aquilo era uma árvore... Apalpou uma folha... Era macia. Então, teve pena que no Mundo dele, não houvesse árvores. Sentiu com mais doçura o calor do Sol, e até começou a gostar

dele... Deixou cair no chão a folha e o vento levou-a. Gostou do vento. Andou um pouco no Mundo que não era o dele e ri-se da dureza do terreno. No mundo dele não havia nada. Tudo fluía. Era o nada. Ele próprio era nada. Só imaginação. Apalpoou-se... sentiu carne, e ficou contente por saber como era a carne.

Viu aproximar-se um rapaz... e assustou-se. Não por si, mas por causa do rapaz. Ele passou e o homem de um outro Mundo falou-lhe... Mas o rapaz não ouviu, nem viu nada. Nem sequer o saco. Eram feitos de matéria de um outro Mundo. Eram nada na Terra. Então o homem ficou triste. Pensou como tinha sido fácil ter vindo. No mun-

do dele bastava desejar ir a qualquer parte e ia-se... O homem de um outro Mundo estava cada vez mais triste... e desejou ir-se embora... E foi.

No chão da Terra ficou o saco esquecido... Mas ninguém o descobriu. Porque era feito de matéria de um outro Mundo... que na Terra era nada...

AMIGO 1281
(19 anos)

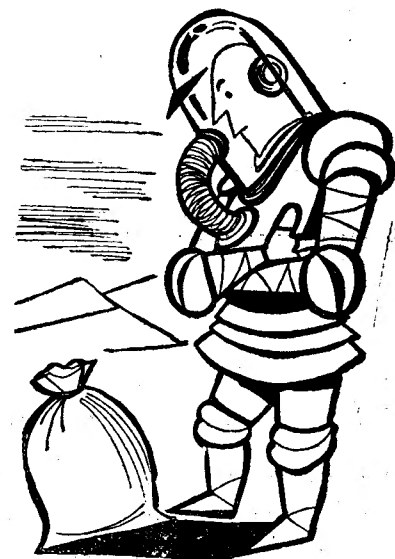
Notas de leitura

A verdade histórica

A há pouco tempo, deu-se à Bíblia uma importância meramente religiosa; contudo, mercê do trabalho porfiado de historiadores e arqueólogos que se dedicam ao Médio Oriente antigo, chegou-se à conclusão de que, em grande parte, a Bíblia pode ser considerada não apenas uma fonte histórica do passado dos Judeus, mas de outros povos com quem conviveram, sobretudo Egípcios, Assírios e Caldeus. As descobertas de Emil Botta, em 1843, fizeram extraordinária luz sobre o assunto. Inesperadamente, do coração da Mesopotâmia, surgiram descrições minuciosas dos feitos bíblicos. Das ruínas encontradas e desenterradas, o próprio Sargão II, o rei que dizimou Israel, surge com o seu ar enigmático, nitidamente talhado na pedra dura.

Uma a uma, um após o outro, figuras e lugares lendários aparecem da terra escavada, umas e outros envoltos na poeira misteriosa de milhares de anos. E, segundo afirma Keller, o autor do livro «A Bíblia tinha razão», tudo aparece, precisamente, nos locais onde a Bíblia os colocara através dos tempos, forçados ao silêncio das coisas mortas. Trazendo-os para a luz ardente do Sol, Botta deu-lhes vida. Os trajes, as armas, a austeridade dos rostos, os lugares sagrados, a fortaleza do rei Saul, o sorriso pacífico de Snaquerib, tudo surge em cortejo, mas tomando a medida que surgem, a forma das coisas vivas. A vida do dia a dia nasce das pedras e das areias revolvidas e vem até nós trazida pelo vento do deserto estéril. Pois, Amigos, o deserto estéril desentranha-se em ciência e poesia e mais do que isso e mais forte ainda do que isso, é um poema de Amor fraterno, a luta por um ideal que nem a acção destruidora do tempo, as tempestades violentas de areias, as chelias trai-

(Continua na última página)



O mistério da bengala de bambu (IV)



— Tremes, Basílio! — exclamou o detective, com um tom de censura na voz. — Tremes e é de medo! E sem nenhum motivo...

— Evidentemente! — e os dentes do ajudante batiam como castanholas, ao mesmo tempo que relanceava olhares furtivos para os jacarés á sua beira. — O meu amo nem sabe o repouso que me dá a presença destes camaradas!

— Vejamos! Ele não é nada agradável, confesso. Mas os piores jacarés não são esses, mas sim os que estão dentro de nós — o remorso, certa indiferença, ás vezes, perante a injustiça e o crime, e também o medo...

— Ele a dar-lhe. — A companhia desses aí, até nos faz serviço e bom. — Tá tá tá!

— Compreendo, Basílio. nada é pior do que a solidão. Uma presença viva, qualquer que seja, justifica uma acção, justifica a vida...

— Ora que tal, heim! — E o Basílio cruzou os braços sobre o peito. — Não querem ver tanta filosofia ao pé destas boquinhas tão amáveis que só aguardam um desequilíbrio meu para... para...

— Ai está. Nada desequilibra tanto como o medo. Eles já repararam que estás com medo. Os animais compreendem isso á légua. Só se afastarão quando verificarem que o medo já não existe, porque só então perderão as esperanças.

Na verdade, Basílio sossegou os nervos. Começou a cantar, até, na sua excelente voz de barítono, o *Lá em cima está o tiro-líro-líro!* E fê-lo com tanta alegria e boa disposição que, em breve os crocodilos desistiram da perseguição perigosa.

A corrente continuava a arrastar a piroga a grande velocidade, balouçando-a levemente. O ajudante do polícia-amador ia adormecer quando a voz do amo se abateu sobre ele:

— Basílio! Olha para além!

— Credo! O senhor, francamente...

— Vê, Basílio, Vê! com os teus olhos de lince e diz que me não engano, que não é uma miragem! Não vês um barco, á nossa frente?

— Exacto. E' um barco mesmo...

— E o passageiro... não o distinguês?

— Sim, o passageiro... Mas...

— O homem da bengala de bambu, meu caro! O homem que roubou a máquina de parar o tempo! E' ele! Temos de o apanhar!

Ajudando-se com umas folhas largas á maneira de remos, aumentaram ainda a velocidade que levavam. Daí a alguns minutos, as duas pirogas estavam lado a lado. Pararraios atracou-se ao ladrão mas este ergueu a bengala de bambu para desferir sobre o detective o golpe de morte...

Então Basílio assistiu a uma ce-



na verdadeiramente sensacional: um macaco, pendurado de um ramo, na margem, arrebatou a bengala das mãos do agressor e fugiu com ela para o cimo da árvore, atirando-a ao ar e recebendo-a com a habilidade de um «clow» de circo.

Pararraios, desinteressado do ladrão, seguiu o macaco. De subito, novo golpe de teatro! No momento preciso em que a sorte da Humanidade ia jogar-se numa luta de morte entre o símio e o homem, entre as forças cegas da Natureza, e o fúnil da consciência vigilante, uma rede se abateu neles e os colheu no mesmo saco...

Basílio embrenhou-se no mato e foi dar com um aglomerado de caméios onde se lia: *Grande Circo Batum*. Ali veio a saber que um macaco da companhia fugira momentos antes; ao recuperá-lo, veio também na rede um estranho ser, meio homem, meio mocho. Estupenda atracção para o circo, aquela!

Adivinharam, por certo, que a atracção era, nem mais nem menos, o grande detective Pararraios. Basílio teve dificuldade em libertá-lo, pois Batum, o chefe, não se resolvia a perder o «bicho» como ele dizia.

— E a bengala? — lembrou Basílio.

— Deixa-a estar — respondeu o detective. Das mãos do gorila ninguém a arrancará, isso posso garantir-te. Daqui vamos para o Rio de Janeiro — e lá arrumaremos o assunto...

Uma sombra deslizou por eles. Era o ladrão da bengala de bambu que sorria irónicamente...

— Deixa-o — filosofou Pararraios — o ultimo a rir é o que ri melhor!

(CONTINUA)

Concurso da semana

Gente Nossa

Se a provincia primeira é o jardim de Portugal Esta moça é jardineira? Tal e qual!

Daria com ela em mil, num milhão, por minha fé. Tão alegre e tão gentil... Isso é!

E quando ela dança o vira parece fugir do chão parece que nem respira... (Não? Então?...)

Em cada uma, no monte, disse-o alguém certa vez, há uma Maria da Fonte. Bem, talvez.

Quando o francês invasor espezinhou nosso lar não ficou ela a fiar não, senhor.

Tanta valentia teve entre os primeiros avós! Portugal muito lhe deve todos nós...

A provincia portuguesa onde esta figura cabe todo o nosso leitor sabe com certeza.



Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta, ou postal, á seguinte pergunta:

Qual a provincia portuguesa a que pertence a figura que hoje publicamos?

As respostas devem estar na Redacção até ao próximo dia 5 de Janeiro de 1959.

HISTORIA DE ANIMAIS

Vamos aqui fazer menção de duas belas Antologias, que pertencem á mesma Colecção a que nos referimos num dos nossos ultimos numeros: «ANTOLOGIA-ARCÁDIA».

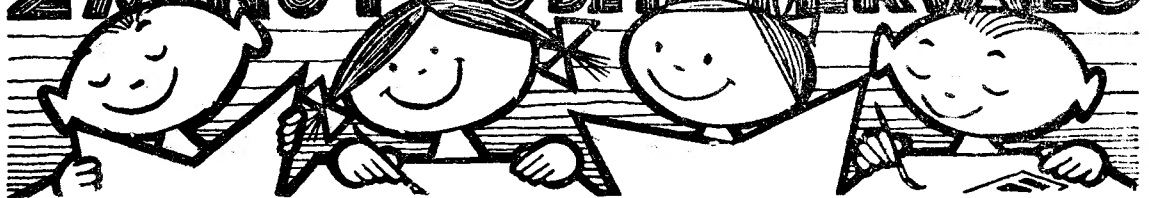
A primeira é uma 3.ª edição de «As mais belas Histórias de Natal», em que aparecem os nomes de Eça de Queirós, Machado de Assis, Selma Lagerlöf, Dostoiéwsky, O. Henry, etc., etc. Cada história, no total de treze, leva uma excelente illustração de Carlos Ribeiro.

A outra Antologia é «As mais be-

las Histórias de Animais» que se inicia com uma poética narrativa extraída das «Fioretti», de S. Francisco de Assis, e inclui contos de Anatole France, Pierre Loti, Fialho de Almeida, Palácio Valdés, Trindade Coelho, Kipling, Graciliano Ramos (um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos), André Demaison, Fábio Tombarini e Elian-J. Finbert. Todas as histórias são illustradas por José de Lemos.

Eis duas belas obras. Peçam-nas a vossos pais.

2 MINUTOS DE INTERVALO



Misterioso e simples, o Alfabeto Morse... E porquê?

Reparem, amiguinhos: uma sucessão de pontos e traços que aparentemente nada significam. Mas quantas vidas não têm eles salvo! Quantos sofrimentos não evitaram, os pontinhos e os traços que humildemente aqui têm alinhados, prontos a saltar para a vida...

E que eles representam letras. Poderás, servindo-te desta linguagem, exprimir os teus pensamentos a distancias onde a voz não chega — ou em locais onde não seja possível o emprego da voz.

Como utilizar o alfabeto?

O seu inventor, Samuel Morse, inventou-o a fim de o transmitir pela corrente eléctrica. Evidentemente que vocês não dispõem de um transmissor — mas, para se comunicarem a distancia, podem utilizar os braços...

Como?

Um braço levantado significa um ponto; os dois braços levantados, um traço. Facilímo, como estão vendo...

Podem ainda servir-se de um apito.

Neste caso, devem atender ás seguintes regras:

Um ponto é três vezes menos longo do que um traço.

O espaço entre cada sinal de uma mesma letra é igual a um ponto.

O espaço entre duas letras ou quaisquer sinais é igual a três pontos.

Finalmente, o espaço entre duas palavras é igual a sete pontos.

Se tiverem uma pilha de algibeira, podem comunicar perfeitamente na escuridão: foco rápido é um ponto; outro três vezes mais prolongado é um traço.

A	---
B	----
C	-----
Ch	-----
D	-----
E	-----
F	-----
G	-----
H	-----
I	-----
J	-----
K	-----
L	-----
M	-----
N	-----
O	-----
P	-----
Q	-----
R	-----
S	-----
T	-----
U	-----
V	-----
W	-----
X	-----
Y	-----

1	---
2	---
3	---
4	---
5	---
6	---
7	---
8	---
9	---
0	---

pode transmitir -----
onde -----
fim de trabalh. -----
sinal de começar -----

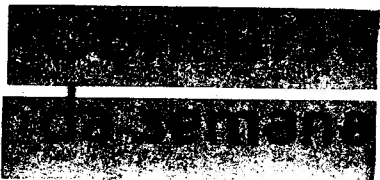
compreendido -----
erro -----
fim -----

ALFABETO MORSE

O fundamental, agora, é decorar o alfabeto. Sem isso, nada feito... Boa sorte — e boas transmissões!

FEITO ENTRE OS 17 E OS 19...

Feito entre os 17 e os 19 anos, é o que queremos dizer. Mas a que nos referimos? — perguntarão os nossos leitores maiores de 17 anos. Referimo-nos a um romance. Não é um romance feito hoje, pois se trata de uma reedição, e de uma reedição que se impunha. Na realidade estas «SETE PARTIDAS DO MUNDO» da autoria de Fernando Namora fica na nossa literatura como um caso notável de ficção sobre a vida de adolescentes feito por um adolescente. Compreendem a diferença, não é verdade? Uma coisa é um autor adulto escrever uma obra sobre jovens e outra é um jovem narrar a sua própria experiência da vida e dos da sua idade. Eis porque chamamos a atenção dos nossos leitores para o caso e lhes recomendamos a aquisição deste livro. (Editorial Arcádia).



Soluções dos Concursos do Suplemento n.º 85: I — CONCURSO «GENTE NOSSA»: Nazaré. II — CONCURSO GIGANTES DA HUMANIDADE: O compositor espanhol Manuel de Falla.

Vencedores

1. — Amigo n.º 87: João Manuel Gomes Duarte (Lisboa).
2. — Amigo n.º 1462 — Luís Gonçalves Marques Ribeiro (Lisboa).
3. — Amigo n.º 6 — Maria José Valente Perfeito (Lisboa).
4. — Amigo n.º 21 — José Joaquim Gonçalves Isabelinha (Santarém).
5. — Amigo n.º 948 — Carlos Alberto Moraes (Lisboa).
6. — Amigo n.º 1006 — Maria José C. Ramos (Faro).
7. — Amigo n.º 1150 — Mário Pereira (Lisboa).
8. — Amigo n.º 1286 — Carlos Alberto Cardoso (Torres Vedras).
9. — Amigo n.º 1454 — Jorge Manuel Correia Diogo (Almada).
10. — Amigo n.º 1457 — José Manuel Mata (Barcelos).
11. — Amigo n.º 957 — Maria Joaquina de S. Gabriel (Lisboa).
12. — Amigo n.º 1176 — Manuel Marques (Sintra).
13. — Amigo n.º 1277 — António Henrique Tavares e Castro (Coimbra).
14. — Amigo n.º 1420 — Célia de Matos Raposo (Barreiro).
15. — Amigo n.º 1464 — Zélia Maria Ferreira dos Santos (Barreiro).

Prémios

1. — «O VOO NO ESPAÇO CÓSMICO» por A. Sternfeld. Coleção «SABER», n.º 30.
2. — «HISTÓRIA DA VELOCIDADE», por P. Ducassé. Coleção «SABER», n.º 14.
- 3 a 10: «AS MÃOS NA MEDICINA E NA PSICOLOGIA», por Joseph Ranauld — último volume da Coleção «SABER», editado por PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA.
- 11 a 15: «DESPEDIDA BREVE» — por José Augusto França — último volume da Coleção «OS LIVROS DAS TRÊS ABELHAS», editada por PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE MANUEL DE FALLA

16. — Amigo N.º 939 — Ana Maria Canhão.
16. — «UM ÍNTIMO FUROR», por Kamala Markandaya. Coleção «SÉCULO XX» — Publicações EUROPA-AMÉRICA e «A CANÇÃO POPULAR PORTUGUESA», por F. Lopes Graça — Coleção SABER.

SABER

Como várias vezes se tem feito notar neste jornal, há muito poucos livros de divulgação que se publiquem entre nós, obedecendo a um plano. Hoje, uma das raras colecções que se publicam em Portugal com tais características é a colecção «Saber», editada por Publicações Europa-América. Todos os volumes que a constituem são da autoria de grandes autoridades mundiais. Por isso a podemos considerar como uma verdadeira «Pequena enciclopédia dos conhecimentos actuais».

Nesta colecção acaba de sair uma obra muito curiosa — «A Matemática dos Jogos», por Maurice Kraitchik.

Eis alguns dos volumes anteriores:

«Fernão Mendes Pinto», por António José Saraiva; «Iniciação à Estética», por J. J. Cochofel; «Alberto Einstein», por Leopold Infeld; «As lutas sociais na Roma antiga», por Leon Bloch; «O Mundo dos Ultrassons», por V. Koudriavtsev; «A Arte de Pintar», por Tristan Klingsor, etc.

Os jovens que prezam a sua cultura devem comprar todos os volumes desta colecção.



O ardina

por ZÉ LENCASTRE (12 anos)

I
Anoitece. O ardina
Aperta debaixo do braço
O enorme maço
De jornais que não conseguiu vender
Tem medo... de voltar para casa
Onde o pai bêbado lhe irá bater
II
Treme. De frio, medo e sono
E segura esfomeado
E a pensar numa caminha.
O boné esfarrapado
Que lhe cobre a cabecinha
III
Tem sono e vendo um portal

Resolve passar a noite lá.
Pensando que é melhor para si
Do que o tratem como um cão
E lhe chamem ladrão
E muita outra coisa má
IV
E adormece. E vendo aquela figura
Que é um menino de frio a tiritar
E parece daqueles principelinhos mouros
De que falam as histórias
O luar devagarinho
Para o não acordar
Beija-lhe os cabelos louros
(Amigo N.º 1172)

MARAVILHAS DA NATUREZA

O planeta mais brilhante

VÊNUS é o segundo planeta a partir do Sol. Quando atinge o máximo de intensidade, é o mais brilhante planeta do nosso sistema. Em pleno dia, quando a luz do Sol oculta a maior parte das estrelas, Vénus continua visível e brilhante.

Este planeta nosso vizinho — a sua órbita aproxima-se de nós cerca de 40 milhões de quilómetros — apresenta-nos sempre o seu hemisfério nocturno e dissimula o seu rosto porque é o momento em que se encontra entre nós e o Sol. Após cinco semanas, a bela Vénus brilha de novo em todo o seu esplendor, à direita do Sol e ornamenta a madrugada da Terra.

Com o auxílio do telescópio, podemos ver que nem sempre Vénus nos apresenta a mesma cara, ou seja a forma de um disco; é às vezes um fino crescente, como o da Lua. Esta mudança de aspecto é uma consequência das posições relativas do planeta, da Terra e do Sol. Volteia em redor do Sol, afasta-se mais e mais da Terra e o seu disco é, cada vez, mais pequeno, à medida que retoma a nossa direcção, vai crescendo até se mostrar resplandecente, em toda a sua luminosidade mais intensa. 224 dias terrestres leva o planeta Vénus a percorrer a sua órbita; portanto, os seus anos são um pouco mais pequenos que os nossos.

Mas o seu brilho esplêndido não se explica pela distância relativamente pequena que nos separa dela. Não, como se fosse um espelho a sua superfície reflecte, para nós, a quase totalidade dos raios solares.

Mas em que consiste esse espelho? Muito simples de explicar:

uma camada de nuvens extremamente densa envolve Vénus; e é a superfície exterior desta camada que envia, para nós, quase todos os raios do Sol. E não fora o vapor de água em suspensão na nossa atmosfera, mais três quartos da luz que Vénus expede, viria até nós.

Se há nuvens no planeta Vénus, então é certo que existe água e uma atmosfera que a água propicia. Quando o planeta, visto da Terra, passa diante do Sol, a atmosfera revela-se bem; o planeta aparece como um disco negro sobre o Sol, e em volta desse disco uma espécie de auréola, uma guirlanda de raios nítidos — a atmosfera de Vénus.

O espectáculo celeste que representa a «passagem de Vénus» diante do Sol não é fácil de observar; pouca gente se pode gabar de o ter já visto, pois é extremamente raro. Em Dezembro de 1882 este fenómeno deu-se visível na Terra; mas sómente no dia 7 de Junho do ano 2004 se voltará a ver. Quem lá chegar poderá ver, pelas 10 horas da manhã, o planeta Vénus passar diante do astro-rei. E não será sem dificuldade... porque a vista do felizardo esbarra nas nuvens, na densa barreira de vapores que envolve o planeta. Mas o belo astro, os mares, o solo, ficarão certamente invisíveis, porque o olhar humano não ultrapassará as densas nuvens.

Curioso fenómeno: não é a falta de luz que dificulta a boa visibilidade, mas sim o excesso de luminosidade. Os segredos que se escondem para lá desse oceano de nuvens continuarão como até aqui, insondáveis aos olhos dos homens...

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

DIÁRIO DE BORDO

Amigo n.º 962 — Maria Alzira Simião Seixo (Moita): Temos muito gosto em fazer o que pedes. Escolheste muito bem.

Amigo n.º 1389 — Fany de Melo e Castro (Lisboa): Publicaremos o teu novo trabalho e queremos que nos mandes regularmente a tua colaboração. Será agora preciso dizer que nos agrada bastante?

Amigo n.º 1078 — António Jorge de Figueiredo: Depois do Natal enviar-te-emos os jornais que pedes.

Amigo n.º 537 — Louise Russel (Estoril): Recebemos e vamos publicar a tua famosa reportagem.

Amigos novos entrados esta semana

1449 — Maria Elisabete Moreira Jorge (Bucelas); 1450 — Raul Alexandre Cabral (Vila Flor—Trás-os-Montes); 1431 — Maria Tomélia Jacinto de Carvalho (Bucelas); 1452 — T. Pais Simões de Carvalho (Lisboa); 1453 — João Manuel Moreira da Costa (Santarém); 1454 — Jorge Manuel Correia Diogo (Almada); 1455 — José Joaquim de Freitas Ferraz (Lisboa); 1456 — Adelino Gonçalves (Torres Novas); 1457 — José Manuel Mata (Barcelos); 1458 — Carlos Alberto Laranjo Medeiros (Nazaré); 1459 — Hortense de Guedes Mourato (Campo Maior); 1460 — Francisco António Ribeiro Palma (Lisboa); 1461 — José Manuel da Graça Patrício (Carregado); 1462 — Luís Gonçalves Marques Ribeiro (Lisboa); 1463 — Manuel Frederico Fonseca Santos (Lisboa); 1464 — Zélia Maria Ferreira dos Santos (Barreiro); 1465 — Florbela Pedro Angelo da Silva (Lisboa); 1466 — Maria Eduarda Vieira da Silva Veiga (Alcanena); 1467 — Maria do Rosário Vila (Lisboa).

Não mandaram a idade

...e não poderão, portanto, receber prémios os seguintes amigos:



Uma colecção indispensável

Referimo-nos à já célebre colecção editada por Livros do Brasil, Lda. — «A vida quotidiana». Quando, como sucede entre nós, se publicam tão poucas obras de verdadeira História, da autoria de grandes especialistas, que consigam interessar a juventude — nunca é demais falar de uma colecção como esta.

Ela presta esplêndidos serviços a todo o jovem que se quer cultivar, a todo o jovem que estuda (e referimo-nos em especial aos alunos do 2.º e 3.º ciclo dos liceus).

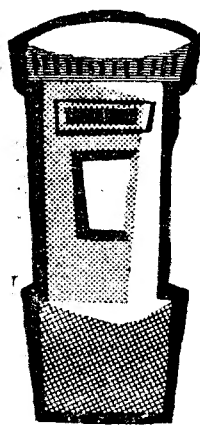
Normalmente a ideia que se faz do passado é falsíssima. Até nos esquecemos que os nossos antepassados

dos comeram, trabalharam para comer, para se vestir, para viver, em suma. Uma das grandes virtudes — uma apenas — é que nos dão uma visão da vida quotidiana do longínquo passado.

Livros publicados até à data: «A vida quotidiana no Egipto no tempo dos Ramsés», por P. Montet. «A vida quotidiana no tempo de Homero», por Emile Mireaux. «A vida quotidiana dos Astecas», por Jacques Soustelle.

«A vida quotidiana dos Incas», por L. Baudin.

Uma colecção que não deve faltar na estante de todos os jovens





Porquê?

Porque é que tudo existe
se nada deveria existir neste momento?
Porque é que existe a Vida
que nos faz viver por sobre a sombra dos nossos
próprios passos

traçando em cada segundo
a linha onde imprimimos os nossos pés?
Porque é que existes tu
fazendo-me lembrar coisas perdidas...
ecos sem som, tirados dum sonho distante
e reflectidos no horizonte dos meus olhos?
E, fitando em mim as cinzas já gastas da saudade
senti-me tremer sob os escombros dum mundo...
duma eternidade longínqua que perdi!

MARIA DO ROSARIO VILA

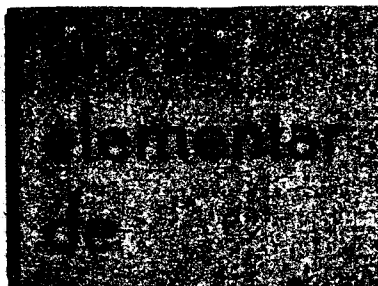
Silêncio das tardes tintas de sangue

Mergulhado num apocalíptico sentido de desespero
cai o dia
ferido na fatal batalha contra o Tempo...
Laivos rubros cobrem uma certeza
que passou,
e os pingos grossos de sangue levam ao Mundo
a caótica incerteza dum futuro.
Gemidos... urros... lamentos,
gritos que cruzam os mares e embaciam os espaços...
toda uma amálgama de despojos
se incendeia pelo ar,
impregnando o mundo das cinzas ainda quentes
dum mistério;
e em mim, fala o silêncio dum crepúsculo
raiado de sangue,
feito dos sentimentos dispersos
dum fim de tarde...

MARIA DO ROSARIO VILA

Intercâmbio juvenil

Publicamos com muito gosto esta carta dum jovem amigo norueguês:
Dear friend in beautiful Portugal,
I am a 15, 1/2 years old Norwegian school boy and is a keen fan of football. My hobby have therefore been for 4 years collect football photos, and now I have about 2500 photos all sent to me free from newspapers magazines and picture agencies in many countries around the world. But unfortunately I never have got a photo from beautiful Portugal as didn't have any address to write for before.
Could you please help to add my collections by sending me some photos from international football matches, teams famous players, etc. I would be very, very grateful and pleased if you will do so for me and it would be dear remind for me from and «Diário de Lisboa».
All good wishes from Norway
Yours friend
RALF RAMYORD



estrenografia

por Natália da Fonseca

Convém, meus amigos, que este capítulo da Estrenografia — as abreviaturas — fique bem estudado por todos os alunos.

Por isso, voltamos a insistir nele, dando, para o caderno de abreviaturas que todo o bom estenógrafo possui, mais uma mão cheia delas.

Abreviaturas-base:

negocio

2

Abreviaturas-derivadas:

f f 2

2 2 f

f . f . 2

2 2 2

Da esquerda para a direita: negociador, negociante, negociável, negociava, negociador, negociaste, negociamos, negociando, negociação, negociata.

Abreviatura-base:

comunica

2

Abreviaturas derivadas que os alunos devem escrever a partir desta abreviatura-base: comunicar, comunicado, comunicara, comunicá-vel, comunicando, comunicação.

Exercício para os nossos amigos estenógrafos: com a ajuda das sons já aprendidos:

Meu caro António:

Tive, no dia 10 deste mês, o prazer de receber notícias tuas. Gostei muito de saber que vinhas passar a Lisboa alguns dias das tuas férias.

Falei com meus pais e eles concordaram em que te podesse que viesse passar comigo o dia de Ano-Novo. Teremos assim ocasião de conversar, de matar saudades.

Teu muito amigo

2-2

Correcção do exercício anterior:

1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50. 51. 52. 53. 54. 55. 56. 57. 58. 59. 60. 61. 62. 63. 64. 65. 66. 67. 68. 69. 70. 71. 72. 73. 74. 75. 76. 77. 78. 79. 80. 81. 82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. 90. 91. 92. 93. 94. 95. 96. 97. 98. 99. 100.

Tradução: «A felicidade é coisa difícil de atingir. Com efeito só a atingimos tornando felizes os outros». Sem tradição a arte é um rebanho de carneiros sem pastor; sem inovação, é um codáver. Não há nada tão forte e tão seguro numa emergência como a simples verdade. «Sem fé em nós próprios somos tão inúteis como um fósforo húmido».

Mais algumas abreviaturas:

circunstância

paralelo

receber

grande

necessário

indivíduo

2 2 2 2 2 2

FLASH Uma réstea de Sol

Cada vez mais o Sol vai sendo objecto raro.

Agora é a chuva-gato-assanhado.

Tudo calmo, cinzento mas muito calmo. E de repente um salto telino e ela em cima de nós, ferozmente...

Não tenho nada contra a chuva. Não senhor. O que ela faz é por bem. E' por trigo e por fontes e rosas.

Chuva amiga.

Aquilo do gato assanhado eu peço que me desculpe. Ela encharcar os pobres, é na brincadeira. Não tem culpa que andem os pobres desagasalhados e mal defendidos. E' culpa dos homens.

Um dia é que vai ser... Um dia, gabardina até baixo, sapatos quentinhos, chapéu enterrado na cabeça, barriguinha cheia. Então, a chuva poderá atirar-se ao nosso peito, saltar à nossa roda, esgata-nhar-nos com os seus mil dedos sem que digamos zangados:

—Eh, gato assanhado...

Tudo muito bem se não fosse esta bronquite que vem logo que a chuva arriba. Fico dias e dias bloqueado em casa e agora vocês já compreenderam o perdoaram aquilo de eu dizer gato assanhado. Mas bem, não se fala mais no assunto.

A chuva, é o tempo dela.

De maneira que eu, mal apanho uma réstea de sol vou por aí fora, assobiando. Contente da vida que nem a borboleta que só vive algumas horas.

Aqui ao pé há o jardim. Chego lá, dá-me vontade não de ver o Tejo e paisagem, mas de ver pes-soas.

Corto á esquerda, ali onde a rua escavada faz um angulo agudo como se a cidade trouxesse o braço ao peito.

Faço contas de ir até lá ao cimo, mas dou á entrada do pátio com uma cena vulgar, mas que tem sempre o condão de me prender: um velho com o menino nos joelhos... Não sei se será falta de respeito dizer que a cara do velhinho me lembrava um pelo-de-aramé. Mas lembrava, os pelos duros e prateados, espetados... Os olhos eram mansos como dois barquinhos de papel.

—Bons dias... — digo eu.

—Bons dias! — responde o velho, enquanto aproveita, com mil cuidados, o último farrapinho de tabaco da onça.

—Como se chama o seu netinho?

—Chama-se Arraul, mas não é meu neto, não senhor. Não me é nada. Foi daquela barraquinha que ardeu, não sei se leu nos jornais, morreram todos. Só ficou este, tomei conta do pobre. En o visto, eu o lavo, eu o trato, sou a mãe dele. Não lhe sou nada — e sou tudo... Até burrinho dele sou...

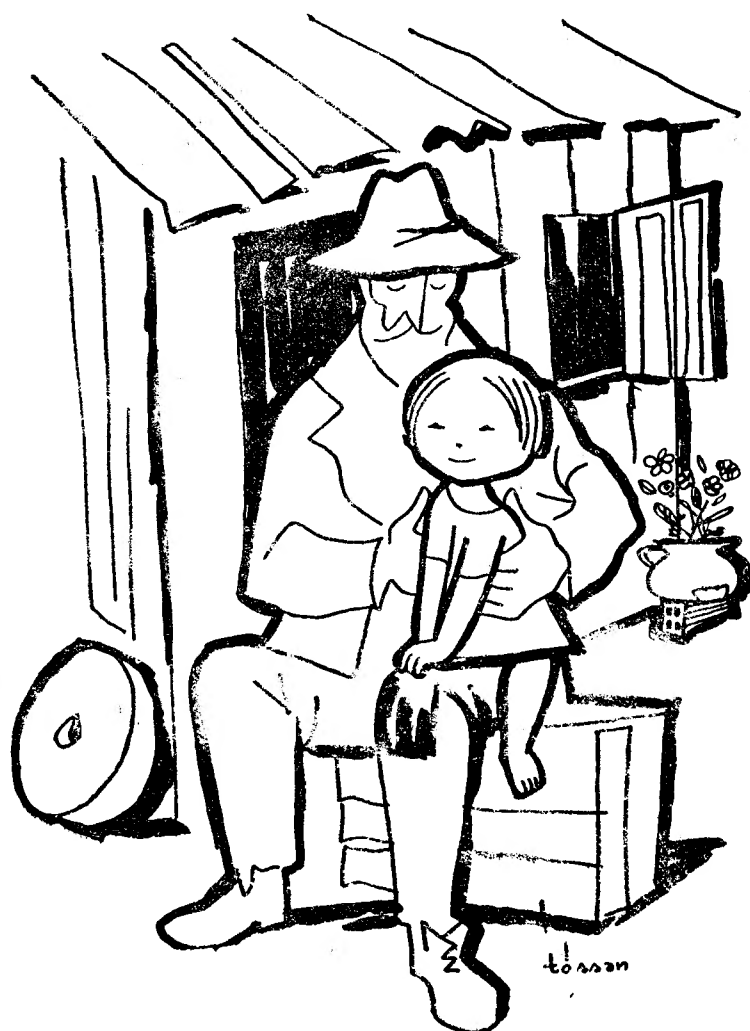
Salta o menino nos joelhos e diz alegremente:

—Chó, chó, cavalinho...

O menino baba-se todo, de prazer.

Desço a rua torta, como se a cidade trouxesse o braço ao peito. Escrevo na minha agenda: «Não esquecer onça de tabaco pra o velho».

MANUEL AGRA



NOTAS DE LEITURA

(Continuação da 1.ª página)

coirras, o lodo perigoso e ao mesmo tempo benéfico—nada destruiu. Nos tijolos marcados de desenhos estranhos pela escrita cuneiforme ou nos papiros egípcios, a História vai sendo decifrada, lenta mas seguramente; Keller aponta a umas quatrocentas páginas que se lêem dum folego, as descobertas históricas que são a reconstituição do que era a vida difícil de há quatro mil anos: o aspecto económico, dia a dia apontado; as salas e pátios dos palácios sumptuosos; formas nas lajeiras sem calor; cinzas de fogueiras extintas, maravilhosas pinturas murais com o brilho e a cor da primeira hora, vazinhas de barro, contas de despesas, carvões semidados... quatro mil anos de segredos agora desvendados.

Assim, as «lendas piedosas» passam a realidade histórica, arranca-

da das areias escaldantes ou das margens lodosas do Nilo.

Keller supõe ser possível encontrar novas e revolucionárias descobertas sobre os locais onde viveu Jesus Cristo e se desenvolveram as primeiras comunidades cristãs.

No seu livro «A Bíblia tinha razão», Keller aponta, com extrema minúcia, o trabalho dos egiptólogos assiriólogos, dos arqueólogos e cientistas que procuram a Verdade daqueles tempos recuados da vida dos Judeus e povos que privaram com ele. E esperamos que a profecia se realize e a terra devastada se torne em jardim de Eden.

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

«A Bíblia tinha razão» por Werner Keller, Livros do Brasil, Ld., Lisboa, 1958.